

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO



fotocronografias

vol. 06 num. 14

EDIÇÃO ESPECIAL

ACESSE EM
MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS

2020
E-ISSN 2595-3559

PRODRUÇÃO
BIEV E NAVISUAL

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social
Núcleo de Antropologia Visual - Banco de Imagens e Efeitos Visuais

Editoras

Ana Luiza Carvalho da Rocha, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Cornelia Eckert, UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Comissão Editorial

Camila Braz, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — caamilabraaz@gmail.com
Fabricio Barreto, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — fabriciobarreto@gmail.com
Felipe da Silva Rodrigues, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — felipe.editoracao@gmail.com
Guillermo Gómez, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — guillermorosagomez@gmail.com
Joanna Sevaio, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — jmsevaio@gmail.com
José Luis Abalos Junior, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — abalosjunior@gmail.com
Leonardo Palhano Cabreira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — leo.csociais@outlook.com
Manoela Laitano Chaves, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — manoelalaitano@gmail.com
Marcelo Fraga, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — mrsfraga@gmail.com
Matheus Cervo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — cervomatheus@gmail.com
Thiago Batista Rocha, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil — thiago.batista@ufrgs.br

Conselho Editorial

Angela de Souza Torresan, University of Manchester, Inglaterra
Carlos Masotta, UBA, Argentina
Carmen Sílvia de Moraes Rial, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
Christine Louveau de la Guigneraye, Centre Pierre Neville, Université d'Évry-Val-d'Essonne, Maître de conférences en communication, França
Daniel Daza Prado, IDES, Argentina
Daniel S Fernandes, UFPA, Universidade Federal do Pará — Campus Bragança
Fernando de Tacca, Unicamp, Brasil
Flávio Leonel da Silveira, Universidade Federal do Pará, Brasil
Gisela Canepá Koch, Departamento de Ciencias Sociales de la Pontificia Universidad Católica del Perú, Perú
Jesus Marmanillo, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
João Braga de Mendonça, Universidade Federal da Paraíba, Brasil
Luciano Magnus de Araújo, Universidade Federal do Amapá, Brasil
Luiz Eduardo Achutti, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Milton Guran, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Paula Guerra, Universidade do Porto, Portugal
Renato Athias, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
Rumi Kubo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Sarah Pink Instituto Real de Tecnologia de Melbourne, Austrália
Sylvaine Conord, Université Nanterre, França

www.ufrgs.br/biev/
medium.com/fotocronografias
fotocronografia@gmail.com
+55 (51) 3308 6647

biev

UFRGS

vol. 06 **num. 14**

Organização
Claudia Ribeiro - Doutora e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PPGDR/UFRGS), Brasil
Cornelia Eckert - Professora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UFRGS), Brasil
Fabricio Barreto - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFRGS), Brasil
Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador Voluntário Biev UFRGS, Brasil

Fotos da Capa e Contracapa
Kelly Koide, Débora Wobeto e Filipe Seefeldt de Césaro

Diagramação e Editoração
Fabricio Barreto - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP/UFRGS), Brasil
Felipe da Silva Rodrigues - Pesquisador Voluntário Biev UFRGS, Brasil

EDIÇÃO ESPECIAL

foto *crono* grafias

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO

2020

Sumário

vol.06 num.14

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO

Etnografias do confinamento: Apresentação 06
Claudia Ribeiro, Cornelia Eckert,
Fabricio Barreto, Felipe da Silva Rodrigues

A morte rubra usa máscara? 12
Kelly Koide

Plaza de los Eucaliptus, número 03 34
Ana Claudia França

O que eu vejo da minha janela 48
Simone Portela de Azambuja

Cada um no seu quadrado: vizinhança na pandemia de covid-19 56
Luiz Henrique Campos Pereira

Transformaciones del itinerario cotidiano en contexto de encierro y aislamiento social 74
Paulina Osorio-Parraguez

Lamentos como lágrimas perdidas ao vento 82
Ana Luisa Fayet Sallas

Estética de muerte en el hogar 94
Andrea Murillo

Em nome da amizade 106
Fábio Gatti,
Fernando Cury de Tacca

O AVESSO DO AVESSO DA FOTOGRAFIA É A IMAGEM? Experimentação verbo-visual para uma erótica das formas expressivas 120
Ronaldo de Oliveira Corrêa

“La camelia de Elsa: rituales confinados, sentires intergeneracionales” 128
Ignacia Navarrete Luco

CABAÇA, CABEÇA, CABAÇA Trajetos e temporalidade durante a pandemia - confinamento e deslocamento 142
Nicole Elis Porto

Em busca dos olhos de minhas avós: reminiscências crepitantes, urdiduras do esquecimento 156
Ana Elisa de Castro Freitas

Sem vacina 180
Claudia Ribeiro

Paisagens Caleidoscópicas: Cores & Sensações fotográficas no cotidiano pandêmico 198
Mário Ferreira da Silva

Samples etnográficas de uma experiência em quarentena 220
Filipe Seefeldt de Césaro

Cotidiano e quarentena numa morada rural: ciclos, fraturas e distensões temporais 238
Olavo Ramalho Marques

Etnografias do confinamento 262
Rumi Regina Kubo

A reinvenção do cotidiano sem os passos perdidos na cidade 274
Marina Bordin Barbosa,
Nicole Kunze Rigon

Diário da pandemia: os primeiros 170 dias 286
Débora Wobeto

Etnografias do Confinamento: Um caminhar pelas ruas de Porto “não tão” Alegre em meio a pandemia 300
Gabriel Sager Rodrigues

Desconfinamento no Canto do Badejo 316
Carmen Rial

Passos contados na cidade confinada 320
Fabiela Bigossi

Imagens e(m) pandemia: passagens-tempo 338
Alexsânder Nakaóka Elias

Vazios e concentrações na metrópole pandêmica: Imperatriz-MA seus medos e suas ruas 356
Jesus Marmanillo Pereira

Claudia Ribeiro [1]
Cornelia Eckert [2]
Fabricio Barreto [3]
Felipe da Silva Rodrigues [4]

Etnografias do confinamento: Apresentação

SOBRE ESTARMOS JUNTOS E CONTINUAR

Em março 2020, mal havíamos retomado o semestre de trabalhos no Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) no Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quando sobreveio a notícia do alastramento da Pandemia de Covid-19 no território brasileiro e a sequência de medidas tomadas por governadores e prefeitos, seguindo as orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS). Todas as instituições de ensino encerraram as atividades presenciais, como foi o caso da UFRGS, que logo dispôs aos docentes e discentes um modo conferência para reuniões virtuais.

Entrei em contato com os pesquisadores do Navisual e propus nos encontrarmos por esta via, considerando que em grande maioria dos integrantes temos acesso à internet e equipamento para contato virtual.

1 - Doutora e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
cribeiro.pareci@terra.com.br
http://orcid.org/0000-0001-5486-4187
http://lattes.cnpq.br/1958559799658855

2 - Professora do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL) e do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV).
chicaeckert@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2815-7064
http://lattes.cnpq.br/7446126566413577

3 - Doutorando no Programa de Pós-graduação em Políticas Públicas (PPGPP) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
e-mail: fabriciobarreto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4284-0238
CV lattes: http://lattes.cnpq.br/3082951793368318

4 - Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - felipe.editoracao@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-3646-7641
http://lattes.cnpq.br/8171419229468738

A primeira reunião, com esta nova interface, ocorreu no dia 17 de março 2020. Lembro bem de esclarecer ao grupo que não se tratava de mantermos as reuniões por obrigatoriedade, mas que para mim era importante saber que todos e todas estavam bem, se cuidando e com saúde em todos os sentidos. Minha proposta era para, ao menos uma vez por semana, estarmos juntas e juntos. A questão, no entanto, era precisar o motivo para o nosso habitual momento de trocas e aprendizado de antropologia visual. Surgiu então a ideia, reconfigurando as três horas do encontro de todas às terças-feiras a partir das 14 horas: “Pessoal, vamos fazer uma oficina com equipamento imagético sobre a nossa experiência de confinamento?”

A reação foi positiva. A proposta logo se concretizou a partir de uma conversa com o navisualiano fotógrafo e antropólogo Fabricio Barreto. Propus darmos uma oficina sobre a experiência cotidiana de cada um, cada uma, dos (das) pesquisadores do Navisual. Fabrício daria conferências sobre a produção de imagens com um aparelho de captação de imagens (máquina fotográfica, celular) bem como orientação técnica e conceitual para elaboração de ensaios fotográficos no formato de narrativas visuais. Enquanto isso, Cornelia Eckert, apresentava material bibliográfico sobre o novo coronavírus sob o ponto de vista de intelectuais cientistas sociais ou outros experts.

Nomeamos, eu e Fabricio, os encontros de Oficina Etnografia do Confinamento, montando ele um programa de formação de produção de imagens dirigida para o exercício etnográfico. Felipe Rodrigues somou-se ao grupo, principalmente orientando-nos sobre montagem e diagramação do material imagético coletado em nossas pesquisas. Eu orientei sobre o fazer etnográfico, buscando dinamicamente um reposicionamento desta nossa cotidiana ocupação em tempos de distanciamento social: seja aportando estudos e análises que logo começaram a circular, seja trazendo as ideias em debate na comunidade antropológica, tendo em vista, por exemplo, possibilidades de pesquisa mediadas pelas redes sociais.

O programa para a Oficina levava em consideração o desafio de etnografar nossa própria experiência de permanecer em casa, com saídas apenas para o absolutamente necessário e a adesão aos novos hábitos de segurança e de proteção à infecção do vírus que passaram a ser recomendados: uso de máscaras, uso de álcool gel ou álcool, distanciamento social. Em grande maioria confinados, imersos em nossa bolha (pois isso foi para nós possível), procuramos desenvolver uma etnografia do familiar, da Alteridade próxima, a partir da nossa rede de convívio diário. Seguindo a tradição do ofício do etnógrafo, orientávamos para manter um olhar distanciado e reflexivo para estas novas rotinas. Confinados em nossas casas, fomos debatendo sobre um campo conceitual interpretativo para considerar a produção de imagens sobre as situações vividas que fomos compartilhando.

A cada encontro, nas terças feiras à tarde, em reuniões virtuais, Fabricio avançava no ensino para aprendizagem dos ensaios fotográficos da etnografia do confinamento e cada pesquisador e pesquisadora passou a apresentar seus pontos de vista imagéticos dessa experiência tão diferenciada. Aberto ao debate, cada ensaio nos encantava com a forma criativa e afetiva com que o confinamento era versado. Aos poucos e na medida das possibilidades de cada caso e lugar, colegas da rede de pesquisadores da antropologia visual no Brasil, se somaram ao grupo: Alex e Luís de São Paulo, Jesus do Maranhão, Ana e seus alunos do Paraná, pesquisadores mesmo deslocados de seu local de moradia habitual conseguiram, em formas e constâncias variadas, manterem-se vinculados à nossa oficina. O mundo virtual vivenciado em seus prodígios, mas também em suas falhas e inaptidões.

Em especial fomos repassando as cargas emocionais e o sofrimento pelo medo, não somente do desconhecido, mas da forma inadimplente com que o governo central contrariava as orientações da OMS, desorientando e confundindo a população em relação às medidas para evitar a propagação do vírus, superlotando os hospitais e levando o país ao segundo lugar no ranking mundial de infectados e de vítimas por Covid-19.

Tensões abordadas em nossos encontros. Em debate sim, contudo afirmando afetuosa vontade argumentativa em que “ninguém larga a mão de ninguém”. Como editores da Revista Fotocronografias, acolhemos a ideia de organizarmos uma edição especial para reunir os trabalhos que foram assim sendo construídos de março a agosto de 2020. Mas organizar um número temático é muito trabalhoso e por sorte Claudia Ribeiro veio se somar a equipe de editores: Felipe Rodrigues, Fabricio Barreto e eu.

Deixo agora para Fabricio, Felipe e Claudia, adicionarem aqui seus escritos para testemunharem esta criação coletiva de uma ação imaginante que esperamos compartilhar com uma grande comunidade de apreciadores de narrativas etnográficas visuais sobre um tema carregado de anseios e medos, mas também e sobretudo, de superações.

Cornelia. Expondo nossa conversa contigo, eu Claudia aceito o convite que faz ao restante da equipe editorial que organiza este número especial da Fotocronografias. Participando desta apresentação, julgo relevante o meu duplo testemunho sobre estes meses nos quais efetivamente conseguimos — em medida que julgo bem além do que seria minimamente factível — transformar a nossa angústia coletiva pela pandemia em uma construção comunitária. Resultado que vejo obtido no sentido antropológico, à la Turner

mesmo, uma vez que enfrentamos uma situação liminar, algo que definitiva e radicalmente vêm nos transformando. A tal ponto, que julgo no presente momento muito difícil precisar em que medida mesmo estamos sendo desafiados a reinventar as nossas relações.

Ressalto primeiramente, como integrante do Navisual, um aspecto perceptível também por intermédio desta experiência de convívio. Absolutamente não banal, ele aponta para a mutação não apenas da atividade acadêmica (e internamente a ela, do nosso grupo de pesquisa): da necessidade premente de reinvenção pessoal, em nossos pertencimentos múltiplos e variados como seres relacionais. Depois, em segundo registro, minha experiência pessoal diz sobre o acolhimento generoso deste longevo grupo. Metódica e tenazmente, tal atitude tem permitido ininterruptamente por 30 anos as atividades de discussão aplicada das possibilidades de bons usos das imagens na construção de conhecimento. Minha presença aqui demonstra a existência de conversas arejadas e de ótimo trânsito disciplinar, características das atividades que finalmente resultaram neste denso e variado conjunto de contribuições reflexivas agora apresentado. Ações de duração: criativas, dedicadas e ritmicamente persistentes, conseguiram manter “a chama da vontade do encontro” presente, apesar da situação adversa, como poderão Fabricio e Felipe detalhar com muita propriedade a seguir.

As atividades da oficina iniciaram despretensiosamente, mais como um motivo para nos encontrarmos em um período de profundas incertezas. Cornelia e eu, Fabricio, nos encontrávamos via web para elaborarmos as propostas de atividades da semana. Tínhamos a ideia de propor tarefas que não sobrecarregassem nossos dias, mas capazes de preencher uma nova rotina com afazeres a proporcionar-nos alguma reflexão sobre o contexto que se impunha. Sobretudo, estávamos dispostos a continuar nossas reflexões por imagens, um sentimento de necessário refletir sobre o cotidiano, sobre as investigações em nossas pesquisas com imagens, acostumados a encontros presenciais, observações participantes e etnografias de rua. Diante das diversas impossibilidades que nos constituem enquanto pesquisadoras e pesquisadores em Antropologia inquietava-nos a aparente imobilidade imposta.

Aos poucos a Oficina foi tomando forma. Sistematizamos um cronograma de encontros embasado em trabalhos de artistas visuais, cineastas e aporte técnico na produção, tratamento e construção narrativa com fotografias. As referências teóricas habituais continuaram a integrar nossos calorosos debates, porém obrigadas a se adaptarem ao emprego no novo contexto pandêmico: demonstrando consistência conceitual no enfrentamento de suas

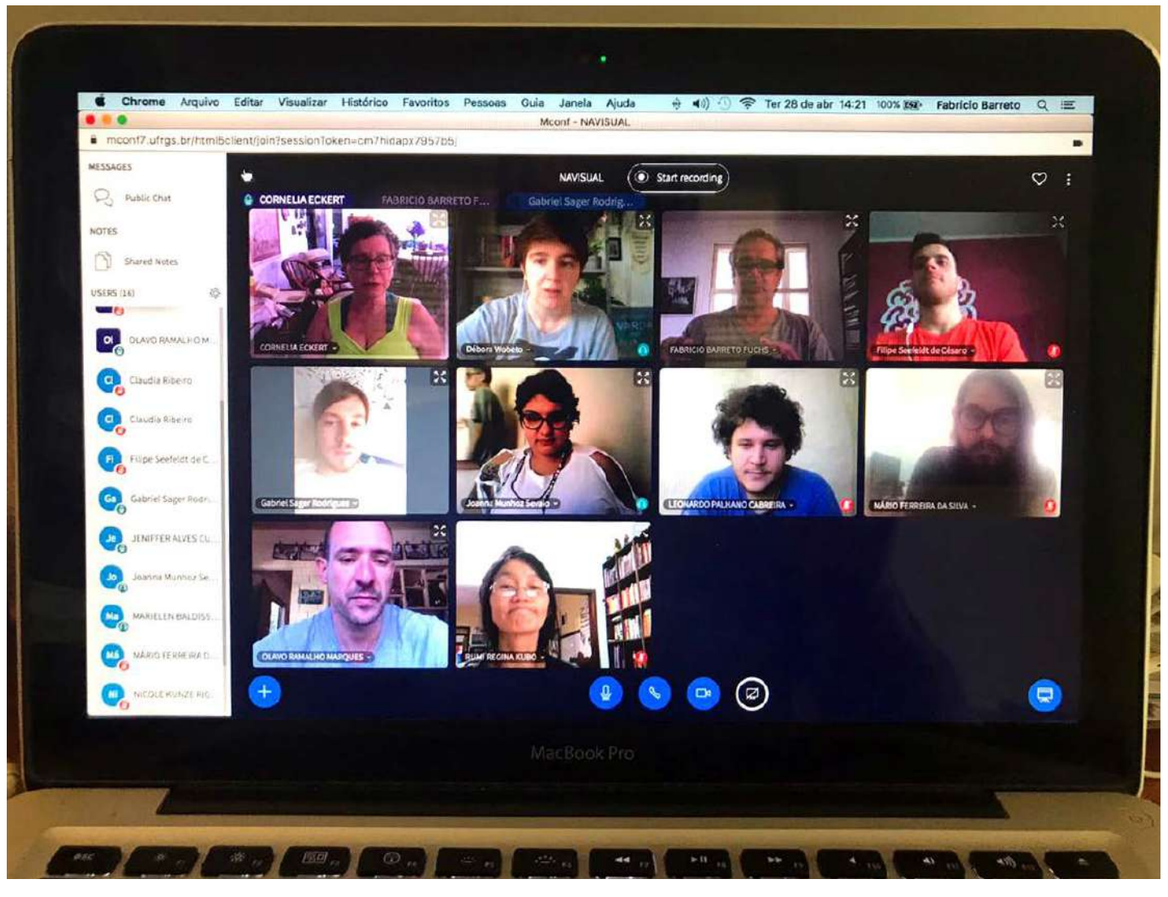
adversidades. Durante o período, todas as semanas 2 ou 3 colegas se responsabilizavam em apresentar seus trabalhos, ainda em construção, para debate durante as reuniões. Assim tínhamos a oportunidade de refazer fotografias, reconstruir narrativas, em permanente troca de experiências e conhecimento, para posterior reapresentação, em forma mais acabada e bem definida na direção do que estávamos querendo expressar.

A ideia para publicação de edição da Fotocronografias na temática da Oficina, Etnografia do Confinamento, veio no decorrer do processo. Neste momento, eu, Felipe, me alio na empreitada de formatar uma edição diante de diferentes desafios. Em primeiro lugar seria uma edição especial na medida em que nosso cronograma de publicações anuais já estava preenchido. Portanto, tínhamos a proposta de publicar um caderno extra para o contexto que se apresentava e merecia nossa atenção. Outras e outros pesquisadores e pesquisadoras foram convidada/os a participar da edição, contribuindo nesta diversidade de olhares sobre um fenômeno de nível global.

Outra questão que precisávamos tratar era a necessidade de absorver neste número a variedade de percepções, conteúdos e propostas apresentadas. A Fotocronografias vem se consolidando diante de princípios e diretrizes que colocam as fotografias, e consequentemente narrativas fotográficas, como prioridade em nossas publicações, e assim fomos conformando as Normas de Publicação da revista. Entretanto, frente ao quadro que se apresentava, recorremos a um recurso que chamamos de Normas Alternativas de Publicação. Assim, preservaríamos as diretrizes que vêm conformando a revista sem deixar de acolher as propostas de trabalhos. Nesta edição, nos permitimos, então, a uma espécie de curadoria, conceitualização que merece maior atenção no momento adequado. Mas, por ora, destacamos que não foi simplesmente um processo de organização, como usamos normalmente, mas que também não se enquadra em coautoria, por interferirmos nos trabalhos, e seria excessivamente despropositado da nossa parte. Logo, curadoria pareceu-nos a denominação mais adequada para o nosso atuar.

A Fotocronografias ainda tem um longo caminho a trilhar. Tendo em vista a qualificação permanente da publicação, estamos com autorização da UFRGS, instituição em que a revista está filiada, para transpor a revista para a plataforma SEER/OJS. Mais um desafio que se impõe quando precisaremos adequar os recursos oferecidos pelo sistema a nossa proposta de valorizar, em sua abrangência, a pesquisa em Antropologia Visual e da Imagem.

Agradecemos a todas e todos que contribuíram para este dossiê conformando certo olhar sobre nossas vivências durante esse período que marcará, invariavelmente, nossas vidas. Convidamos você a percorrer nossos trabalhos. Conjunto que reafirma, mais do que nunca, a possibilidade de continuarmos nosso trabalho, com seriedade, saúde e alegria serena.



Kelly Koide [1]

A morte rubra usa máscara?

Resumo: Como uma janela indiscreta às avessas, observei o cotidiano do trabalho, durante 4 meses de pandemia, na rua em que moro em São Paulo. Do sexto andar de um edifício, acompanhei o isolamento pelo intenso movimento das luzes nas janelas altas que me cercam. E, na rua, vi muitos/as trabalhadores/as, acompanhando com preocupação sua vulnerabilidade. Nesse cotidiano de diferenças sociais, encontrei algumas semelhanças entre a vida paulistana e o terrível conto de Allan Poe sobre a morte rubra, o que constituiu o pano de fundo de minha aproximação poética.

Palavras-chave: trabalho; pandemia; equivalências fotográficas; literatura; etnografia

¿La muerte roja lleva máscara?

Resumen: *Como una ventana indiscreta al contrario, observé el trabajo diario, durante 4 meses de pandemia, en la calle donde vivo en São Paulo. Desde el sexto piso de un edificio, seguí el aislamiento por el intenso movimiento de las luces en las altas ventanas que me rodean. Y, en la calle, vi a muchos trabajadores, siguiendo con preocupación su vulnerabilidad. En esta cotidianidad de diferencias sociales encontré algunas semejanzas entre la vida en São Paulo y el terrible relato de Allan Poe sobre la muerte roja, que constituyó el trasfondo de mi enfoque poético.*

Palabras-clave: *trabajo; pandemia; equivalencias fotográficas; literatura; etnografía*

Does the Red Death wear mask?

Abstract: *As a reverse rear window, I have observed the labour in everyday life in the street where I live in Sao Paulo, during 4 months of coronavirus pandemic. From the sixth floor, I have observed the social isolation by following the intense lights coming from the windows of the high buildings that surround me. And on the street, I have seen many workers, and I was worried about their vulnerability. In this everyday life of social differences, I have found some similarities between Sao Paulo's life and Allan Poe's terrifying short story on Red Death, which was the basis for my poetic approach.*

Keywords: *labor; pandemic; photographic equivalences; literature; ethnography*

1- Pós doutoranda em Antropologia Visual pela Universidade de São Paulo (USP), bolsista Fapesp processo nº 2018/25159–6, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).
kelly.koide@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0003-0138-9815
http://lattes.cnpq.br/3812804273872764

Sobre este ensaio visual

Quando criança, li e reli diversas vezes um pequeno livro de contos de Edgar Allan Poe, traduzidos e adaptados por Clarice Lispector (1996). Sem vivenciar aqueles episódios de horror, podia sentir medo como um experimento literário. Essa distância, misturada ao sentimento de proximidade do narrador, me intrigava e instigava. Durante o período de isolamento social, revisitei memórias e acabei voltando a um desses contos. Nele, a morte rubra devastava todo um país. Ela assombrava até mesmo o príncipe Próspero, que se encastelava com seus mil amigos festivos e saudáveis, enquanto acreditava que o mundo lá fora tomaria conta de si mesmo.

O mesmo sentimento de horror voltou ao observar o cotidiano de minha rua sem poder vivenciá-lo. Em casa, me coloquei o desafio de fazer uma etnografia visual sem quebrar o isolamento. Como entender esse momento peculiar da sociedade sem os encontros, as conversas, o contato? As limitações da distância podem proporcionar um conhecimento específico? Então me dei conta de que, a partir de minha janela, poderia registrar, se não um instante decisivo, ao menos um momento significativo — e que esse momento é uma experiência prolongada. No início, a rua parecia esvaziada mas, pouco a pouco, o espaço foi se mostrando cheio de gestos e movimentos. É um lugar de trabalho e esporte, demolição e passeios com cachorro, entrega de comida e banhos de sol — cotidianos separados por classes sociais. Me propus, assim, a retratar o movimentado dia a dia do trabalho como um exercício poético. E minha janela que, a princípio, era apenas uma abertura luminosa na parede, tornou-se uma forma olhar.

Como, atualmente, estou pesquisando as obras de Maureen Bisilliat e sua proposta poética de “equivalências fotográficas” — realizada com esplendor pela artista em diversas obras (1969; 1977; 1982; 1984; 1995; 1996) — surgiu daí a inspiração para o presente ensaio. Enquanto procurava compreender como Maureen fez sua seleção nas folhas de contato e nos enquadramentos, em montagens com grandes obras da literatura brasileira, busquei, ainda que timidamente, uma abordagem semelhante. Sem viajar para outras localidades, mas com o conto de Allan Poe em mente, retratei — sempre a partir da janela (e não nas calculadas saídas à rua) — o cotidiano que me cerca e, nele, construí diferentes paisagens. Esse é, então, um retrato dos primeiros 4 meses da pandemia, cheio das contradições entre realidade e imaginação típicas das páginas de um livro de histórias fantásticas.

Referência

ALLAN POE, Edgar. Histórias extraordinárias de Allan Poe. Tradução e adaptação de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

_____. “A máscara da morte rubra”. Tradução e prólogo de Ana Karina Borges Braun. Revisão de Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Juann Acosta. In: Cadernos de Tradução, Porto Alegre, n. 42, jan/jun. 2018.

BISILLIAT, Maureen. A João Guimarães Rosa. Texto de João Guimarães Rosa. São Paulo: Gráficos Brunner, 1969.

_____. A visita. Texto de Carlos Drummond de Andrade. São Paulo: Edição especial José Mindlin, 1977.

_____. Sertões: luz e trevas. Texto de Euclides da Cunha. São Paulo: Raízes Artes Gráficas, 1982.

_____. O cão sem plumas. Texto de João Cabral de Melo Neto. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. Chorinho doce. Texto de Adélia Prado. São Paulo: Alternativa/Iochpe-Maxion, 1995.

_____. Bahia amada Amado ou O amor à liberdade & a liberdade no amor. Texto de Jorge Amado. São Paulo: Empresa das Artes/Unisys, 1996.

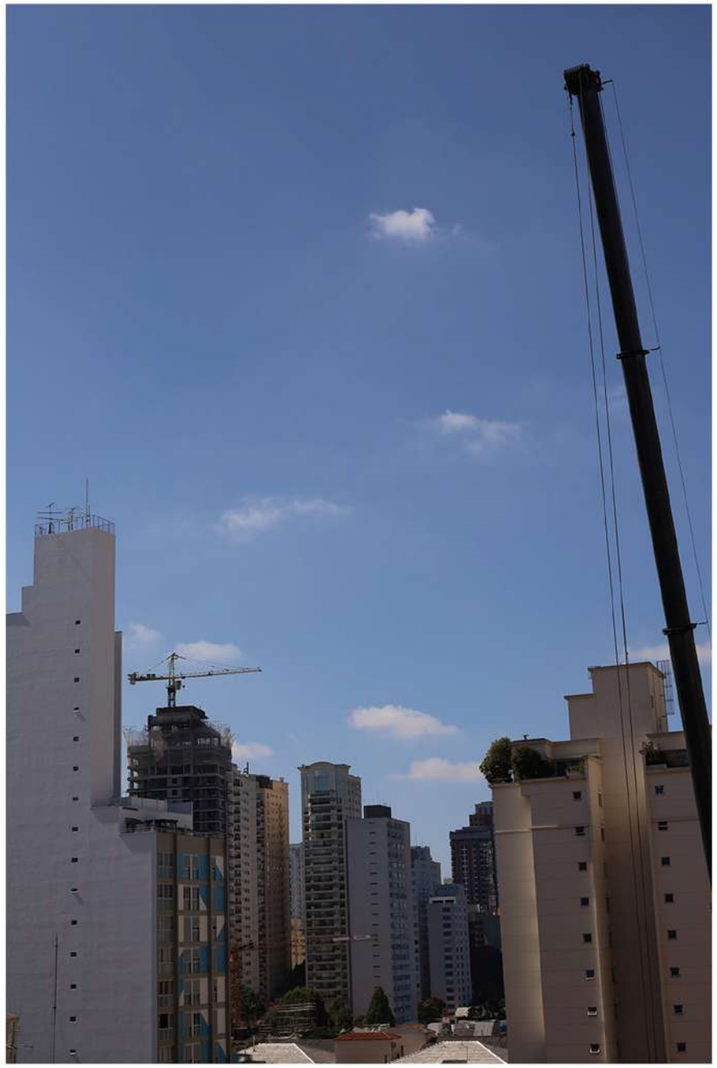
Nota sobre este ensaio visual

No ensaio visual aqui apresentado, fiz uma montagem usando minhas fotos e trechos do conto “A máscara da morte rubra”, originalmente publicado em 1842 por Edgar Allan Poe, e, aqui, na uma excelente tradução feita por Ana Karina Borges Braun (2018). Ainda que esse conto de Allan Poe seja curto e o mistério nele cresça a cada página, me pareceu que, para os propósitos deste ensaio, o melhor seria selecionar alguns trechos, para enfatizar as equivalências entre texto e imagem. Assim, todo o texto que acompanha as fotos deste ensaio foi extraído do célebre conto de Allan Poe.t



A "Morte Rubra" dizimara o país há muito tempo. Nenhuma peste havia sido tão fatal ou tão terrível. O sangue representava sua imagem e sua marca – o rubor e a aversão ao sangue. Os sintomas se caracterizavam por dores agudas, tonturas súbitas e abundante sangramento pelos poros, seguido de deterioração. As manchas escarlates no corpo, especialmente aquelas no rosto da vítima, representavam a exclusão que a privava da assistência e da compaixão de seus semelhantes. E sua manifestação, desenvolvimento e término se dava em um período de trinta minutos.

Apesar disso, o príncipe Próspero se sentia feliz, intrépido e sagaz. Quando a população de seus domínios havia se reduzido à metade, ele reuniu mil amigos saudáveis e festivos, dentre cavalheiros e damas de sua corte, e com eles se recolheu em uma de suas abadias acasteladas. Era uma estrutura extensa e grandiosa, [...] cercada por uma forte e imponente muralha. Os portões eram feitos de aço. Após terem entrado, os cortesãos trouxeram fornos e pesados martelos para soldar os ferrolhos. Decidiram impedir tanto a entrada como a saída de qualquer um que se rendesse a impulsos súbitos de desespero ou qualquer loucura do lado de dentro.





A abadia tinha provisões em abundância. [...] O mundo exterior tomaria conta de si mesmo. [...] O príncipe havia proporcionado todos os meios de distração. Havia bufões, artistas improvisadores, bailarinos, músicos, Beleza, vinho. Além disso, havia a segurança de estarem, lá dentro, protegidos da "Morte Rubra".

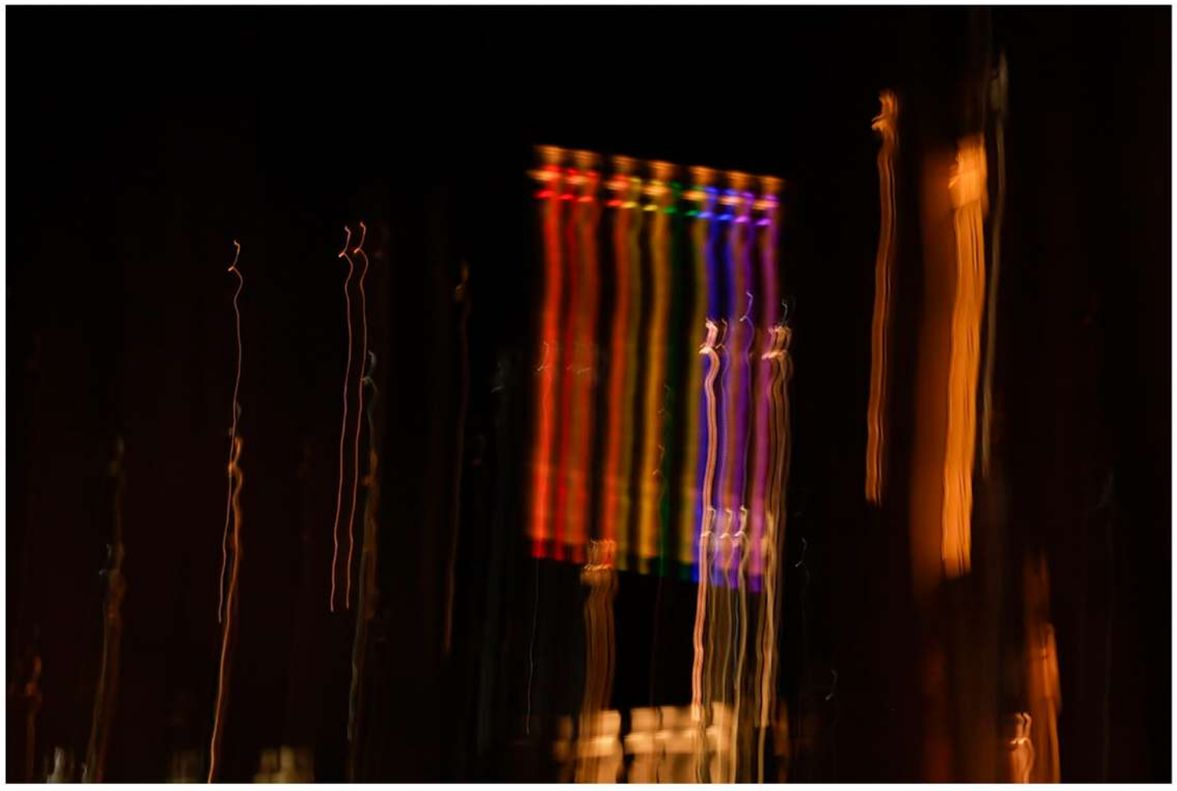
Após cinco ou seis meses de reclusão, enquanto a peste atacava suas vítimas com furor fora da abadia, o Príncipe Próspero decidiu entreter seus mil amigos com um baile de máscaras de uma grandiosidade nunca antes vista.

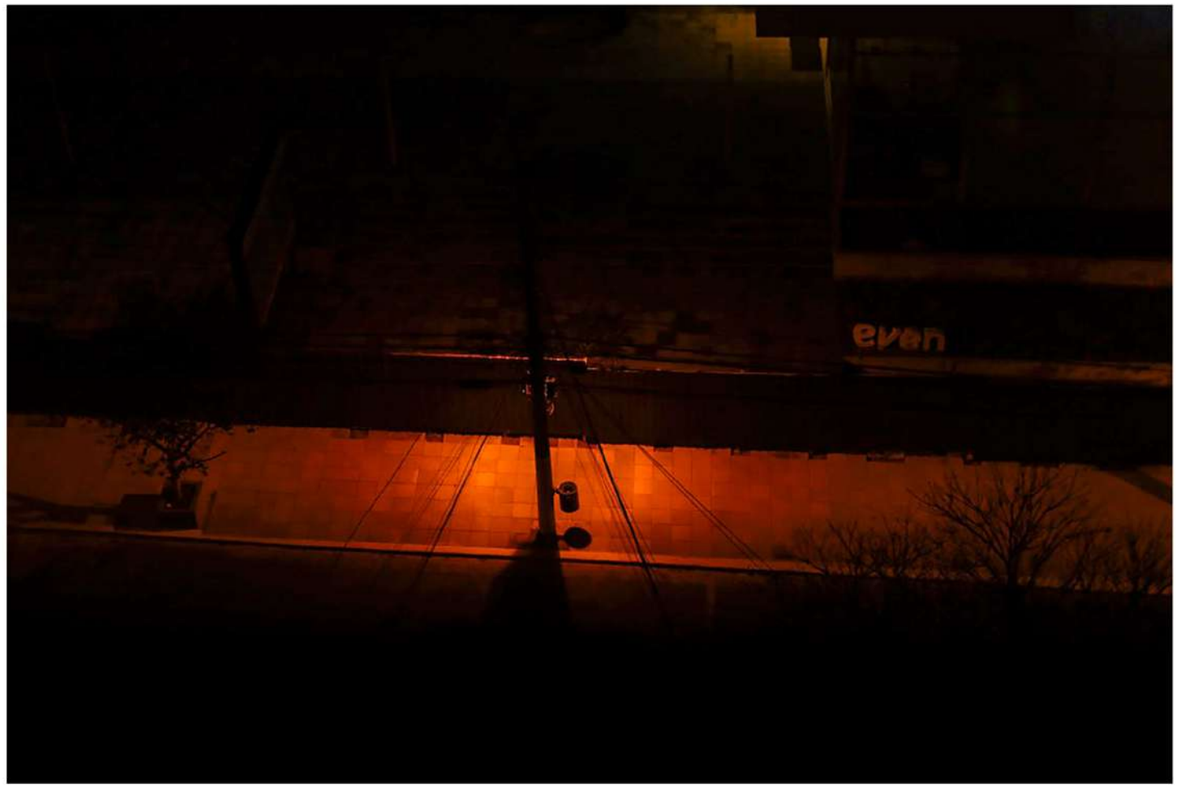


Era uma cena voluptuosa, aquela do baile de máscaras. Mas antes gostaria de falar sobre os salões onde aconteceu o baile. Eram sete - representavam uma suíte imperial. [...] Tanto à direita como à esquerda e no meio de cada parede havia uma estreita janela em estilo gótico de frente para um corredor fechado que acompanhava as voltas da suíte. Essas janelas tinham vitrais de cores variadas que combinavam com o tom predominante da decoração de cada salão para o qual se abriam.



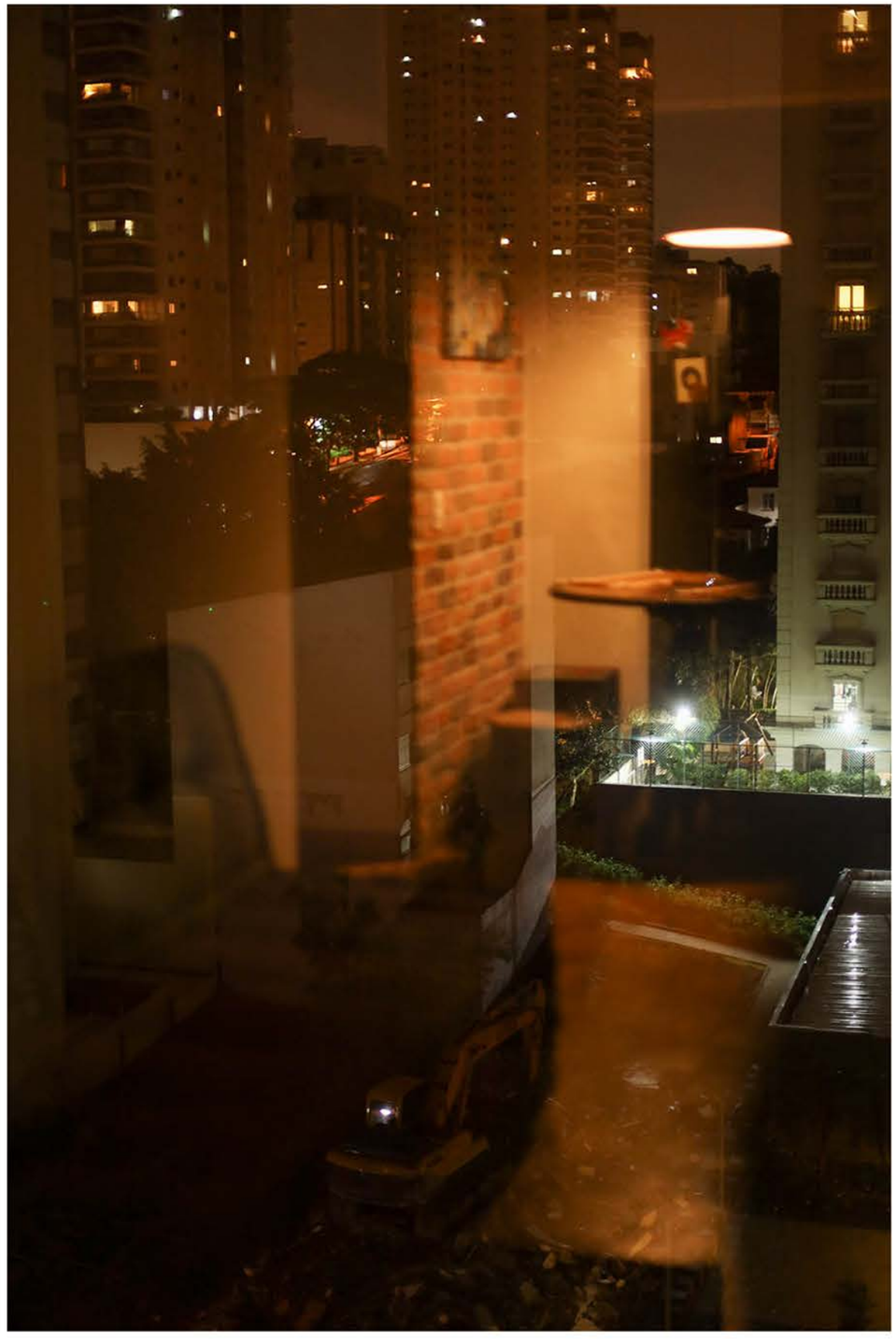
Assim, na extremidade leste, estava, por exemplo, o vitral azul - e de um azul muito intenso eram as janelas. O segundo salão era púrpura assim como seus ornamentos, tapeçarias e vidraças. O terceiro era todo verde, incluindo as esquadrias das janelas. O quarto salão era iluminado por uma mobília alaranjada, o quinto, todo branco, e o sexto, violeta. O sétimo salão era todo decorado com tapeçarias de veludo negro que cobriam o teto e as paredes e encontravam um tapete do mesmo material e tom. Mas, nesse salão, apenas a cor das janelas não correspondia à cor da decoração. As vidraças eram escarlates - de um intenso vermelho sangue.





[...] A oeste, no salão negro, o efeito da luz do fogo, que fluía sobre as cortinas através dos vitrais tingidos do vermelho sangue, era extremamente sinistro e produzia um olhar tão selvagem no semblante daqueles que ali entravam que pouquíssimos eram corajosos o suficiente para cruzar tal fronteira.

Também nesse salão [...] havia um enorme relógio de ébano. Seu pêndulo se movimentava de um lado para o outro produzindo um som monótono e pesado e, quando o ponteiro dos minutos completava uma volta dando a hora, provinha, dos pulmões de aço do relógio, um som claro, alto, profundo e excepcionalmente musical, mas de uma nota tão peculiar e com tal ênfase que, a cada intervalo de hora, os músicos da orquestra eram impelidos a fazer uma pausa momentânea em sua performance para ouvir o som. [...]





Havia muito brilho, malícia e fantasia - muito do que se vê no "Hernani". Havia figuras arabescas com membros e adornos desproporcionais. Eram fantasias delirantes como as de um louco. E também muito de belo, de bruto, de bizarro, algo de terrível e não pouco daquilo que teria provocado aversão. De um lado a outro nos sete salões, uma profusão de sonhos era perseguida. E esses - os sonhos - giravam, assumindo o tom de cada aposento e fazendo com que a música intensa da orquestra parecesse ecoar

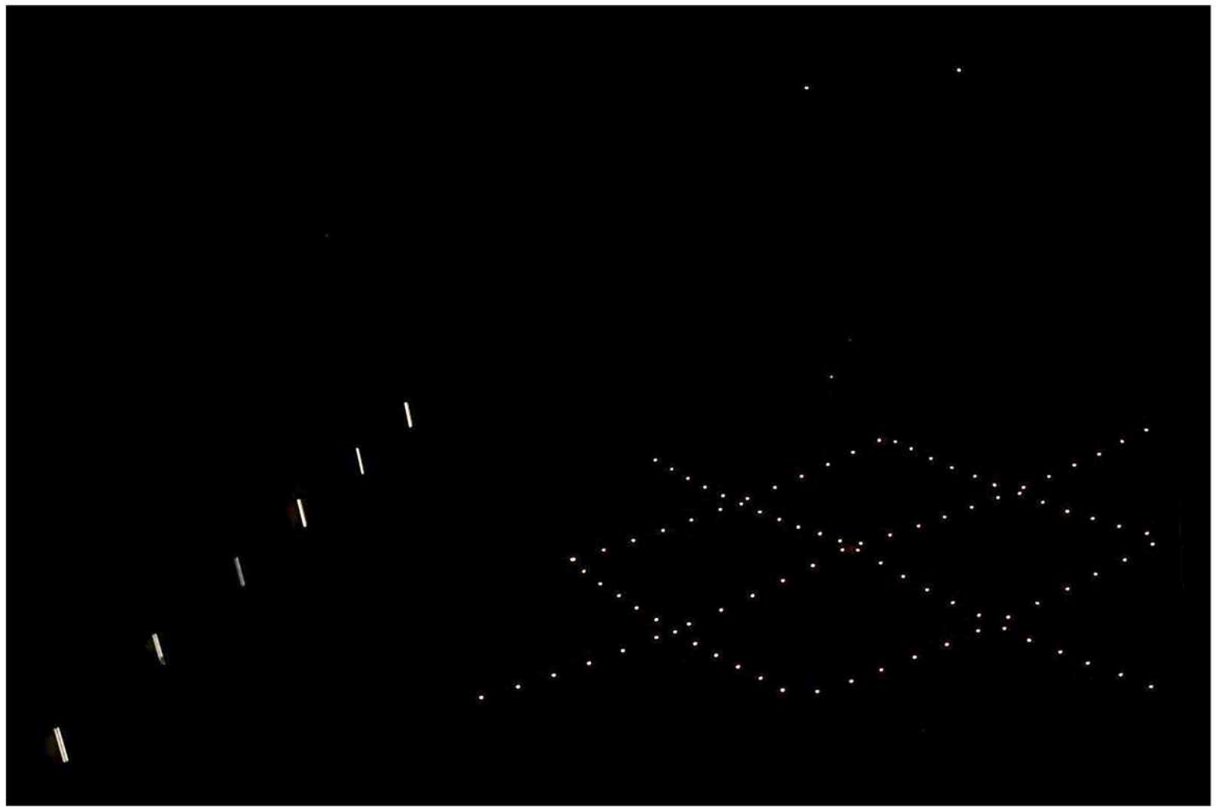


Em seguida, soava o relógio de ébano que se encontrava no corredor de veludo. E, então, por um momento, tudo fica quieto e silencioso com exceção da voz do relógio. Os sonhos são congelados.

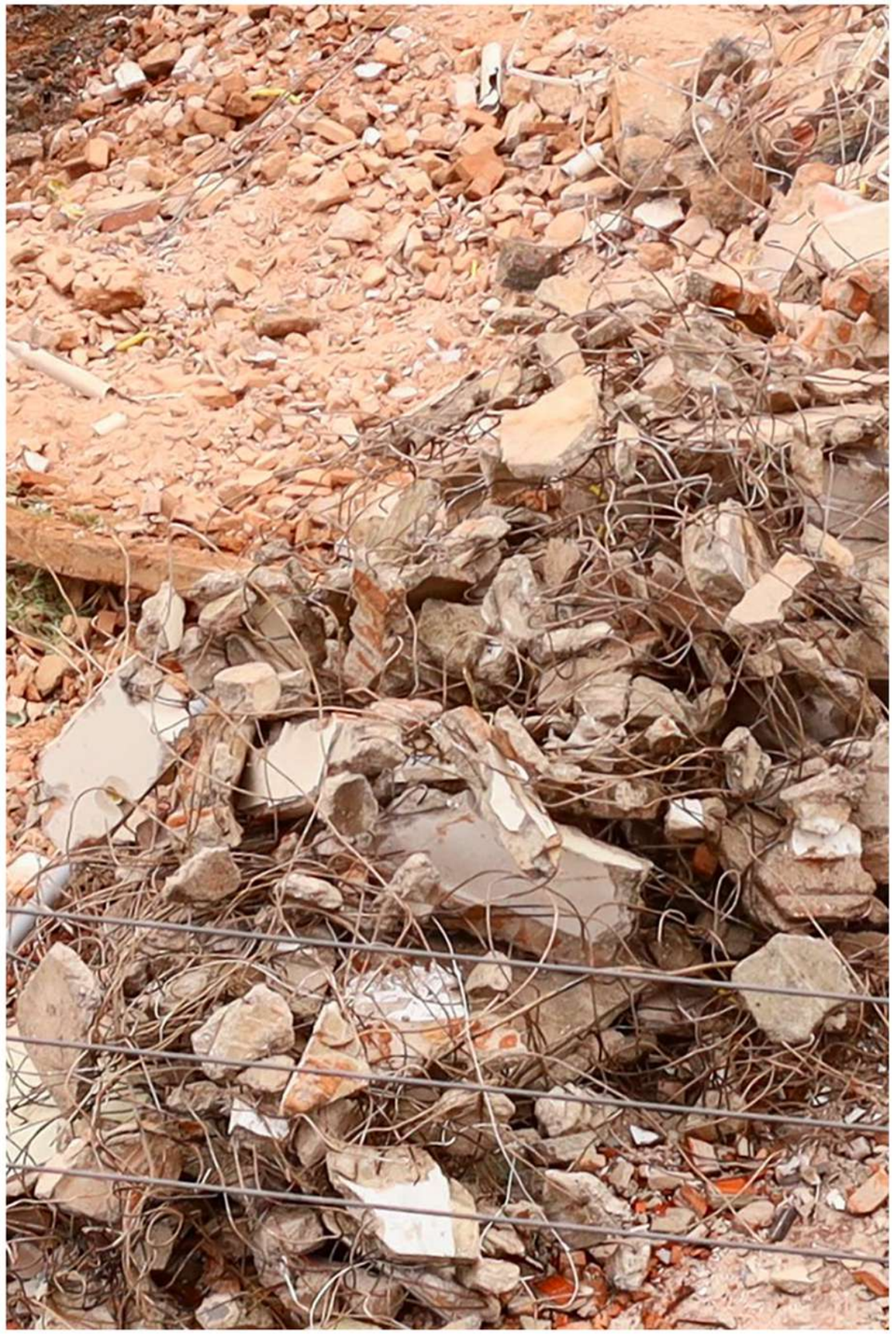
Mas dentre os sete salões, nenhum folião se aventura a ir àquele que fica mais a oeste, pois a noite está acabando e de lá flui uma luz mais rubra através dos vitrais cor de sangue; a escuridão da tapeçaria de zibelina aterroriza [...].



[...] A reunião seguiu agitada até que se começou a ouvir, exaustivamente, o som do relógio que indicava a meia-noite. E então a música cessou, [...] e as evoluções dos dançarinos de valsa foram silenciadas, bem como tudo o mais fora silenciado de forma incômoda. [...] E, assim, também aconteceu, [...] que o grupo de foliões notou a presença de uma figura mascarada que até então havia passado completamente despercebida. [...]



Supõe-se que, em uma reunião de fantasmas tal como a que descrevi, uma aparição comum não poderia ter causado tal sensação. [...] A figura em questão [...] tinha ido além dos limites do decoro indefinido do príncipe. [...] A figura era alta e esquelética e estava coberta da cabeça aos pés com uma vestimenta mortuária. A máscara que ocultava seu rosto se assemelhava tanto ao semblante de um cadáver enrijecido que mesmo um exame mais minucioso permitiria ao observador concebê-la como real; no entanto, tudo isso poderia ter sido suportado, se não aprovado, pelos loucos foliões, se o mascarado não tivesse ido tão longe a ponto de encarnar a Morte Rubra. Sua veste estava manchada de sangue - e sua larga fronte, assim como todo o restante da face, estava recoberta do horror escarlate.



[...]

"Quem se atreve" - questionou roucamente os cortesãos próximos a ele - "quem se atreve a nos insultar com esse escárnio blasfemo?

Detenham-no e retirem-lhe a máscara - assim saberemos quem deveremos enforcar, ao nascer do sol, nas ameias!"

O Príncipe Próspero estava no salão leste ou azul quando proferiu essas palavras. Essas ecoaram nos sete salões de forma alta e clara, pois o príncipe era um homem destemido e robusto [...]. Entretanto, um certo temor inominável, [...] impediu que alguém tomasse a iniciativa de detê-lo. Dessa forma, desimpedido, aproximou-se do príncipe a pouco menos de um metro. E [...] continuou a se aproximar agora com o mesmo passo solene e mensurado que o distinguira do passo anterior, do salão azul em direção ao púrpura - do púrpura em direção ao verde - do verde em direção ao laranja - deste em direção ao branco - e mesmo dali em direção ao violeta, antes que alguém pudesse detê-lo com um movimento decisivo. Foi então, contudo, que o Príncipe Próspero, enlouquecido pela fúria e vergonha causadas por sua covardia momentânea, correu com voracidade pelos seis salões, sem que ninguém o seguisse devido ao terror mortal que havia tomado conta de todos. Ergueu um punhal e se aproximou, de forma rápida e impetuosa, cerca de um metro da figura em retirada; esta, após ter atingido a extremidade do aposento de veludo, se virou subitamente e confrontou seu perseguidor. Ouviu-se um grito agudo – e o punhal caiu cintilante sobre o tapete de zibelina e sobre ele também caiu, em seguida, ferido de morte, o Príncipe Próspero. Então, buscando a coragem turbulenta do desespero, uma massa de foliões se dirigiu ao salão negro e, enquanto perseguia o mascarado, cuja figura esguia mantinha-se ereta e imóvel sob a sombra do relógio de ébano, ofegou em um horror indescritível ao descobrir que, sob a mortalha e a máscara cadavérica, manuseadas de forma violenta e bruta, inexistia qualquer forma corpórea.

Agora a presença da Morte Rubra era reconhecida. Havia chegado como um ladrão à noite. Derrubou os foliões um a um nos salões banhados em sangue, que morriam na mesma posição de desespero em que haviam tombado. E se extinguiu, também, juntamente com a vida dos últimos foliões, a vida do relógio de ébano; e as chamas dos tripés. E a escuridão, a decadência e a Morte Rubra reinaram com total domínio.



Ana Claudia França [1]

Plaza de los Eucaliptus, número 03

Resumo: Este ensaio está circunscrito pela incerteza, pela suspensão do tempo e por uma certa imobilidade geográfica. Por acontecimentos mínimos e confinados, entre a vista de uma janela da Plaza de los Eucaliptus, em Barcelona, e o interminável congestionamento em “A autoestrada do Sul”, conto do escritor argentino Julio Cortázar.

Palavras-chave: Julio Cortázar. Barcelona. Confinamento. Fotografia binocular.

Plaza de los Eucaliptus, número 03

Resumen: *Este ensayo está limitado por la incertidumbre, la suspensión temporal y una cierta inmovilidad geográfica. Presenta hechos mínimos y confinados, entre la vista desde una ventana de la Plaza de los Eucaliptus en Barcelona y la interminable congestión de “La Autopista del Sur”, un cuento del escritor argentino Julio Cortázar.*

Palabras-clave: *Julio Cortázar. Barcelona. Confinamiento. Fotografía binocular.*

Plaza de los Eucaliptus, number 03

Abstract: *This essay is limited by uncertainty, time suspension, and certain geographical immobility. It presents minimal and confined events, between the view from a window of the Plaza de los Eucaliptus in Barcelona and the endless congestion of “The Southern Highway”, a short story written by the Argentine writer Julio Cortázar.*

Keywords: *Julio Cortázar. Barcelona. Lockdown. Binocular Photography.*

1 - Na Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) é professora no Departamento Acadêmico de Desenho Industrial (DADIN) e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade (PPGTE). As fotografias deste ensaio foram produzidas durante o período em que esteve como pesquisadora visitante na Universidade de Barcelona, entre 2019 e 2020. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001.
oianafranca@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-8174-1446
http://lattes.cnpq.br/5511666385207029

Durante a quarentena em Barcelona, conheci um congestionamento inusitado. Aconteceu na França, na rodovia que conecta a pequena cidade de Fontainebleau à Paris. Era 1966 e o narrador dessa história, o escritor argentino Julio Cortázar. “A autoestrada do Sul” é um conto sobre um engarrafamento estranho e interminável, que tem alguns aspectos em comum com 2020: a incerteza, a suspensão do tempo e uma certa imobilidade geográfica.

Na autoestrada de Cortázar, as pessoas não têm nome. São a moça do Dauphine, o homem pálido do Caravelle, o engenheiro do Peugeot 404, os dois rapazotes do Simca. E por razões que os olhos dos personagens motorizados não podem ver — e que tampouco Cortázar faz questão de nos contar — quilômetros de carros estão parados em uma rodovia. Esse espaço que é de fluxo e velocidade, símbolo da experiência moderna e da racionalidade tecnológica. Seria razoável que uma paralisação assim durasse algumas horas, mas o tempo logo escorrega pelas estações do ano, engolindo os carros e interrompendo planos, “esse tempo começava a parecer quase insignificante agora que o sol, pondo-se à esquerda do caminho, derramava em cada automóvel uma última avalanche de geleia laranja que fazia ferver os metais e ofuscava a vista” (CORTÁZAR, 2011, p. 8). Aos poucos, motoristas e passageiros, sob tais absurdas circunstâncias, constroem relações de afeto, colaboração e disputa, entre o caos e a conformidade.

Era metade de março quando a Espanha decretou o confinamento como medida para conter a pandemia de COVID-19 no país. O estado de alarma tinha previsão inicial para durar 15 dias. Seria razoável que fosse prolongado por mais alguns, mas o tempo logo escorregou nas semanas, engolindo o final do inverno e atravessando a primavera. Foram 50 dias de confinamento rigoroso até a permissão para caminhadas ao ar livre. Eu, que estava lá de modo temporário para um estágio de pesquisa, permaneci nesse período quase sempre em casa, saindo apenas para eventuais compras nos supermercados da região, uma tarefa desempenhada na maior parte das vezes pelo meu companheiro, o Augusto.

Localizado no distrito de Nou Barris, Torre Baró é um bairro periférico, residencial e montanhoso. O apartamento que ali habitamos é universitário,

confortável e de algum modo, improvisado, na Plaza de los Eucaliptus, número 03, um edifício conhecido pela vizinhança como La Embarazada, pelo formato abaulado de uma das torres. Dali até a Plaza de Cataluña são aproximadamente 20 minutos de trem. Mas, naqueles dias, foi apenas possível ouvir e ver pela janela os vagões grafitados que chegavam e saíam, metálicos, barulhentos, esvaziados.

Meses antes, em um mercadinho de quinquilharias em Badalona, havíamos comprado um binóculos simples e de plástico, para eventuais passeios nas montanhas. Por fim, foi em casa que o pequeno “Sanda” estendeu a vista, nesses dias encolhidos e de tão pouca amplitude. Posicionando-o junto do telefone celular — usufruindo da sua razoável ampliação de 8x e dos modestos 21 milímetros de diâmetro das lentes frontais — tirei boa parte das fotografias que compõem este ensaio, produzindo efeitos distorcidos nas imagens. Pelo binóculos eu via tudo redondo. E um pouco embaçado.
No apartamento 5–1 do La Embarazada, a janela da sala é a que oferece a vista mais ampla e luminosa. Dela era possível ver o centro de atendimento médico Ciutat Meridiana, a estação ferroviária Torre del Baró, a biblioteca Zona Nord, o ponto de ônibus da Carrer de Sant Feliu de Codines, a Avinguda Meridiana, o movimento em torno do mercadinho da Avinguda de Vallbona, quase toda a Plaza de los Eucaliptus.

Assim que foi permitido caminhar — uma permissão inicialmente regulada por faixa etária, horários e dias da semana — as fotografias binoculares deixaram de fazer tanto sentido. Afinal, eu agora alongava as pernas no centro da Plaza de los Eucaliptus, estranhando finalmente estar do outro lado da minha própria janela, onde pude encontrar, à seguros metros de distância, alguns dos personagens que habitaram minha quarentena em Barcelona.
Agora no Brasil, desde o absurdo e trágico desenrolar da pandemia e da política no país, sinto que há pouco mais o que eu possa dizer. Este ensaio está circunscrito pela incerteza, pela suspensão do tempo e por uma certa imobilidade geográfica. Por acontecimentos mínimos e confinados, entre a Plaza de los Eucaliptus e a Autoestrada do Sul.

Referência

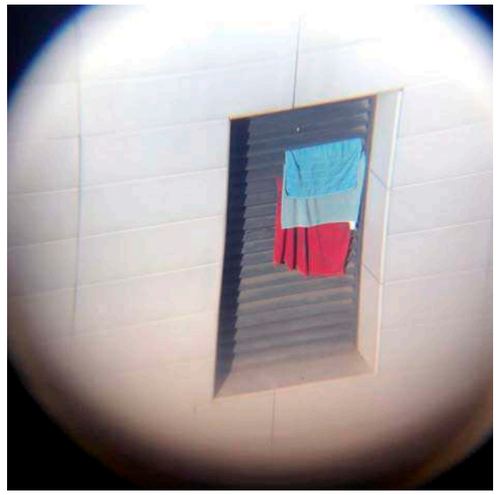
CORTÁZAR, Julio. Todos os fogos o fogo. Tradução de Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

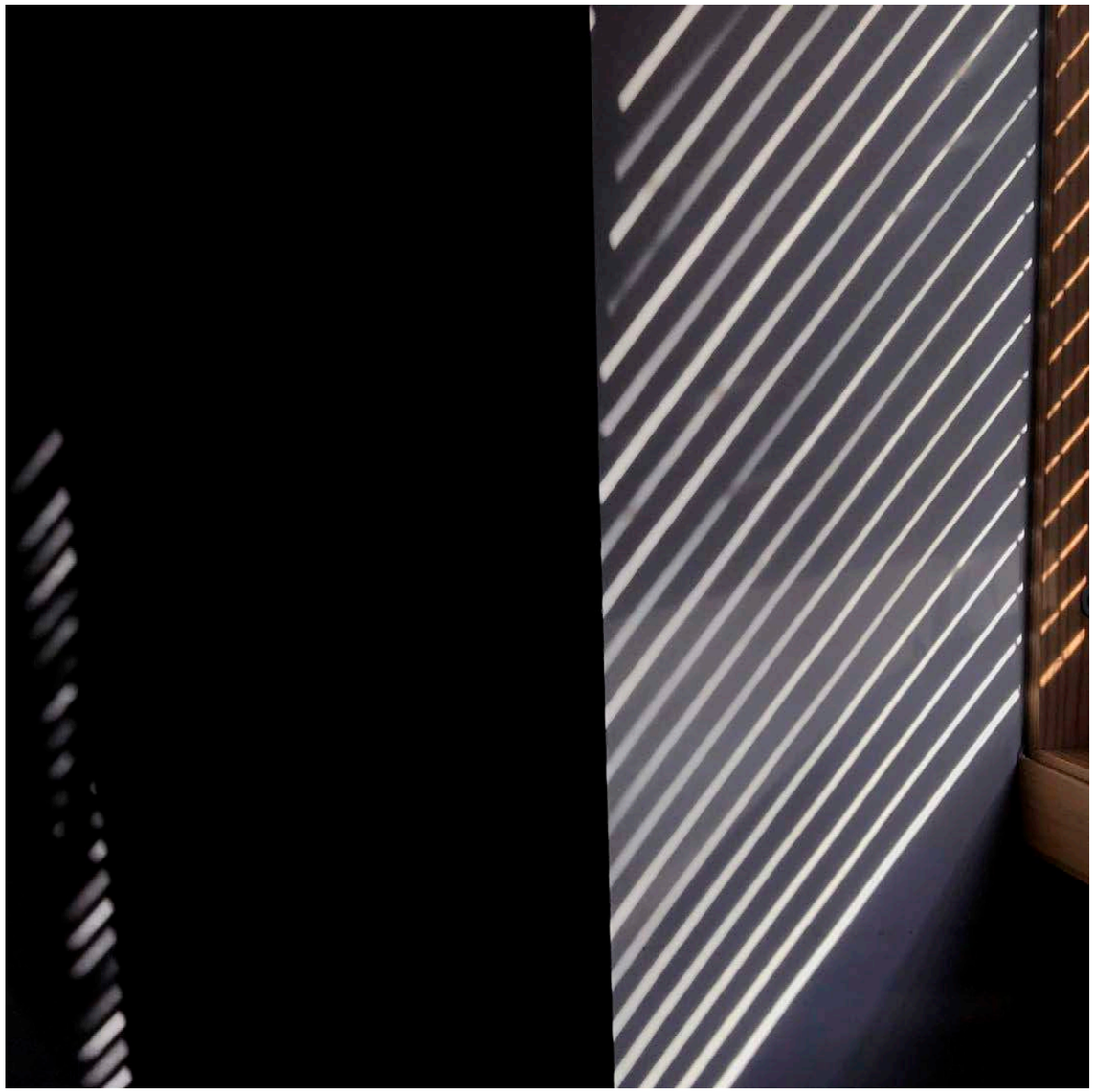




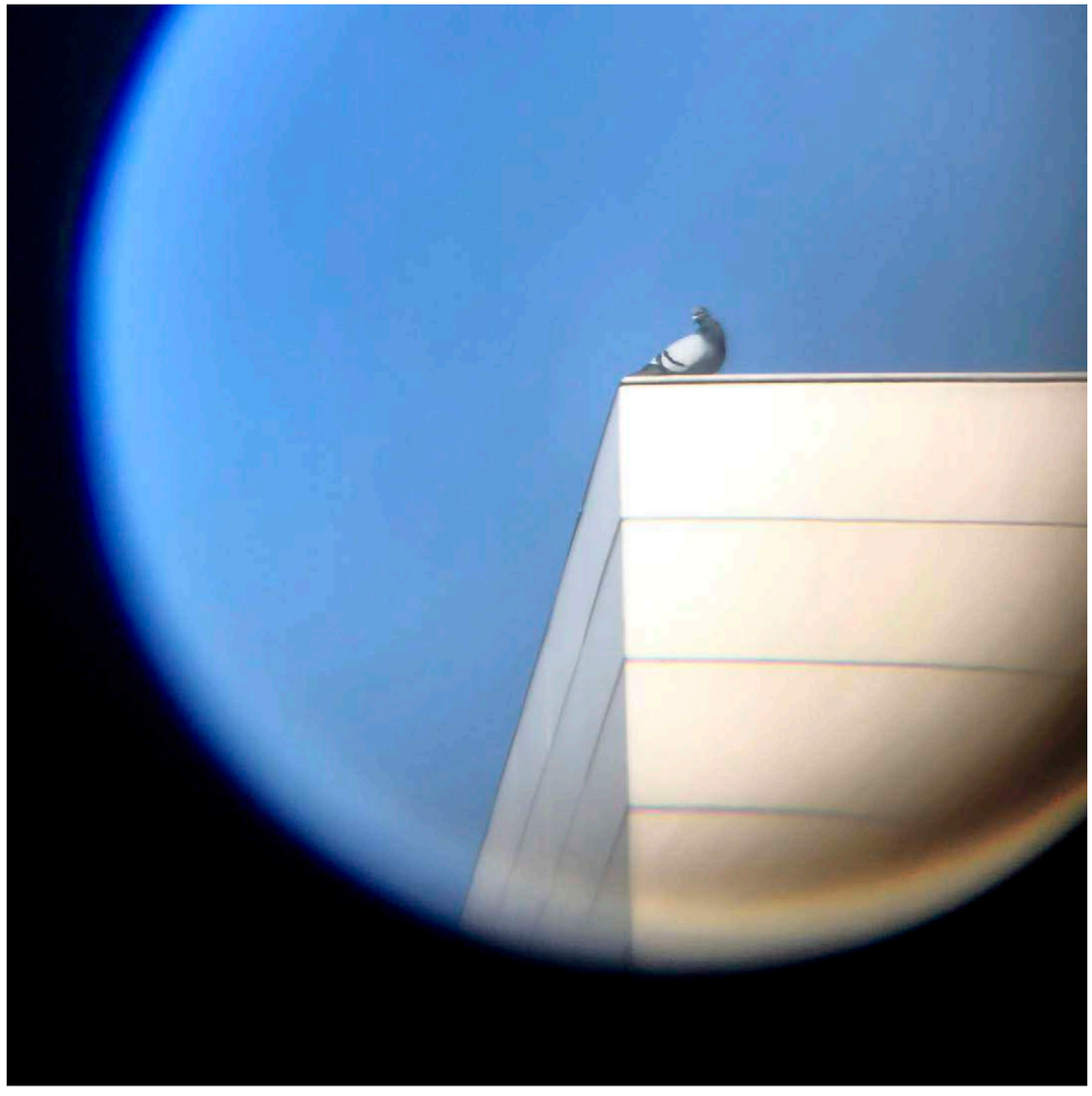













SHOT DEAD
NOT BEE
SAF







Simone Portela de Azambuja [1]

O que eu vejo da minha janela

Resumo: Este trabalho foi desenvolvido no Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL/UFRGS) na oficina de "Etnografia do confinamento". O mesmo retrata minha percepção da realidade externa, através da janela de minha casa, no período da pandemia do COVID-19, na cidade de Porto Alegre. Representa, igualmente, as transformações que vão ocorrendo no meio urbano e como as mesmas afetam coletiva e individualmente nosso cotidiano de forma visceral.

Palavras-chave: pandemia, Covid 19, relações de vizinhança, antropologia visual.

Lo que veo desde mi ventana

Resumen: *Este trabajo fue desarrollado en el Núcleo de Antropología Visual (NAVISUAL / UFRGS) en el taller "Etnografía de Confinamiento". Retrata mi percepción de la realidad externa, a través de la ventana de mi casa, durante el período de la pandemia del COVID-19, en la ciudad de Porto Alegre (Brasil). También representa las transformaciones que se están produciendo en el entorno urbano y cómo afectan de forma colectiva e individual nuestra vida cotidiana de forma visceral.*

Palabras-clave: *pandemia, Covid 19, relaciones vecinales, Antropología Visual.*

What I see from my window

Abstract: *This essay was developed at the Visual Anthropology Center (Navisual) in the "Confinement Ethnography" workshop. It portrays my perception of external reality, through the window of my house, during the COVID-19 pandemic period, in the city of Porto Alegre. It also represents the transformations that are ocurring in the urban environment and how they affect collectively and individually our daily lives viscerally.*

Keywords: *pandemia, Covid 19, neighbourly relations, visual anthropology.*

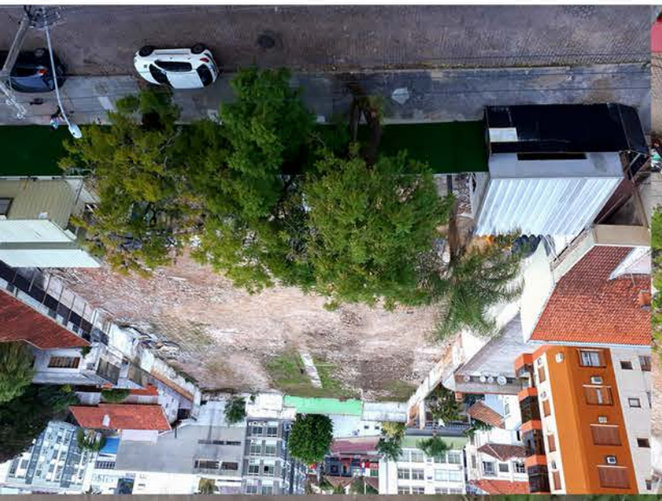
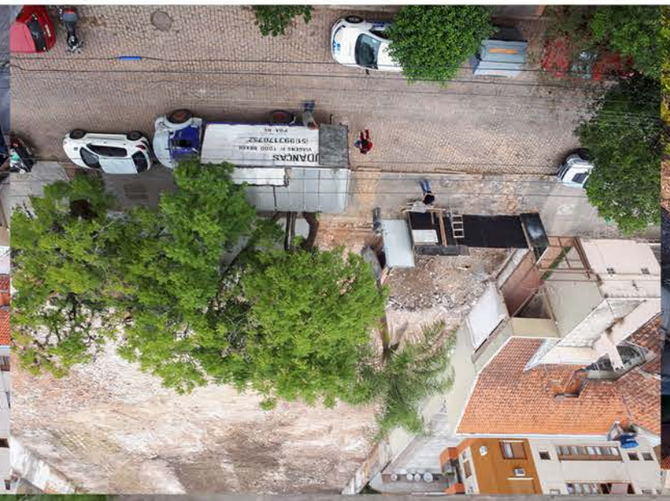
1 - Navisual/UFRGS
spazambuja@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-0659-4503
http://lattes.cnpq.br/7166436761574339

Através da observação de minha vizinhança, voltavam a mim com frequência, imagens de minha infância, casas com famílias grandes, quintais com inúmeras frutíferas, hortas, presença de humanos e não humanos.

Olhar as árvores e moradias da vizinhança, diariamente, eram a garantia de que aquela Porto Alegre que conheci quando criança, mesmo que de forma rarefeita, ainda existia.
Com a chegada da pandemia, as ruas do bairro, silenciaram. Era março, o sol era ofuscante, o céu parecia ter um azul sem fim, o ar, mais leve e menos poluído pelo menor movimento de automóveis. Não estava exatamente passando por um trauma do isolamento. Criava-se algum espaço para introversão, finalmente.

Me veio uma espécie de alívio. O mundo rápido e barulhento demais já não me satisfazia, há muito tempo. O vírus me mostrava, que, de certa forma, nossa mobilidade frenética era uma ameaça para o mundo e para nós mesmos (TOKARKZUK, 2020).

Quando achei que estava me familiarizando com essa visão me defrontei com a realidade de que, logo após o governo municipal permitir que as atividades de construção civil retornassem, as três maiores casas da rua, em frente aonde moro, foram destruídas, bem como toda vegetação que nelas existia. No início do processo, não conseguir lidar muito bem com essa situação, comecei a filmar e fotografar, a cada dia, os movimentos e atividades da desconstrução como uma forma de não abandonar minha relação com o lugar e minha vizinhança. Ao mesmo tempo, me invadia um sentimento de culpa em relação a possibilidade de perda de emprego das pessoas que ali estavam trabalhando, caso a obra parasse.











A cidade se torna uma camisa de força de concreto sobre a natureza. Não nos entendemos como algo vivo. Tudo que é verde vai sendo cortado como se o mesmo se constituísse numa ameaça (BRUM, 2020).

Existe uma questão de roubo da idéia de amanhã, sabendo que o vírus não é o ladrão.

De outra janela da minha casa observo meu vizinho, já com uma certa idade e com alguns problemas de mobilidade. Em tempos difíceis, é possível avançar com pequenos passos. Dá um passo, pára. Descansa na janela. Suas costas absorvem o sol durante um bom tempo. Tento imaginar de que forma se habitua ao confinamento inevitável atual, talvez uma das maiores experiencias psicológicas de nossas histórias de vida. O sol, que ele tanto aprecia é o mesmo que absorvo da minha janela. Penso nas suas fragilidades e identifico as minhas, mas nosso direito ao sol, é inalienável.

Precisamos de tempo e distanciamento para a enfrentar esta situação em que nos encontramos. Não consigo criar um significado instantâneo, mas observo que já vivíamos uma quarentena antes da quarentena.

Referência

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. (org) Etnografia de rua. 1.ed. Porto Alegre: UFRGS, 2013.

CÓRTEX — Vivendo o Fim no Centro do Mundo — Um passeio com Eliane Brum em Altamira. Direção e produção: Susana Jeha. Apresentação e edição: Bruno Torturra. São Paulo: Estúdio Fluxo de Jornalismo, 2019. (86min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ghIL7ExjaxQ. Acesso em: 15.abr.2020.

TOKARCZUK, Olga. Coronavírus mostrou que todos sentimos medo e morremos igual. Folha de São Paulo, São Paulo, 10 abr.2020. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/04/coronavirus-mostrou-que-todos-sentimos-medo-e-morremos-igual.shtml. Acesso em: 20 abr.2020.





Luiz Henrique Campos Pereira[1]

Cada um no seu quadrado: vizinhança na pandemia de covid-19[2]

Resumo: Considerando as relações de vizinhança da qual faço parte, o presente artigo discute a noção de vizinhança enquanto uma categoria relacional e seus aspectos no cenário de pandemia de covid-19 em um condomínio na cidade de São José do Rio Preto, São Paulo. Em uma etnografia do confinamento que, conforme se referem Rocha e Eckert (2015), assimilo o trabalho por imagens, tratando, por sua vez, de um pensar para ver e ver para pensar associações entre pandemia e vizinhança.

Palavras-chave: Antropologia Visual; Antropologia Urbana; Fotografia.

Cada uno en su propia plaza: barrio en la pandemia del covid-19

Resumen: *Este ensayo discute la noción de vecindario como categoría relacional y sus aspectos en el escenario de la pandemia del covid-19 en un condominio de la ciudad de São José do Rio Preto, São Paulo. En una etnografía del encierro que, como refieren Rocha y Eckert (2015), asimilo el trabajo por imágenes, tratando, a su vez, de pensar para ver y ver para pensar asociaciones entre pandemia y barrio.*

Palabras-clave: *Antropología visual; Antropología urbana; Fotografía.*

Each to their own square: neighborhood in the covid-19 pandemic

Abstract: *Considering the neighborhood relations from which I'm part of, this article discusses the notion of neighborhood in a relational category and its aspects in the pandemic scenario of the covid-19 in a condominium situated in São José do Rio Preto, São Paulo. In an confinement ethnography that, as Rocha and Eckert (2015) refer, I assimilate the work by images, dealing, in turn, with thinking to see and seeing to think associations between pandemic and neighborhood.*

Keywords: *Visual Anthropology; Urban Anthropology; Photography.*

1 - Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP de Marília/SP.
pereiralhc@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0003-2397-3684
http://lattes.cnpq.br/9188777454505794

2 - Trabalho realizado a partir de oficina promovida pelo NAVISUAL/UFRGS sobre etnografia do confinamento. Além disso, é importante enfatizar que as imagens foram produzidas entre 05/08/2020 e 09/08/2020 durante a fase laranja do Plano SP para a região de São José do Rio Preto — conforme decreto Nº 64.991, de 28/05/2020, e com base no 09º balanço (31/07) e no 10º balanço (07/08) dos cinco níveis restritivos de retomada das atividades.

A vizinhança me chama a atenção desde quando morava em Registro, no interior de São Paulo, cidade na qual nasci e onde a maior parte da minha família vive até hoje. Das brincadeiras compartilhadas na rua às interações com os vizinhos de muro essas relações me afetaram mesmo eu sendo incapaz de estabelecer comparações com outras possibilidades de vizinhanças. Pensando no caso dos vizinhos de muro, além da circulação de pessoas que ocorria entre as casas, o pequeno muro também facilitava a circulação de coisas, principalmente pela prática social entre minha mãe e a vizinha, alguns anos mais nova, circulavam, por exemplo: conversas sobre a rotina da rua, receitas, dicas de artesanato e famigerados potes plásticos com comidas. Pressupondo, assim, o que Mauss (2003) designa sobre a dádiva na sua regulação obrigatória pela relação entre dar, receber e retribuir.

Contudo, com o tempo, os vizinhos se foram, outros chegaram, o muro foi aumentado, e eu me mudei. Nesse processo, morei em diferentes cidades tendo contato (ou não) com diferentes vizinhos. Dos que compartilhei um café ou uma cerveja até daqueles que nunca soube quem vivia logo atrás da porta, mesmo passando ordinariamente pela frente. Percebo a notoriedade de pensar a vizinhança, portanto, enquanto uma categoria relacional e nem sempre de presença fixa. Ou seja, o vizinho sempre dependerá, pelo menos, de um outro para ser vizinho. Nesse sentido, a materialidade da experiência vivida se torna decisiva para um estudo relacional da questão levantada.

Com a pandemia de covid-19[3] o assunto da vizinhança tem me chamado a atenção de forma intensa, sobretudo, pela maneira como lidamos com a sugestão de isolamento social. No prédio ao lado, que está em construção, as atividades continuam com os trabalhadores utilizando suas ferramentas, motociclistas parecem utilizar as ruas com mais frequência, burburinhos nos corredores sugerem algum tipo de circulação de pessoas e coisas, discussões mais exaltadas também ecoam pelos corredores, além disso, até os pets mostram que compartilham desse momento conosco.

.

3 - Apoiado no decreto Nº 64.881, de 22/03/2020, o Governo do Estado de São Paulo anuncia quarentena em todo o Estado por conta da pandemia de covid-19.

Propus-me então, levando em conta a afirmação de Velho (1980), ao estudo de um grupo próximo de mim — haja vista que, o trabalho antropológico passa em sua especificidade no trato como o antropólogo estranha a si e o mundo que o cerca, mesmo que essas distâncias culturais estejam internalizadas no mundo que vivemos — para produzir, nos termos de Benjamin (1986), uma narrativa, mas, nesse caso, visual. Em outros termos, como afirma Rocha e Eckert (2015), uma etnografia por imagens. O que se sucede é o meu olhar fotográfico sobre a maneira como interajo com dois cômodos (sala e sacada) do apartamento em que moro, bem como a forma como os vizinhos são apresentados e se apresentam, afinal as imagens são negociadas desde antes do ato fotográfico e continuam. Há agência minha e dos vizinhos reforçando que nem as imagens são neutras, pois “imagens têm autoria, tempo e agência” (SCHWARCZ, 2014, p. 394). A partir daqui, no receio de transformar as imagens em ilustrações e reconhecendo as possibilidades do que elas possam ser, passo a palavra para as imagens fotográficas no exercício de pensar para ver e ver para pensar associações entre pandemia e vizinhança.

Referência

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Apresentação. In: _____. A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas. 1a. ed. Brasilia: ABA Publicações, 2015. p. 11–18.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Lendo e agenciando imagens: o rei, a natureza e seus belos naturais. Sociol. Antropol. [online]. 2014, vol.4, n.2, p.391–431.

VELHO, Gilberto. O antropólogo pesquisando em sua cidade: sobre conhecimento e heresia. In: ____ (Org.). O Desafio da Cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980. p. 13–21.










CAPELA
SANTA CLARA


CAPELA
SANTA CLARA

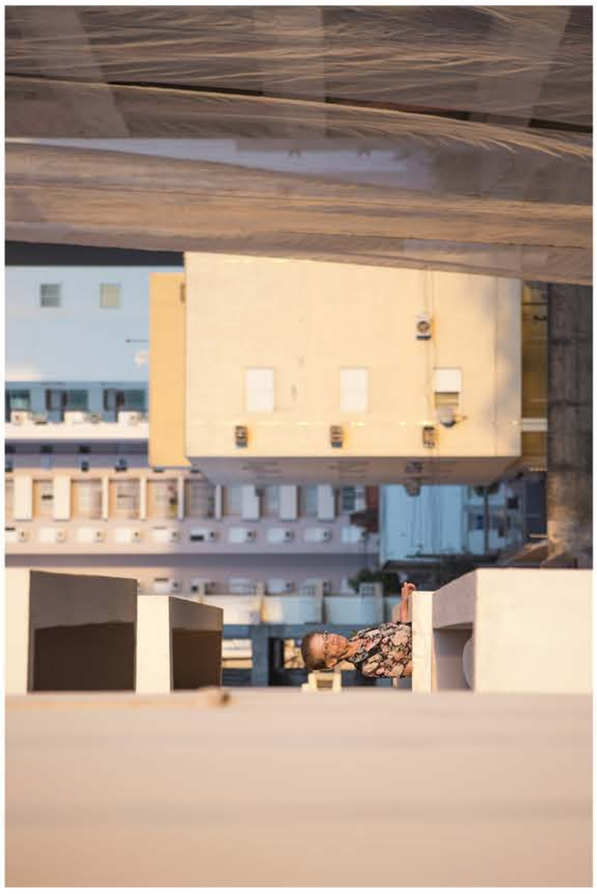


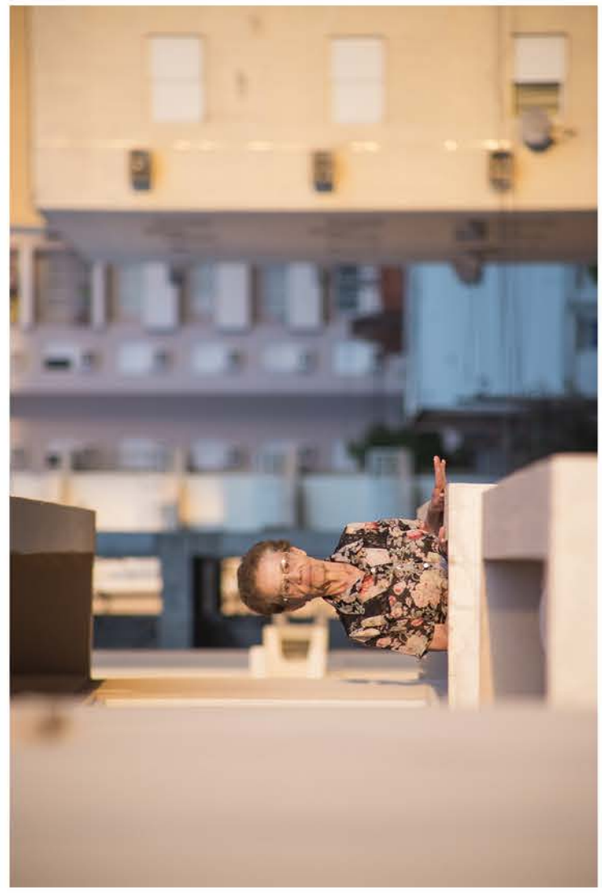


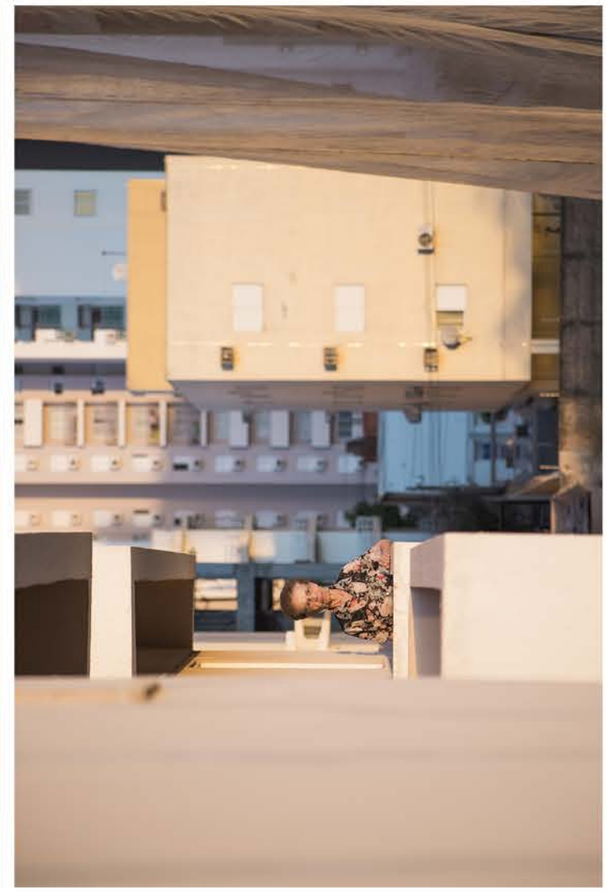














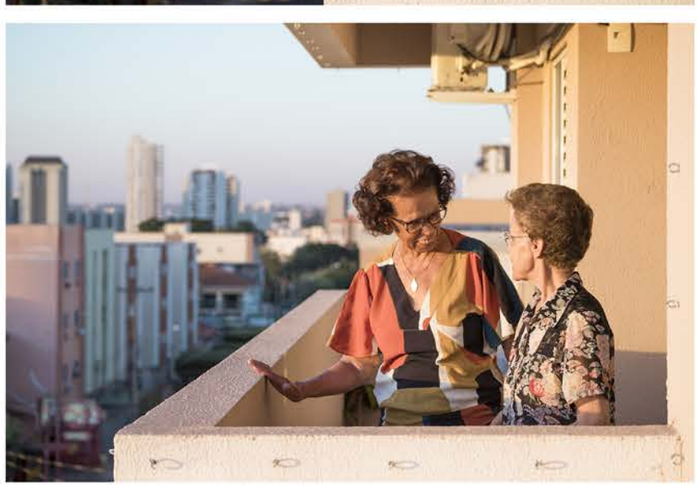


























Paulina Osorio-Parraguez [1]

Transformaciones del itinerario cotidiano en contexto de encierro y aislamiento social

Resumen: Este trabajo es un ejercicio auto-etno-gráfico que muestra transformaciones en mi vida cotidiana desde que se prohibiera la salida diaria de las personas producto de la pandemia del Covid-19 en la ciudad de Santiago. Hay un doble juego de fronteras. Por un lado, una hiper visible, la de la mascarilla o el guante que pone una barrera entre mi cuerpo y su entorno. Por otro lado, una frontera invisible y difusa, la que divide mi experiencia privada e íntima de la laboral.

Palavras-chave: Pandemia, autoetnografía, cronotopo, encierro, frontera.

Transformations of the daily itinerary in a context of confinement and social isolation

Abstract: *This work is an auto-ethno-graphic exercise that shows the transformations of my everyday lifestyle since going out daily was prohibited product of the Covid-19 pandemic in the city of Santiago. There is a double game of borders. On the one hand, a hyper visible, the one with the mask or the glove, that puts a barrier between my body and its environment. And on the other hand, an invisible and diffuse border, the one that divides my private and intimate experience from my laboral one.*

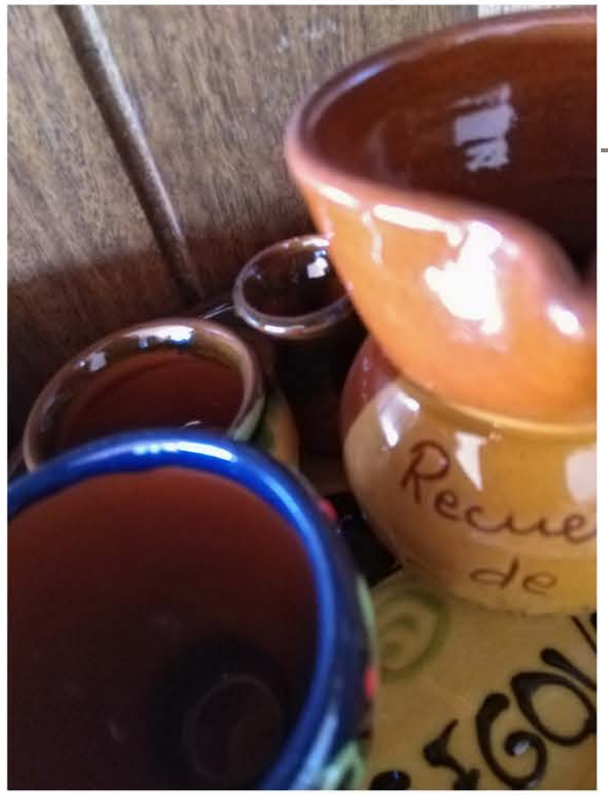
Keywords: *Pandemic, autoethnography, chronotope, confinement, border.*

1 - Universidad de Chile, Departamento Antropología, Núcleo CUVIL
posorio@uchile.cl
https://orcid.org/0000-0002-6438-3712
https://investigadores.anid.cl/es/public_search/researcher?id=3717

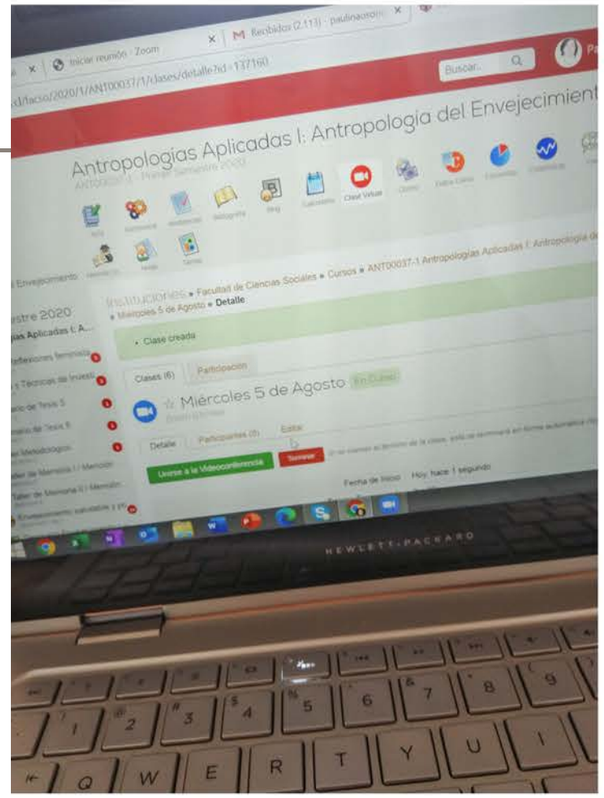
Las fotografías fueron captadas en el interior de mi espacio doméstico con la cámara del teléfono celular. El recorrido comienza la segunda semana de marzo de 2020, cuando las autoridades de la Universidad nos informan que la Facultad permanecerá cerrada y que las actividades docentes y de investigación se realizarán de manera remota.

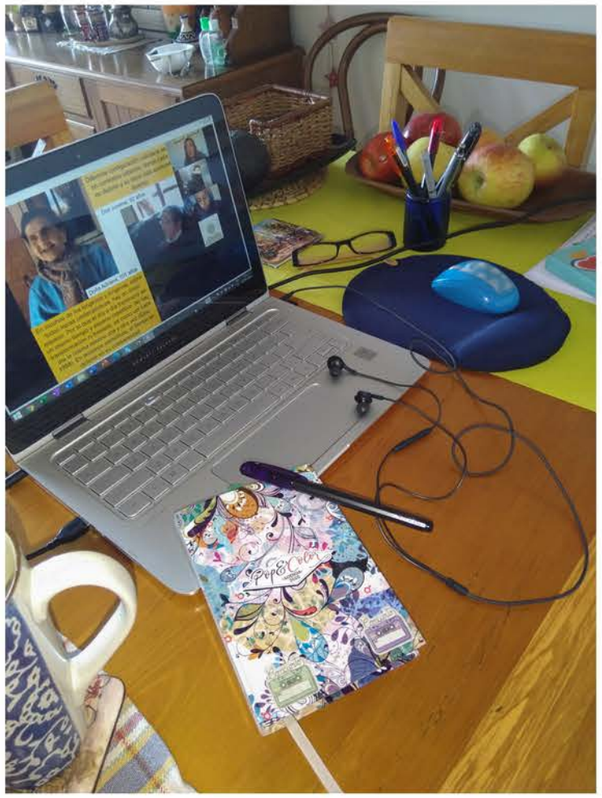
El encierro me ha hecho ver aquello que antes de la pandemia solo miraba. Veo mi casa y cada uno de los elementos que la componen. Colores, artefactos, utensilios, muebles: ahora soy consciente de cada rincón, de cada textura, hasta del olor de mi casa. Son parte de mi identidad, de la cultura material, de mi biografía, que siempre estuvieron aquí, que yo miraba, pero no veía.

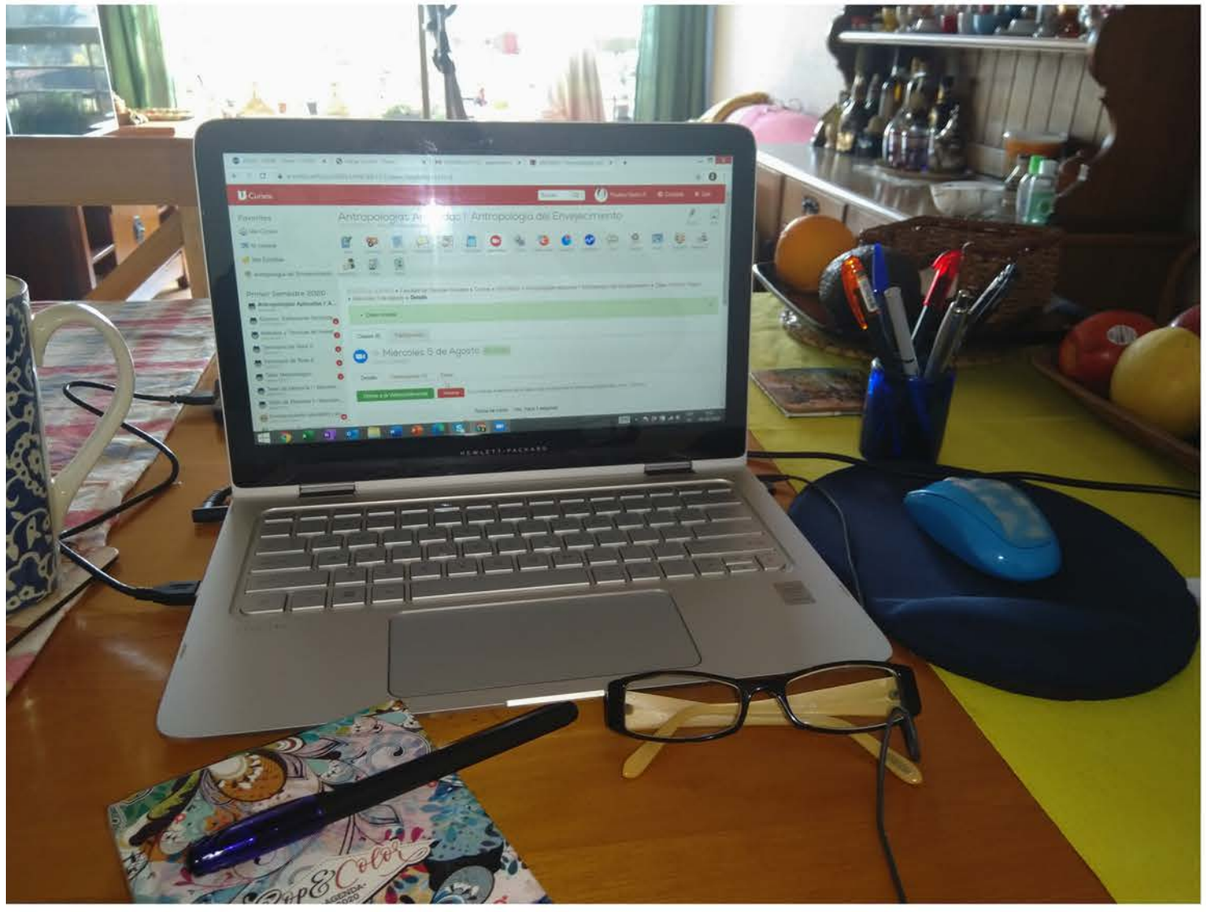












Ya no se come en la mesa; se trabaja. Ya no es la puerta de entrada la frontera entre lo laboral y lo doméstico; es el mantel, el que me dice dónde termina mi casa y comienza mi oficina, la sala de clases. La frontera física entre mi trabajo y mi casa, entre lo público y lo privado ya no es el umbral de la puerta, ya no está, esa ya no existe, o si existe en su materialidad es un utensilio doméstico: el mantel. En sólo un metro cuadrado me desempeño día a día como académica e investigadora, sin posibilidad de desplazarme; la movilidad ha desaparecido. El cruce entre espacio y tiempo de mi vida cotidiana, es decir, el cronotopo es difuso, con un único ritmo y paisaje que se repite idéntico días a día, semana a semana, mes a mes. Por lo que el día a día transcurre en un mismo tiempo y espacio repetitivo. No hay transformación ni traslado, es como ver cada día la misma escena una y otra vez (Elias 1998). En términos simbólicos, el tiempo se detiene en su cotidianeidad.



Mi cuerpo también se transforma, “muta” en su apariencia y en su relación con el entorno. La pandemia me ha llevado a una relación prohibida con el entorno “mantener distancia”, “no tocar”, “no tocarse”; entre mis manos, mi piel y el entorno media un guante, una segunda piel que me aísla, que aísla mi cuerpo de los otros cuerpos de me rodean. He tenido que generar una frontera física entre mi cuerpo (territorio biográfico) y la sociedad (territorio cultural).



Referencias

ELIAS, Norbert. Sobre el tiempo. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

Ana Luisa Fayet Sallas [1]

Lamentos como lágrimas perdidas ao vento

Resumo: O presente ensaio é um esforço de conversão em imagens a dor da experiência do confinamento provocado pela crise pandêmica do Covid-19. Apresento aqui três momentos desse processo de lidar com a dor e o sofrimento. Trago aqui fotografias de três momentos distintos desse mesmo processo de confinamento e de expressar os sentimentos de dor, perda e sofrimento que emergem desse instante contínuo e incerto que estamos vivendo.

Palavras-chave: dor, luto, impotência, lamento.

LAMENTOS COMO LÁGRIMAS PERDIDAS CON EL VIENTO

Resumen: *Este ensayo es un esfuerzo por convertir en imágenes el dolor de la experiencia de confinamiento causado por la crisis pandémica del Covid-19. Aquí presento tres momentos de este proceso de lidiar con el dolor y el sufrimiento. Traigo aquí fotografías de tres momentos distintos de ese mismo proceso de encierro y de expresar los sentimientos de dolor, pérdida y sufrimiento que surgen de este momento continuo e incierto que estamos viviendo.*

Palabras-clave: *dolor, pena, impotencia, arrepentimiento.*

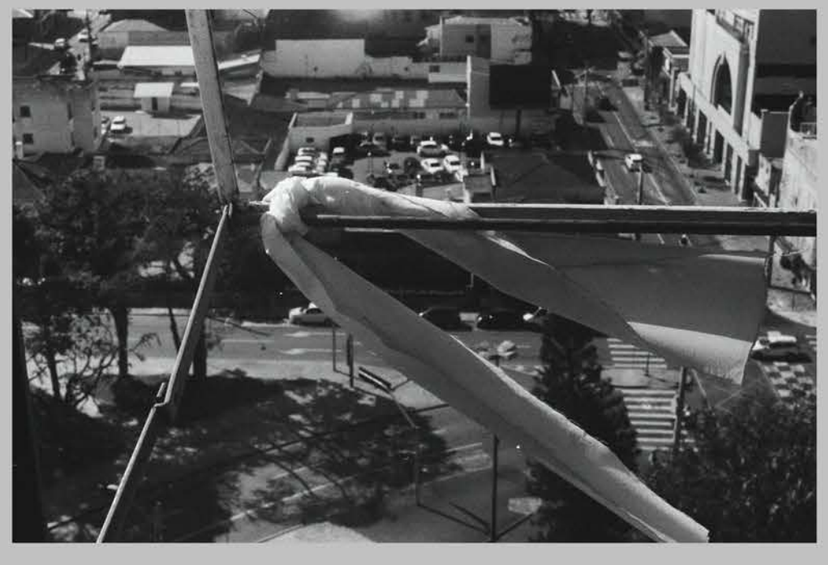
LAMENTES LIKE TEARS LOST IN THE WIND

Abstract: *This essay is na effort do convert the pain of the confinement experience caused by the Covid-19 pandemic crisis into images. Here I presente three moments of this process of dealing with pain and suffering. I bring here photographes of three different moments of that same process of confinement ando f expressing the feelings of pain, loss and suffering that emerge from this continuous and uncertain moment that we are living.*

Keywords: *pain, grief, impotence, regret*

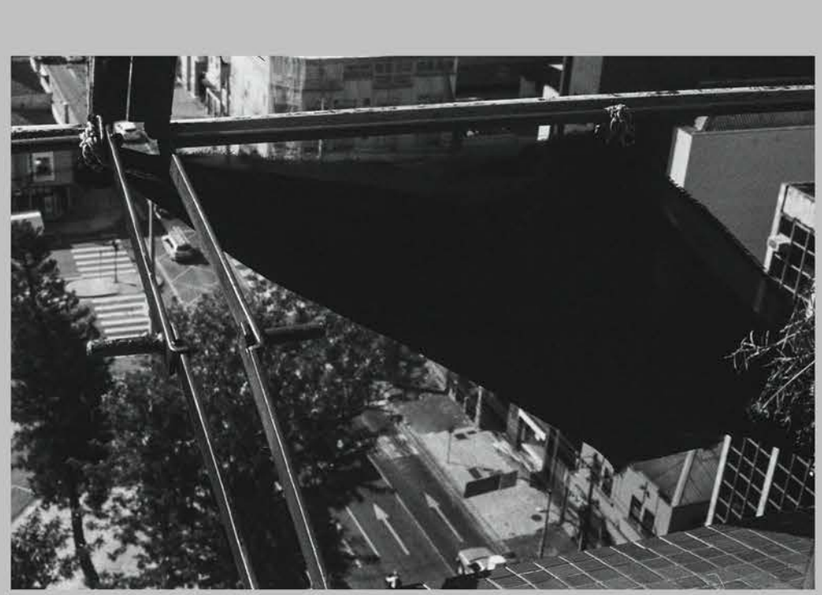
1 - Professora Titular do PPGSociologia/UFPR
Bolsista Senior
analuisasallas@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-9928-6771
http://lattes.cnpq.br/7750270371571646

O presente ensaio é um esforço de conversão em imagens a dor da experiência do confinamento provocado pela crise pandêmica do Covid-19. Apresento aqui três momentos desse processo de lidar com a dor e o sofrimento. A dor diante da impotência e dos limites de uma janela que foi se constituindo durante esse tempo já extenso e suspenso, em lugar de expressão do protesto, lamento e da dor face à impotência estabelecida. A janela se fez gritos de “Fora Bolsonaro” e “Assassinos” quando divisava carreatas de apoio as ações do presidente. Foram dias e noites de lamento, de dor profunda. Mas essa mesma dor pode se transmutar em panos colocados na janela: primeiro um pano branco e depois um preto que, juntos se converteram num protesto silencioso e solitário feito da minha janela. Passaram-se semanas até uma advertência do síndico: “a convenção do condomínio impede objetos nas janelas, que deixam a prédio com uma imagem de desleixo e abandono...” Meus argumentos foram em vão e fui obrigada a retirar os panos, e assim o fiz largando-os ao vento. Mas meu espirito pedia algo mais, urgia e sangrava ao ver as noticias nos jornais, número crescente de mortos e eu de minha janela completamente impotente. Assim, lembrei de um delicado presente de minha mãe: lenços femininos bordados das mais variadas formas. Neles reencontrei a minha potência e agora os vejo balançando ao vento e atuando como um eco que pudesse chegar aos milhões de mulheres, homens, jovens e crianças que foram afetas e seguem afetados pela pandemia e pelo abandono. Abandono desse gesto tão humano de empatia e solidariedade. Assim, daqui da minha janela solitária em imagino poder enxugar todas as lágrimas vertidas ao tempo do luto e da dor. Finalmente, fui levada a um outro movimento de procurar trazer de alguma forma os corpos de vidas perdidas para a minha janela. Aqui são imagens de imagens que procuram evocar a vida presente nos corpos. Esforço efêmero que de toda forma retoma sempre a escuridão e a dor. Não há redenção alguma, e se houver será destinada às futuras gerações.


















B.









Andrea Murillo [1]

Estética de muerte en el hogar [2]

Resumen: Este ensayo aborda la relación entre la fachada estética de las infraestructuras y la reproducción fotográfica en el confinamiento decretado por el COVID-19. Las infraestructuras son formas materiales que conectan energías para reproducir la vida social en el espacio público y también en los hogares. A partir de la punzación fotográfica encuentro la estética de muerte que concierne a dichos objetos en un tiempo de muerte e incertidumbre allá afuera.

Palavras-chave: Infraestructura; Punctum; pandemia; México

Aesthetics of death at home

Abstract: *This essay addresses the relationship between the aesthetic façade of the infrastructures and the photographic reproduction in the confinement decreed by COVID-19. Infrastructures are material forms that connect energies to reproduce social life in public spaces and also in homes. From the photographic puncture I find the aesthetics of death that concern these objects in a time of death and uncertainty out there.*

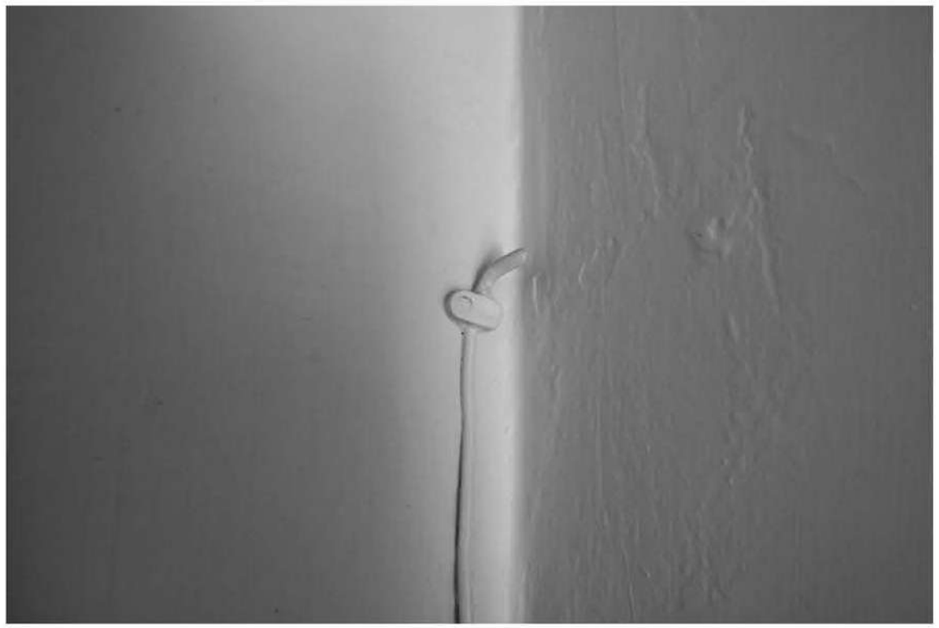
Keywords: *Infrastructure; Punctum; pandemic; Mexico*

1 - Andrea Guadalupe Murillo Gutiérrez. Candidata a doctora en Antropología Social en el Centro de Estudios Antropológicos de El Colegio de Michoacán, México.
andreag.murillog@gmail.com.
https://orcid.org/0000-0002-8616-1520?fbclid=IwAR3xnTpO43CPBqmPSRhNznPCbXOcx5OoBw1x3XYXYusX0W9posfBqUQji4.
https://independent.academia.edu/AndreaMurillo42/CurriculumVitae

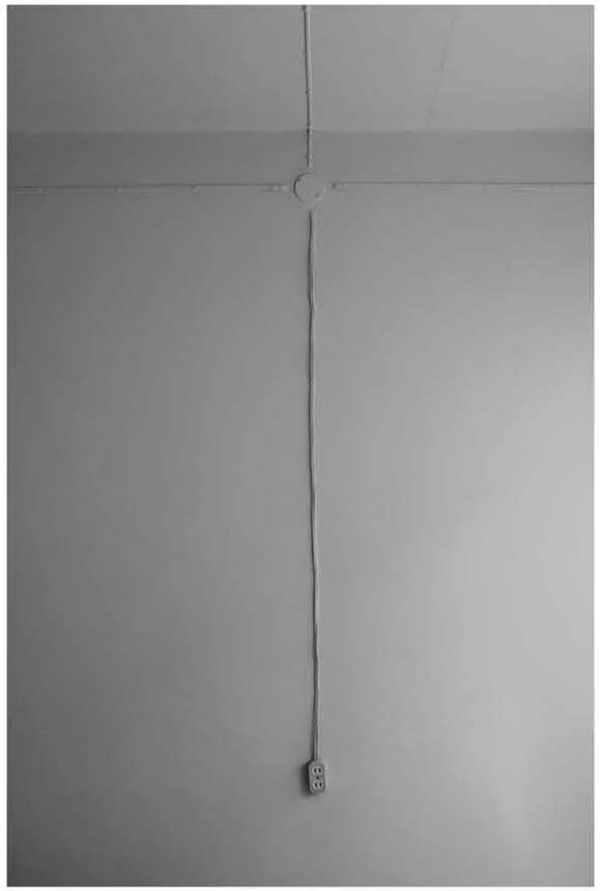
2 - Este trabajo es una reflexión más intencionada al material que desarrollé en el taller El Hogar como personaje, impartido por Nirvana Paz en el Centro de la Imagen, de la Secretaría de Cultura de México, de junio a agosto de 2020. El presente trabajo fue realizado gracias a la beca de manutención que el Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONACYT) a través de El Colegio de Michoacán brinda a estudiantes de posgrado nivel doctorado.

Las infraestructuras conectan energías para reproducir la vida social en espacios públicos y en los hogares. Son formas materiales con las que vivimos a diario, a veces tan imperceptiblemente y otras tan evidentemente que naturalizamos parte de su sonido, olor y presencia en nuestro andar cotidiano. En esta contingencia, al caminar dentro de casa, me detuve en atender su presencia y materialidad. Mientras desayunaba observaba frente a mí una roseta telefónica en la pared. Como un ser muerto, veía que nada pasaba a través de ella. Cuadrada, pequeña, sin su protector, mostrándome todo su interior. Otros objetos como cables, tubos de acero y clavos llamaron mi atención, si bien por su nula actividad y agotamiento, también por su potencial visual y estético. Las infraestructuras de las que doy cuenta en esta serie tienen que ver con la relación entre la fachada estética y la reproducción fotográfica en tiempos de pandemia.











Hace un año llegué a vivir a esta casa. Esta construcción se encuentra en una privada en la zona céntrica de Zamora de Hidalgo, una ciudad mediana del estado de Michoacán. Esta propiedad pertenece a una de las familias oligárquicas de la ciudad. La casa posee más de 70 años de ser construida, según me contó mi vecina de enfrente quien lleva 43 años viviendo en este lugar.

Zamora de Hidalgo es considerada una ciudad de importancia en el comercio agrícola a nivel regional. Su condición geográfica propició la explotación de dos recursos naturales para la producción agrícola: la tierra y el agua.[3] En distintos periodos históricos de las políticas de desarrollo y modernidad del país, agentes estatales, miembros de la Iglesia católica, hacendarios, prestamistas y bancos privados influyeron en la incorporación de maquinaria y tecnologías para la especialización de la producción de frutos rojos en la ciudad, principalmente la fresa para su exportación a Estados Unidos (Verduzco, 1992).[4]







Este mapeo regional me permite ubicar las infraestructuras del lugar que habito en un ambiente histórico y particular. El salitre[5] que observo como burbujas de diferentes tamaños en las paredes. Y los fierros oxidados que observo parten, si bien, de un descuido propio, de los inquilinos anteriores y de los propietarios, también de las condiciones ambientales y particulares de esta ciudad.

Las infraestructuras poseen una serie de cualidades referentes a desarrollo, progreso y mejora, pero también a desigualdad, nostalgia y corrupción desde el ámbito público y desde el ámbito privado. Las cualidades de las infraestructuras varían de acuerdo a la manera en que los sujetos sociales viven y vivieron proyectos nacionales y políticas internacionales que impactaron en su país y en su lugar de origen en cierto momento histórico. La manera en que vivo estas cualidades parten desde una posición de mujer mestiza clase media que renta dicha casa y que en esta contingencia tuvo la posibilidad de quedarse dentro de su hogar a trabajar.

[3] A el Valle de Zamora lo atraviesan las aguas muy contaminadas del río Duero.
[4] El monopolio comercial que Zamora ejerció en los tres cuartos del siglo pasado produjo efectos de diferenciación social, generando la emigración de personas de pueblos aledaños a Zamora y la migración de personas, principalmente hombres, a Estados Unidos. Esto redefinió los mercados de trabajo en la región centro-occidente de México (Arias y Mummert, 1987).
[5] Es una especie de hongo que surge en el suelo o en las paredes relacionado a problemas de humedad.



Brian Larkin (2018) precisa en ver las infraestructuras como objetos estéticos. A través de estos objetos se trafican ideas y poder, pues las infraestructuras no nada más suministras agua o electricidad, también temporalidades de pasados y futuros y una relación estrecha con estructuras gubernamentales. Tales objetos generan emociones a partir de su visibilidad y en esto recae el papel de la estética. La visibilidad de las infraestructuras mundanas junto con la invisibilidad y visibilidad de infraestructuras espectaculares, por ejemplo: carreteras, alcantarillas, puentes y ferrocarriles forman parte de "la representación de diferentes estilos de visibilidad" (Larkin, 2018, p. 186). En ello la fotografía toma un papel importante al mostrarnos estas formas como parte de procesos de representación.

Para el presente ensayo considero que las infraestructuras de mi hogar poseen cualidades inquietantes. De tal suerte lo punzante de estas infraestructuras lo concibo a partir del punctum en términos de Roland Barthes (1990). Barthes considera al punctum como la cualidad de la fotografía que atrae al espectador. Es el detalle que nos pincha o atrapa. Tal punzación por el detalle provoca desplazarnos hacia un tiempo utópico y hacia un tiempo atrás (en modo alguno inquietante y relacionado al Heimlich 'hogar') pero sin poder nombrarlo, pues "lo que puedo nombrar, no puede realmente punzarme" (Barthes, 1990, p. 100).

Entonces aquí me gustaría adentrarme en el punctum desde la producción fotográfica. Si esta cualidad punza porque refiere al hogar, dentro de mi hogar existen cualidades que me punzan, me inquietan y me son extrañas. Tales cualidades están soportadas por la temporalidad del antes de la pandemia y del después de la pandemia. Cuando observo estos elementos en mi vida cotidiana me debato en lo que mis ojos ahora estarían viendo si no estuviera en medio de esta contingencia, pero los miro y me detengo en ellos porque el detalle me atrae; su espesura a la que intento dar vida y realidad, le doy muerte a partir del click, la paradoja más grande de la fotografía, según Barthes. Cuando doy click doy muerte a la escena, teniendo en cuenta que insisto en que viva, en su resurrección. Doy vida y doy muerte en un tiempo y en un espacio como mi hogar que concentra emociones públicas también rodeadas de vida y muerte allá afuera.



Referencias:
Arias, Patricia y Mummert, Gail. Familia, mercados de trabajo y migración en el centro de México. Nueva Antropología, v. 9, n. 32, p. 105-128, nov., 1987.
Barthes, Roland. La cámara lúcida. Nota sobre la fotografía. España: Paidós Comunicación. 1990.
Larkin, Brian. Promising Forms: The Political Aesthetics of Infrastructure. En Anand, N., Gupta, A., Appel, H. Hannah Appel (ed). The Promise of Infrastructure. Durham, Inglaterra: Duke University Press. 2018. p. 175-202.
Verduzco, Gustavo. Crecimiento urbano y desarrollo regional: el caso de Zamora, Michoacán. Relaciones, v. 5, n. 17., p. 9-40, 1983.

Fábio Gatti [1]
Fernando Cury de Tacca [2]

Em nome da amizade

Resumo: Este pequeno ensaio se debruça sobre o trabalho chamado Série Negra_after Goya y Antonio Saura, de autoria de Fernando de Tacca, realizado durante a crise sanitária mundial de Covid-19. Não há pretensão de esquadrinha-lo em sua totalidade. Ao contrário, elegem-se como eixo discursivo a dicotomia entre luz e sombra, cara à fotografia, a segurança da noite em Goya, as questões políticas em Saura e, especialmente, o convite a amizade interpretado por Agamben, a partir de Aristóteles.

Palavras-chave: fotografia, amizade, luz, sombra e política

En nombre de la amistad

Resumen: Este ensayo se centra en el trabajo denominado Série Negra_after Goya y Antonio Saura, de Fernando de Tacca, realizado durante la crisis sanitaria mundial en Covid-19.. Discute la dicotomía entre luz y sombra, frente a la fotografía, la seguridad de la noche en Goya, los temas políticos en Saura y, especialmente, la invitación a la amistad interpretada por Agamben, comenzando por Aristóteles, se eligen como eje discursivo.

Palavras-chave: fotografía, amistad, luz, sombra y política.

In the name of friendship

Abstract: *This short essay focuses on the work called Série Negra_after Goya y Antonio Saura, by Fernando de Tacca, carried out during the Covid-19 crisis. There is no claim to probe it in its entirety. On the contrary, the dichotomy between light and shadow, cherished to photography, the security of the night in Goya, the political issues in Saura and, especially, the invitation to friendship interpreted by Agamben, starting with Aristotle, are chosen as the discursive axis.*

Keywords: *photography, friendship, light, shadow and politics*

1 - Artista visual e professor. Leciona cursos livres de teoria e práticas fotográficas no Ativa Atelier, em Salvador, e atua como Professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da EBA-UFBA, desde 2014.
gatti_f@yahoo.com.br
https://orcid.org/0000-0002-9733-4474
http://lattes.cnpq.br/6010412814402366.

2 - Fotógrafo e professor Livre Docente pelo Instituto de Artes/ Unicamp. Editor da revista Studium (2000–2019). Atualmente vive em Madri, Espanha.
fernandodetacca@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-8998-4266
http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4764989D6.



Em inúmeros relatos sobre o descobrimento da fotografia no século XIX, a importância dada à sombra é algo relevante e ainda carente de estudos mais profundos em seu aspecto positivo. Apesar do ardente desejo em fixar os objetos pela ação da luz, as análises dos resultados visuais eram, em grande maioria, orientadas pela existência das sombras sobre as superfícies fotossensíveis. Tal dicotomia não é um produto fotográfico, mas sim formado pelo imaginário judaico-cristão para o qual a luz é o caminho da verdade. Assim, em nome de deus, a fotografia passa a ser orientada pela binaridade entre luz e sombra, presença e ausência, verdade e mentira — ao menos a nível discursivo, porque na prática as experimentações fotográficas não se curvaram ao ideário moderno da época.

Embora embalada pelos braços do progresso, a fotografia não se dispôs à aderência explícita ao real como tantos livros desejaram, inclusive no século XX. Para além do verídico, ela se mostrou congenial à fantasia e à todas as manifestações que a inventividade humana foi e ainda é capaz de produzir. Talvez isso não seja um elemento específico da fotografia, ainda que sua existência mecânica reforce tal aspecto, mas algo presente na atividade artística em si, como é percebido nas Recriações de José Oticica Filho cujo parentesco visual e metodológico com as imagens de Tacca é de primeiro grau. Porém, a certeza da fotografia é a do olho, da cultura de um tipo de visão mecanicista da qual nada escapa e na qual tudo deve ser límpido, transparente e verificável: “a luz à qual respondem é também impregnada de valor cultural e está intimamente interligada ao seu tecido material/simbólico”. (TOMAS, 1988. p.61)

Um dos grandes problemas para a história da fotografia reside na necessidade de uma análise sobre a dualidade entre a garantia proporcionada pela luz e o medo, morador perene da escuridão. Felizmente, há artistas para quem o escuro não é fonte de tormento mesmo quando suas imagens o parecem ser ao espectador. É o caso Goya, com as Pinturas Negras (1819–1823). Segundo Berger (2015), os seus trabalhos não têm a escuridão como fonte do horror e terror; pelo contrário, “é a luz que os revela. Goya viveu e observou algo próximo o suficiente de uma guerra total para saber que a noite é segurança e que é o amanhecer que se teme”. A verdade da luz é a carnificina da guerra, da morte e do medo conforme se observa nas suas gravuras de Los desastres de la guerra (1810–1815). Esses seus trabalhos não são representações da falta; não é possível pensá-los pelo paradigma dual de vida e morte, pois estas são coincidentes e não o verso si.

Assim, não é o uso da superfície preta que dá nome a série produzida por Tacca o elemento do terror, que remete as placas de vidro da época da daguerreotipia, mas sim a transparência oferecida pela pasta de limpeza branca, por meio da qual a luz revela o assustador. A sua série negra também não trata da falta, mas do excesso dessa luz cristã que assola o Brasil desde o período colonial e se faz mais clara diante do atual governo fascista. Os retratos de Tacca não são um panfleto político como os de Antonio Saura, cuja produção se deu durante a ditadura franquista, permanecendo guardada até fevereiro desse ano quando foi montada a exposição Mentira y sueño de Franco, uma parábola moderna no Circuclo de Bellas Artes, em Madri[3]. Nesses trabalhos, conta Marina Saura, sua filha, o artista “despeja a sua alma, o seu eu mais etéreo, os espíritos e as imagens poéticas que o perseguiram nos anos de Francisco Franco, com todas as suas dores. Um testemunho íntimo e abstrato do terror”. (MALDONADO, 2020)

Nas fotografias de Tacca, a pessoa retratada é ele mesmo e não um capitão qualquer. Embora a sensação de impotência e os dissabores originados pela atual situação política brasileira tenham sido um dos principais motivos para realização de suas imagens, seus autorretratos expõem, pela luz que os atravessa, a suspensão da vida e o terror diante da inação das instituições federais que afeta toda a população em meio a uma pandemia mundial e um pandemônio cristão e policiesco. Estes dois últimos, objetos de outra ação artística: O inferno nunca se farta (2017). Aqui discutiu-se sobre a violência em plena ditadura militar brasileira quando da reunião de estudantes na PUCSP, em 22 de setembro de 1977, da qual ele participou: “em se tratando de cercear a livre manifestação, o modo de cada um escolher suas convicções políticas, religiosas, sexuais ou qualquer outra, é sempre bom ficar atento aos possíveis retornos dos infernos implantados na nossa vida social” (TACCA, 2017. p.111)

3 - Os desenhos de Saura seguem a denúncia política na esteira das gravuras de Goya sobre os desastres da guerra e, depois, da história em quadrinhos de Picasso, com nome quase idêntico ao do seu trabalho: Sueño y Mentira de Franco.

Esse excerto, uma previdência em relação à atualidade brasileira, conduz a pensar sobre a necessidade da amizade no sentido discutido por Agamben ao recuperar as proposições aristotélicas: a condivisão da própria existência. Em nome da amizade se descobre o "com-sentir originário que constitui toda política" (AGAMBEN, 2009. p.92) e ao mesmo tempo se iluminam os inimigos. Se a amizade não tem predicado, se não é uma propriedade e tampouco uma qualidade do sujeito, conforme explica o autor, fica ainda mais fácil delinear quem a usa como instrumento de arrecadação do que quer que seja. Para além do panfleto, porém ainda na segurança da sua noite, Tacca tensiona os espaços de convívio de uma cultura dualista cuja vida solicita um novo paradigma: o abraço entre amigues.

Referência

AGAMBEN. G. O amigo. In: _____. O que é contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. pp.77–92.

BERGER, J. Francisco de Goya (1746–1828). In: OVERTON, T. (Org.). Portraits: John Berger on Artists. London: Verso books, 2015. Disponível em: https://www.versobooks.com/blogs/2318-francisco-de-goya-1746-1828-by-john-berger-from-portraits-john-berger-on-artists.

MALDONADO, L. Cuando Antonio Saura dibujó el pene de Franco: las caricaturas clandestinas del dictador. El Español, Madrid, 20 fev. 2020. Disponível em: https://www.elespanol.com/cultura/20200220/antonio-saura-dibujo-franco-caricaturas-clandestinas-dictador/468704352_0.html.

TACCA, F. O inferno nunca se farta. Cadernos de Arte e Antropologia, vol. 6, n.1, 2017. pp.109–112. Disponível em: https://journals.openedition.org/cadernosaa/1226.

TOMAS, D. From the Photograph to Postphotographic Practice: Toward a Postoptical Ecology of the Eye. SubStance. v.17, n.1, 1988. pp.59–68.













Ronaldo de Oliveira Corrêa [1]

O AVESSO DO AVESSO DA FOTOGRAFIA É A IMAGEM?
Experimentação verbo-visual para uma erótica das formas expressivas

Resumo: Esse (meta)texto, acionado a partir de uma experimentação verbo-visual, pretende articular momentos, sentidos e sentimentos numa constelação de eventos vividos. Ativada como tática de resistência ao processo de embotamento das sensibilidades provocado pelo isolamento social — medida sanitária, em face da Pandemia de Covid-19 –, a constituição da experimentação pretende, em última instância, preencher o vazio desse tempo, o qual tende à homogeneização. Pretendo, dessa forma, mobilizar afetos, artefatos, topografias, memórias e gestos em narrações possíveis e fragmentárias que incluem os corpos no mundo.

Palavras-chave: imagem, erótica das formas expressivas, crítica, antropologia com imagens, confinamento(s).

EL INTERIOR DEL INTERIOR DE LA FOTOGRAFÍA ES LA IMAGEN?
Experimentación verbo-visual para una erótica de formas expresivas.

Resumen: Este (meta) texto, desencadenado a partir de una experimentación verbal-visual, pretende articular momentos, sentidos y sentimientos en una constelación de hechos vividos. Activada como táctica de resistencia al proceso de adormecimiento de las sensibilidades provocadas por el aislamiento social --medida sanitaria, ante la pandemia del Covid-19--, la constitución de la experimentación apunta, en definitiva, a llenar el vacío de ese tiempo, que tiende a la homogeneidad . De esta manera, pretendo movilizar afectos, artefactos, topografías, recuerdos y gestos en narraciones posibles y fragmentarias que incluyen cuerpos en el mundo.

Palavras-chave: imagen, erótica de formas expresivas, crítica, antropología con imágenes, encierro (s).

IS THE REVERSE OF THE REVERSE OF PHOTOGRAPHY THE IMAGE?
Verb-visual experimentation for an erotica of expressive forms

Abstract: *This (meta)text, triggered by verbal-visual experimentation, intends to articulate moments, senses and feelings in a constellation of lived events. Activated as a resistance tactic to the process of dulling sensitivities caused by social isolation — health measure, in the face of Covid-19 Pandemic –, the constitution of experimentation aims, ultimately, to fill the void of this time, which tends to homogenization. Thus, I intend to mobilize affections, artifacts, topographies, memories and gestures, in possible and fragmentary narrations that include bodies in the world.*

Keywords: *image, erotica of expressive forms, critique, anthropology with images, confinement(s)*

1 - Universidade Federal do Paraná
rcorrea@ufpr.br
https://orcid.org/0000-0003-1894-1944
http://lattes.cnpq.br/3869130149433615

[Obs.] O que apresento na sequência são fragmentos de notas realizadas em diário. Informo: as notações realizadas entre colchetes são marcadores de eventos extralinguísticos, mas parte fundamental da narração. As notações entre parêntesis são eventos informados pelos aparatos técnicos utilizados; esses são registrados por serem parte das formas de interação nos tempos de isolamento social.

[quarta-feira — ago'20. Fim da manhã após o término de uma aula, realizada de forma remota. Na tela do computador apenas duas janelas retangulares rompem a monotonia do fundo impessoal da plataforma onde a aula foi realizada. Nessas, figuram duas pessoas, uma delas eu, a travar uma conversa virtual.]

– Está aparecendo para você? Compartilhei a tela... [momentos de silêncio.]
– Sim, apareceu agora. [a voz metalizada responde.]

– Eu pensei essa montagem das imagens, um tanto formalista... Foi o único jeito que consegui organizar. Faz alguns dias estou na tentativa de montar essa prancha. [momentos de silêncio.]

– Enquanto você falava, lembrei das pranchas do Aby Warburg. Parece algo nesse sentido, não?

– Sim, sim...tinha essa referência na cabeça. Mas, eu queria fazer uma coisa mais próximo daquele trabalho da Sandra Kogut, o "Parabolic People" (1991), lembra! Uma montagem meio sobreposta, com interferência de uma imagem sobre e nas outras. Não consegui... Decidi, então, construir relações formais e, ao propor hierarquias entre tamanhos, cores e enquadramentos, estabelecer os sentidos associados aos lugares, às coisas, às memórias e aos gestos experimentados nesse tempo de isolamento social.

(A MÁQUINA AVISA: INSTABILIDADE DA SUA REDE. VERIFICAR A CONEXÃO.)

[Silêncio.]

(A MÁQUINA AVISA: ACESSO À INTERNET.)

– Entendo, mas... o que é isso mesmo? [A voz metalizada, agora recortada, como pulsos ininteligíveis.]

– Ah! Sim. É um texto para uma revista. Estou a propor uma experimentação verbo-visual. Aciono três textos e doze imagens...

– Entendi. Interessante a revista propor uma ação poética, um processo... Como vai funcionar?

(NUM BOTÃO VERMELHO: ENCERRAR O COMPARTILHAMENTO DA TELA.)

– Sigo algumas questões formuladas pelo Etienne Samain (1), num texto dos anos 1990 sobre o uso das imagens em pesquisas nas ciências humanas. Ele formulou a seguinte questão,

como poderemos assegurar, com a maior objetividade possível, a recepção de uma mensagem imagética, isto é, dada a ser vista, quando se sabe da sua polissemia intrínseca, das normatizações comunicacionais que as regem e das diversas constelações de saber lateral que envolvem e determinam sua apreensão e efetiva decodificação? (p. 57).

– É uma revista de antropologia?

– Sim, sim...de antropologia da imagem... Com essa questão de Samain na cabeça quero usar, em contraste, um texto da Susan Sontag (2), escrito nos anos 1960. Ela reviu esse texto e foi publicado no Brasil ano passado. Ela propõe que "deveríamos resistir à tentação de interpretar (...)" (p. 23) as formas expressivas, e justifica, "interpretar torna a obra dócil, submissa" (p. 21). No mesmo movimento, ela comenta que as formas expressivas contemporâneas resistem à interpretação, seja pelo esvaziamento de seu, possível, conteúdo; ou ao explicitarem esses conteúdos, com o propósito de tornarem-se ininterpretáveis.

– Qual texto? (...) cortou aqui tua voz... Não consegui entender... [sem conseguir ouvir, pela sobreposição dos áudios. Continuo.]

– Ou seja, as formas expressivas, entre elas a fotografia, escapam à ação dos intérpretes, ao exporem-se límpidas, diretas, sendo o que são. Ao partir dessas questões, Sontag sentencia, “precisamos aprender a ver mais, a ouvir mais, a sentir mais” (p. 29), e complementa,

nossa tarefa não é descobrir o máximo de conteúdo numa obra de arte, muito menos extrair da obra mais conteúdo do que já está ali. Nossa tarefa é reduzir o conteúdo, para podermos ver as coisas. (p. 29).

[sobreposição dos áudios, não é possível ouvir a pergunta. Sigo.]

– Estou a fazer uma ação no Instagram, você até participou... Posto imagens aleatórias, recortes do cotidiano, ausências. Uso a legenda, _erótica_da_ imagem. Vejo como as pessoas reagem, o que perguntam. E, eu resisto a explicar. Respondo coisas banais, digo que não há significado a ser escavado, ou encontrado nas imagens. Espero que as pessoas vejam as imagens. Com isso, tento refletir sobre o como é possível às imagens resistirem à sua interpretação, numa sociedade, eminentemente, comunicacional (semiótica).
– O terceiro texto é aquele do Walter Benjamin (3), sobre o conceito de história. Lembra... Já leu?

– Sei... [aparecem pequenos ícones vermelhos com uma sequência de barras, sobre nossas imagens.]

(A MÁQUINA AVISA: INSTABILIDADE DA REDE.)

– Benjamin provoca, no exercício de contra-narrar a história, a reflexão sobre o tempo. Ele comenta que o tempo está marcado pela ideia de progresso na sociedade moderna e, por isso, é apresentado como homogêneo e vazio. Todavia, ele alerta para a contradição de pensarmos os eventos a partir dessa força, o progresso. Convoca-nos a vermos, ouvirmos e sentirmos “o tempo preenchido pelo agora” (p. 18).

– Bom, como você pensa juntar tudo isso? [os ícones vermelhos são substituídos por outros, similares, em uma sequência...verde, amarelo, verde.]

– Não sei. Quero propor, com a experimentação, a ideia de vivermos um agora em suspensão. Discutimos de várias formas o caráter e a necessidade de nossa existência no mundo da vida. Em meio a tantas formas de desumanização — genocídios, racismos, violências, destruição ambiental, doenças, tantas outras coisas –, somos condenados a sentir. Sentir tornou-se nosso destino, nossa forma de estar tensamente entre uma humanidade esfacelada e outra possível. Todavia, sentir também é estar corpo no mundo. E essa condição de estar é experimentada no isolamento, em fragmentos de espaços, em restos de memórias sobre percursos, no esquecimento e na ausência da presença. Parece que, para nós, coloca-se o desafio de sentir a ausência.

(A MÁQUINA AVISA: SEM SINAL. TENTANDO RECONECTAR).

[um ícone em movimentos contínuos e progressivos permanece na tela.]

– Mas, como sentir na ausência?

Referência

(1) SAMAIN, Etienne. Questões heurísticas em torno do uso das imagens nas Ciências Sociais. IN: FELDMAN-BIANCO, Bela; LEITE, Miriam L. Moreira (orgs.). Desafios da Imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais. Campinas, SP: Papirus, 1998. pp. 51–62.

(2) SONTAG, Susan. Contra a Interpretação. IN: _____. Contra a Interpretação e Outros Ensaios. 1ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. pp. 15–29.

(3) BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito da História. IN: _____. O Anjo da História. 2ª. Ed. 3 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019 — (FiloBenjamin). pp. 07–20.









ronaldo de oliveira corrêa))

o avesso do avesso da fotografia é a imagem?

experimentação verbo-visual
para uma erótica das formas expressivas.

















Ignacia Navarrete Luco [1]

“La camelia de Elsa: rituales c onfinados, sentires intergeneracionales”

Resumen: Desde la experiencia de un confinamiento intergeneracional en Santiago, Chile, se relatan procesos entorno al duelo, viudez y longevidad. Ante la imposibilidad de realizar prácticas rituales en cementerios, se generó una estrategia adaptada al espacio doméstico para llevar a cabo rituales de conmemoración. A través de una escritura etnográfica que mixtura narrativa y poesía, se da cuenta de una re-invención de prácticas terapéuticas y espirituales durante el confinamiento.

Palabras-clave: confinamiento; envejecimiento; relaciones intergeneracionales; rituales; terapia.

“Elsa’s camellia: confined rituals, intergenerational feelings”

Abstract: *From the experience of an intergenerational lockdown in Santiago, Chile, this text relates process about mourning, widowhood and longevity. Due the impossibility to practice rituals in cemeteries, it was generated a domestic strategy to carry out commemoration rituals. Through an ethnographic writing that mixture narrative and poetry, it accounts the re-invention of therapeutic and spirituality practices during the lockdown.*

Keywords: *lockdown; ageing; intergenerational relationships; rituals; therapy.*

1 - Lic. Ignacia Navarrete Luco, Universidad de Chile
ignav.lu@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-4128-2900

BUSCANDO LA PROTECCIÓN. “El ritual de conjurar”.

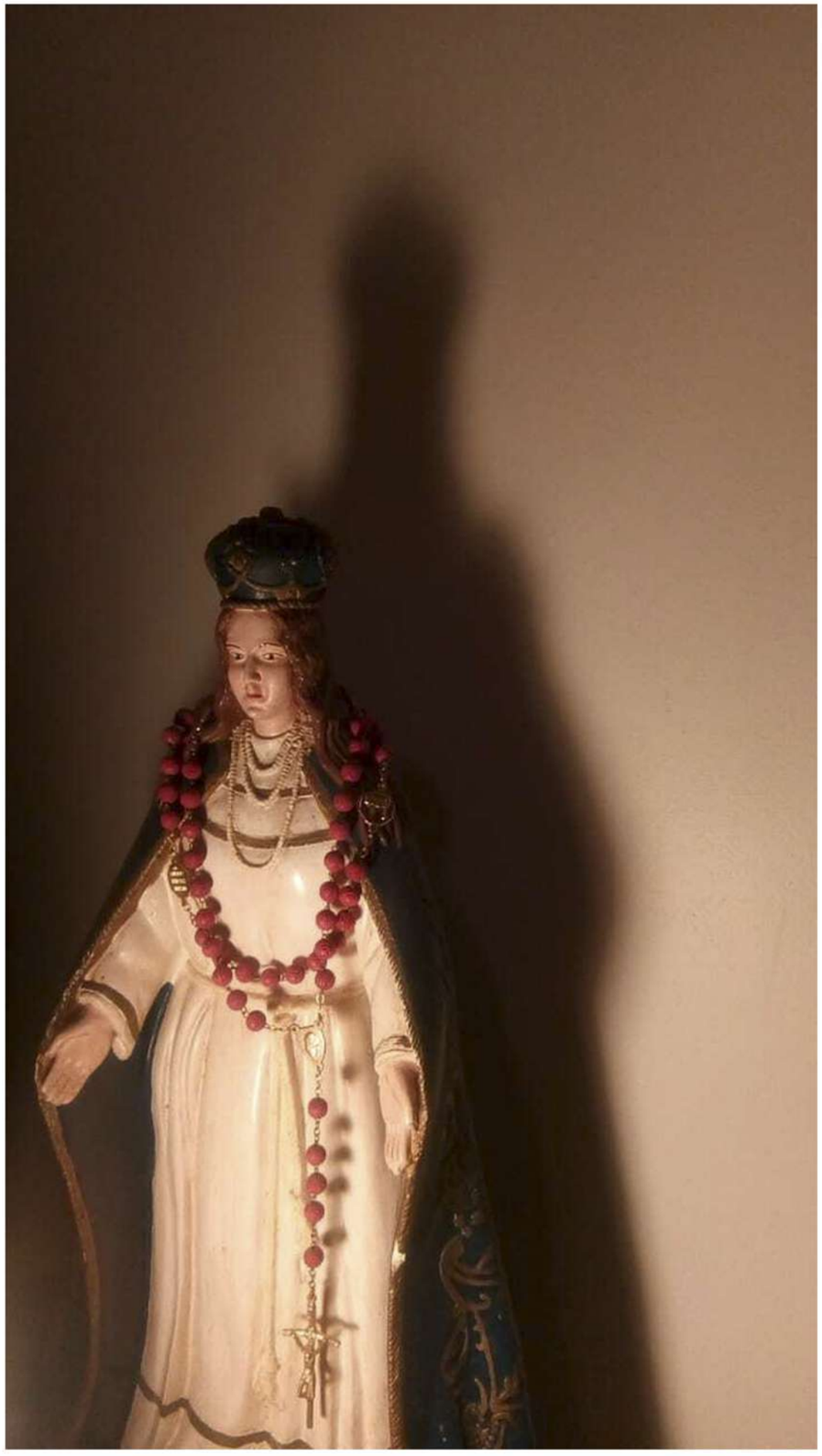
Ahuyentar el mal. Espantarlo. Repetir conjuros. Buscar la protección.

Todo oscuro. Afuera, en la calle. Adentro, en el hogar.

El departamento, castigado por la urbanización sobre la arquitectura patrimonial del Barrio Franklin, no deja que la luz solar llegue al interior del hogar. Paredes sin luz, aire sin luz.

En la pieza en que duermo, sobre el velador, hay dos figurillas grandes de yeso. Una de la Virgen María y otra de la Virgen del Carmen sosteniendo a un niño Dios. Ésta, fue de mi bisabuela Hermosilla. O. me regaló un rosario, que dice era de Elsa, para encontrar consuelo en momentos de tristeza. Rezar, para atar la fe a las palabras y a la intención.

Estaremos bien, estaremos bien.



Los días y noches tienen sonidos: tango, ópera, boxeo, carreras de caballo, películas de vaqueros, rezos.

Comenzamos el 17 de marzo. Me fui de su casa el 08 de agosto. Aún trato de descifrar la plasticidad y surrealismo del paso de los días y meses. Temporalidad pandémica. Temporalidad de confinamiento intergeneracional. Él 92, yo 29.



MAYO. “El duelo no está en cuarentena”.

Llegaría la fecha. 24 de mayo. Cumpleaños de Elsa. Ella nació en 1928 y falleció en el 2014.

Su cónyuge. Mi abuela.

“¿Podremos agarrar un auto [taxi] e ir al cementerio?”

“Hay que ver, es difícil ir al cementerio. Sobre todo porque hay tanto virus dando vuelta”

“…”

“…”

“Hasta los muertos están en cuarentena”.

Hace varios años, existe un proceso de retraimiento de O. hacia el espacio doméstico. Los lugares que habita son su hogar, y las calles cercanas a ella. Las salidas que impliquen mayores distancias físicas, corresponden a eventos importantes. Las salidas no se hacen en cualquier día, en cualquier horario, por cualquier deseo.

Sé que para O. es importante respetar, recordar y honrar ciertos ritos: nacimientos, muertes, santos. Le recuerdo las fechas, “va a ser el cumpleaños de la Mama Elsa”, para que esté atento. Para que recuerde recordar.

La muerte de Elsa, marcó un nuevo rito en la vida cotidiana de O., ahora, hombre viudo. Una fecha en la que O. se prepara y desea salir de la casa, para ir al cementerio, ubicado en la periferia de la ciudad.

Estaban formándose los botones de la camelia. Serían tres. Tres flores de camelia.

Esperamos la floración. Fue el conjuro de la cuarentena, esperar con la mirada, la intención, el cuidado.

Los botones. Primero, los botones.

En mayo, velamos: fijos los ojos añosos y jóvenes en ellos. Parecían no crecer. Parecía que no iban a abrir.

Un atisbo rosado. Y la espera.

JUNIO. “El ritual del mirar”.

Junio fue el primer regalo. Nuestro regalo.

“¡Floreció la camelia, floreció la camelia!”

Resultó conmovedora esa espera.

Cuidar esperando.

Saqué una de las pocas fotografías de Elsa al patio, de cuando era joven. Aparece recostada sobre el pasto.

Para que custodiara a la camelia.

Era su camelia.

Cuando empieza a oscurecer pongo una bolsa plástica para cubrir la fotografía de Elsa. Para que en las noches y madrugadas, la madera no se humedezca con el rocío. No retuerza la madera, que está viva. Por las mañanas sacó la bolsa plástica. Para que Elsa tome sol, reciba vitamina D y vea la camelia.

Elsa vive en esa foto, en esa imagen capturada no sé en qué año.

No le pregunté a O. dónde estaba ni en qué año sacaron esa foto.





“Va a ser el santo del tío Guillo el 25”, le recuerdo a O. Guillermo es el hermano menor de Elsa. “El Guillo”, dice O., pronunciando con cariño el nombre de su cuñado. “Él nunca falla”, refiriéndose a que el tío Guillo siempre lo llama por teléfono para su cumpleaños y santo.

JULIO. “Tu protección nos custodia”.

Dos botones más.

Dos.

Uno escondido, el otro expectante.

Sobrevivieron a las noches de agua. Lluvia y frío invernal. De helada matutina.

Durante todo el mes, las flores fueron nuestro regalo para calmar las penas de la pandemia.

O. las riega con agua embotellada, sin sodio ni minerales contaminantes del agua de las cañerías. Es una de sus actividades y deberes domésticos cotidianos.



He tenido la sensación de estar en un barco junto a O. Los dos navegando en medio del mar.
Puedo vernos: yo remo y hago los esfuerzos físicos. O. dirige la navegación, con sus palabras.
Con su voz. Queremos llegar a tierra firme, pero sólo topamos con islas.

Estamos en un archipiélago.

El 16 de julio, llegamos a una isla cubierta de camelias.

La llamamos “Isla Elsa”.

Era el día de la Virgen del Carmen, patrona de Chile.

Elsa se llamaba “Elsa del Carmen”

¿O aún se llama así?







AGOSTO. “Escribir cuando ya no se pueda ni rezar”.

Las flores de camelias se cayeron.

Llevaban muchos días.

Entré la fotografía de Elsa.

Me dijo que estaba cansada.

Le contesté que yo también estaba cansada.

Y que necesitábamos dejar de custodiar la camelia.

Las flores están en la tierra, en una lenta pudrición.

Se pierden los colores rosados de los pétalos. Se anaranjan, se transforman con tonos cafés.

Me acerco a mirarlas con amor, con nostalgia.

Me despido de ellas, y de O.

Ahuyentar el mal. Espantarlo. Repetir conjuros. Buscar la protección.

La camelia de Elsa nos custodió. Ahuyentó al mal, al virus.





Nicole Elis Porto [1]

CABAÇA, CABEÇA, CABAÇA
Trajetos e temporalidade durante a pandemia - confinamento e deslocamento

Resumo: Esse ensaio fotocronográfico focaliza obras e textos que integram o processo artístico e de pesquisa intitulado Cabaça Cabeça Cabaça, foi produzido ao longo dos encontros virtuais semanais do grupo de pesquisa Navisual/PPGAS/UFRGS, durante a pandemia de COVID 19. Nele, dialogo com o fluxo de imagens em movimento, seus ritmos em intensificação e mudanças em confinamento seguindo o trajeto da Cabaça, mobilizando matérias através da teia simbólica de não-objetos inscritos na cena do candomblé.

Palavras-chave: Cabaça, Candomblé, Confinamento, Antropologia Visual, Processo Criativo.

CABAÇA, CABEZA, CABAÇA
Caminos y temporalidad durante la pandemia - confinamiento y desplazamiento

Resumen: Este ensayo fotocronográfico se centra en obras y textos que integran el proceso artístico y de investigación titulado Cabaça Cabeça Cabaça, y producido durante los encuentros virtuales semanales. grupo de investigación Navisual / PPGAS / UFRGS, durante la pandemia de COVID 19. Dialogo con el fluir de las imágenes en movimiento, sus intensidades, intensificación y cambios en el encierro siguiendo el camino de Cabaça, movilización de materiales a través de la trama simbólica de no objetos inscritos en la escena candomblé.

Palavras-chave: Calabaza, Candomblé, Confinamiento, Antropología Visual, Proceso Creativo.

CABAÇA, CABEÇA, CABAÇA
Paths and temporality during the pandemic - confinement and displacement

Abstract: *This photochronographic essay focuses on works and texts that integrate the artistic and research process entitled Cabaça Cabeça Cabaça, was produced during the weekly virtual meetings of the research group Navisual / PPGAS / UFRGS, during the COVID 19 pandemic. I dialogue with the flow of moving images, their rhythms in intensification and changes in confinement following the path of Cabaça, mobilizing matters through the symbolic web of non-objects inscribed in the candomblé scene.*

Key words: *Gourd, Candomblé, Confinement, Visual Anthropology, Creative Process.*

1 - Graduanda no curso de Artes Licenciatura na UFPR Litoral.
nicole.elisxd@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-7085-6125
http://lattes.cnpq.br/3361202022243413

Transito pela cabaça e ela transita por mim, guardo nela meus segredos e remédios, como já guardaram antes os ancestrais de minha religião. Obaluaiyê, o Rei da Luz da Terra, guarda nela a cura, tão necessária nesse momento pandêmico. Exú nela mistura o bem e o mal, até que não haja mais uma separação um do outro. Ossain, dono e rei de todas as folhas do mundo, sábio mestre que conhece cada componente de cada erva, guarda em cabaças seus remédios naturais (1).

Cabaça, que antes da pandemia me banhei com ela no rio. Seu fluxo e sua pulsação não se prendem em um confinamento, ela habita, eu habito, um lugar, esse quarto sem objetos, recheado de memórias de um tempo no qual o externo podia se misturar a mim de uma maneira saudável.

Tim Ingold, no seu ensaio Trazendo as Coisas de Volta a Vida (2), escreve que a trajetória de vida do artista se faz presente em seu trabalho, e vice e versa, não se separa, se mistura. Pelo improviso, vão se formando caminhos e trajetos que não apontam para um fim, mas são processos, seguindo as forças e fluxos da matéria.

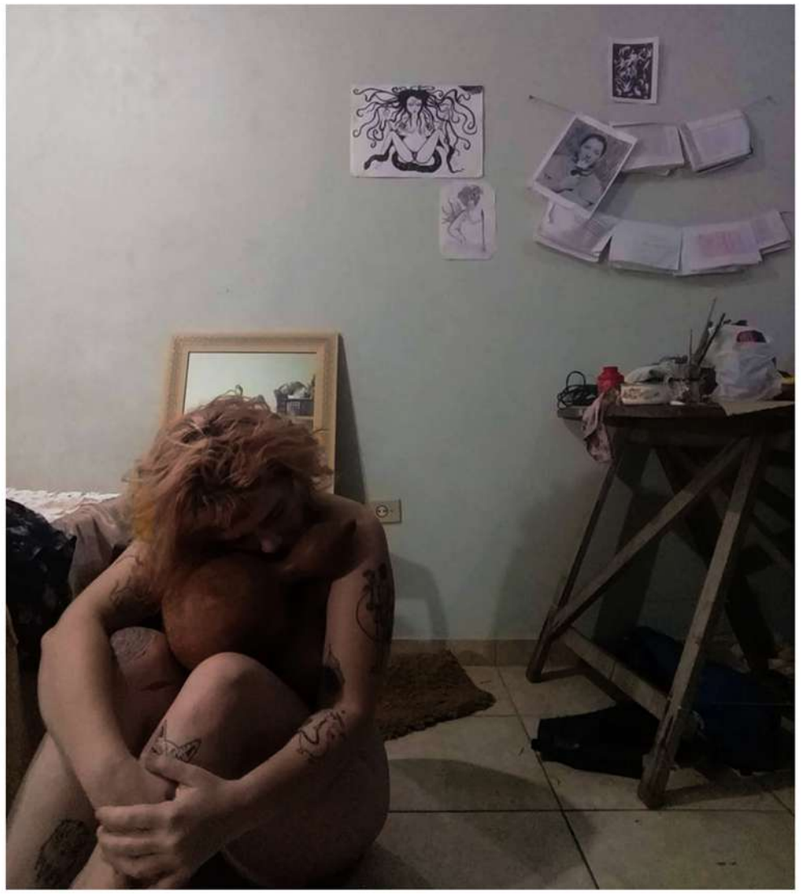
Meus olhos e ouvidos não são os únicos aguçados nesse movimento interno, onde o externo é perigo e doença. A percepção aumenta além dos sentidos naturais do corpo, o sentir, o ser mundo, as afetações das coisas, os atravessamentos dos causos. Os olhares focam em coisas que estão aqui há muito tempo, mas que mesmo com resistência e conhecimento em movimento, nem todas eram tocadas, ainda acho que nem todas o são. Mas a internet mais acessada e as notícias mais espalhadas trouxeram aqui um tempo mental onde a manifestação virtual e física contra um racismo estrutural (3) foi chacoalhada e ativada por esse novo tempo. E lá, e aqui, a cabaça vibra e brilha em meus olhos mesmo que pareça parada, a cabaça na mesa, age sobre isso.





A cabaça canoa, barco e espaço de movimento, me guia. Experimento meu corpo inseguro, meu ser de dúvidas e medos em um momento tão frágil, ela me traz paz, me lembra do preto velho Vô Tinhão, carinho e conforto ao lembrar de suas palavras e de seu café docinho. Banho de canjica pra acalmar o ori, acalmar minha cabeça-cabaça. Um bom sono para tentar esquecer por pelo menos oito horas o medo de ser nesse novo tempo. Renovo, em outros caminhos, navegando na cabaça-canoa, cabaça-no-rio, me leva a pintar, a pensar em Exu e o tempo, o tempo conflito e o tempo caos, tempo que me mostra o novo, que nos faz -mesmo que com dor- , mudar percepções, mudar o sentir relógio, o ser rotina, tempo conhecimento, tempo encruzilhada, tempo de terceira cabaça, aquela que Exu misturou os componentes: de uma que trazia um pó mágico de energia positiva, e outra que continha o pó mágico de energia negativa (4). É tempo de dar valor ao ar que respiramos com a brisa de meu pai Oxalá, a algo simples e comum que é respirar, de dar valor ao processo, de dar valor às batidas do coração e à temperatura corporal.











Me desloquei fisicamente de meu espaço de confinamento para outra cidade, maior e mais perigosa. Andando pelas ruas com máscara, medo e álcool em gel, fui levada pelas pernas em contato com cabaças, comprei cabacinhas pequenas... elas faziam falta no meu novo lugar, nesse espaço longe do meu local de conforto - meu quarto. Senti, percebi, nesses sentidos aguçados, seu espaço de latência, elas faziam falta, nesses tempos doloridos precisamos ficar perto dos nossos, daquilo que nos faz transbordar e pulsar, daquilo que além de conforto nos mostra caminhos, nos faz questionar trajetórias, coisas fluxo, matérias que não terminam nem começam e sim se misturam. Improviso nesse caminho, novo lugar de estar confinada, novas perguntas sem respostas, e novo habitar conforto.







O que sairá de cada cabaça que abrirei nesse caminho?

O que a potência dessa coisa pode afetar e atravessar durante esse trajeto?

Qual será a importância dessas reflexões e afetações durante um novo tempo num espaço pandêmico?

Quais os saberes ancestrais que podemos/queremos recuperar e sempre preservar levando para outros tempos? E o que eles podem nos proporcionar nessa era doente?





Agradecimentos: agradeço primeiramente para Exu que me guia, Oxalá que é meu orixá, ao meu preto-velho que me ensina, a minha Yalorixá Mãe Milah d'Oxum, que cuida do meu ori, a minha orientadora Profa Dra. Ana Elisa de Castro Freitas/UFPR, que me acompanha nesse percurso, à Profa. Dra. Cornélia Eckert e ao grupo de pesquisa NAVISUAL/PPGAS/UFRGS, por oportunizar a experiência de produzir essa fotocronografia; ao amigo e companheiro Ideraldo Luiz Ferreira da Silva, pelo click fotográfico da última imagem deste ensaio e ao Vinicius Tavares, que me auxiliou na jornada com as fotos no canal Milome.

Referências:

(1) VERGER, Pierre Fatumbi. Lendas Africanas dos Orixás. Ilustrações de CARYBÉ. 4ª. ed. Salvador: Corrupio, 1997.

(2) INGOLD, T. 2012. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37, p. 25-44.

(3) ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento, 2018.

(4) NOGUEIRA, Sidnei. Epistemologia e afrossentidos dos 16 Odu principais por meio do jogo de búzios nas cttro, 2012, Instituto Ilê Ará. [Aula 1] Èÿù: Obá Oritá Mëta – [Odù Ôkànrán Méjì] [...]. São Paulo: [s. n.], 2012.

Ana Elisa de Castro Freitas [1]

Em busca dos olhos de minhas avós: reminiscências crepitantes, urdiduras do esquecimento

Resumo: Em 2020, Thanatos e Chronos cobriram Gaia com um manto denso e paralisante. Silenciada pela linearidade de um tempo pandêmico encontrei no imaginário ultravivo do fogo as forças para restaurar a voz e a narração de um tempo libertário, avivado pelas reminiscências e rastros de minhas avós: mulheres cujos saberes-poderes foram evocados, transpassando os cômodos da casa. Nesse ensaio reúno composições imagéticas e fragmentos textuais produzidos ao longo dos meses de março a julho de 2020, cuja pesquisa dialoga com aportes metodológicos de Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Suely Rolnik e Aby Warburg.

Palavras-chave: Poéticas do Confinamento; Reminiscência; Narrativa; Antropologia Visual; Atlas Mnemosyne

En busca de los ojos de mis abuelos: recuerdos ‘, distorsiones del olvido

Resumen: *En 2020, Thanatos y Chronos cubrieron a Gaia con una capa oscura, densa y paralizante. Silenciado por la linealidad de un tiempo pandémico y sofocante, encontré en la imaginería ultra vivodel fuego, en la vibración de las llamas crepitantes, el sonido y el calor capaces de restaurar la voz y la narración de un tiempo libertario, animado por las reminiscencias y huellas de mis abuelas: mujeres cuyos conocimientos-poderes han sido evocados e incorporados, plenitud de agencia, recorriendo las habitaciones de la casa. En este ensayo reúno composiciones de imágenes y fragmentos textuales producidos durante los meses de marzo a julio de 2020, cuya investigación dialoga con aportes metodológicos de Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Suely Rolnik y Aby Warburg.*

Palabras-clave: *Poética del encierro; Reminiscencia; Narrativa; Antropología visual; Atlas Mnemosyne*

Seeking my grandmas’ eyes: crackling reminiscences, forgetfulness warps

Abstract: *In 2020, Thanatos and Chronos covered up Gaia with an dense and paralyzing mantle. Silenced by the linearity of a pandemic time, I discovered it in the utmost alive imaginary of fire, the forces to restore the voice and narration of a libertarian time, vivified by the reminiscences and pathways of my grandmas, women whose knowing-mightness were evoked running through the house’s rooms. In this essay I bring together images and texts produced from March to July 2020, whose research dialogues with methodological contributions from Walter Benjamin, Gaston Bachelard, Suely Rolnik and Aby Warburg.*

Keywords: *Poetics of Confinement; Reminiscences; Narrative; Visual Anthropology; Atlas Mnemosyne*

1 - Universidade Federal do Paraná/UFPR
anaelisa.freitas.ufpr@gmail.com
http://orcid.org/0000-0002-7058-3438
http://lattes.cnpq.br/8479880989089713









Fogo

Estoy desierta... como uma terra seca, como se tudo queimasse em mim... as janelas do entendimento se foram fechando... la frescura del viento pasa a lo largo. As distâncias aumentaram — sem que eu lhes possa explicar... y aqui estoy, desierta... atenta à ecologia das brechas, onde o invisível se instala... lócus do improvável inesperado, do imponderável... brechas das brotações repousadas no território do desejo... cuja dormência se irrompe em labaredas súbitas, crepitantes, insurgentes, revoando das brasas da inquietude despertadas pelo sopro da madrugada(1).

Que ano é esse? Ano do medo da morte daqueles que amamos. Mais do que o medo de morrer, o medo de restar, como rastro de um tempo vivo em uma paisagem ressequida de ausências.

Estoy a corazonar — sinto o sofrimento injusto dos outros como se fosse o próprio, agitando-me as águas interiores. Terei forças? Aninho-me no espaço da intimidade da casa, arejado pela vivência amorosa. Casa viva, amorosamente edificada e cultivada. A mesa do café é aquecida nos estudos compartilhados. Mergulho nas bromélias do quintal. Cultivo frutos que alimentam corpos e imaginação. Entalho galhos secos, preparo carvona vegetal, ensaio a escuta. Livros se misturam e passeiam entre os cômodos, tecemos leituras em comum. À noite, os sonhos nos despertam e as estrelas cintilam outras imagens até o amanhecer. Assopramos as cinzas das brasas da noite aquecendo o fogo de um novo dia. Bordoneamos notas nos violões. Imaginamos outros tempos. Acordamos.

Éter

Deixo-me inflar, inspirar, respirar. Abro gavetas numa arqueologia dos guardados. Ao contrário das gavetas de Bergson (2), as minhas estão plenas de inusitados, potentes de imagens da intimidade. Elas, as gavetas, mexem comigo. Sou revolvida por notas esparsas de campo, fotografias, poemas inacabados, garatujas, novelos emaranhados. Na estante de madeira-herança da casa materna-I Ching, tarô, livros extraordinários. Detenho-me de fronte a um pequeno livrinho: A Respiração e a Saúde ou Arte de Respirar, uma tradução de Lopes de Sousa, em sua segunda edição, datada de 1923, publicada pela Livraria Clássica Editora, então situada no número 17 da Praça dos Restauradores, na cidade de Lisboa, composta e impressa na tipografia A Intermediária, localizada no número 30 da Rua da Porta do Sol, na cidade do Porto, Portugal(3). Pratico a feitiçaria evocatória (4):-Quando o confinamento acabar vou peregrinar nesse itinerário. O livrinho é um dos poucos fragmentos herdados de minha bisavó materna, Ida Maurer Laydner (Santa Maria, RS, 11 de novembro de 1887-Porto Alegre, RS, 1974), mulher precursora de um olhar holístico que cultivava livros. Que antigas tradições transpassam esse olhar? Manuseio suas folhas de papel amareladas como se fossem minhas ancestrais diretas. Abro-as aleatoriamente, como se consultasse a um oráculo. Ao contrário dos textos herméticos, de moldura espessa, o livrinho é puro éter, ele próprio um sopro de ar restaurador. Dou sobrevida as suas palavras. Me vejo às voltas com Walter Benjamin, na tarefa da tradução (5). Persigo rastros de Ida Maurer-ou serão eles que me assaltam? Assopro as brasas da memória de minha mãe e sou acesa por elas. Recolho narrativas. Instalo fotografias e objetos no quarto de estudos. Sinto meu corpo vibrátil, atravessado por feixes de a(fe)tivação da existência (6). Deixo-me tocar pelos raios do sol, pelo frescor da manhã. Aspiro o éter através das pétalas das flores, dos frutos, retendo seu prana ao longo do dia. Observo o voo livre e circular das fragatas sobre a casa, planando nas correntes de ar. Pratico os ensinamentos do livrinho, procuro saber de outros livros, nas estantes de outras casas, fabrico uma estante de madeira, começo um diário íntimo.






YOCHI - RAMACIARACA
A RESPIRAÇÃO E A SAUDE
ou Arte de Respirar
Trad. de LOPES DE SOUSA
2.ª EDIÇÃO
LISBOA
LIVRARIA CLÁSSICA EDITORA
de A. M. TEIXEIRA & C.ª (FILHOS)
1923





Terra

A partir de abril, a pandemia de COVID 19 paralisou o mundo do trabalho nas capitais brasileiras. Mulheres campesinas distribuem toneladas de alimentos orgânicos produzidos nas ocupações do MST de Ortigueira e Maila Sabrina, nas terras roxas do Paraná, às comunidades indígenas e das periferias urbanas em Curitiba. Dádiva, teia da vida, ecologia das brechas. Enquanto isso, gestores travam empenhos no birô da burocracia, restringem normas, retorcem licitações. A circulação estatal é embaraçada de coágulos no tecido urbano industrial. Na esfera pública não estatal, a vida circula em sopros de prana, converte-se em força social — mana (7). Mulheres e plantas tecem um fino trançado de frutos da terra, transpassando territórios, diluindo ficções fronteiriças, conjugando campo e cidade com seus fluxos dadivosos. Acaricio os cabelos da terra com os pés. Acomodo sementes de bananinhas-do-mato no terreno do quintal da casa. Terra arejada pelos ventos e luas, úmida das águas, acariciada ao ritmo del corazón, que a mão evoca. Terra, outrora alimento, nutrindo corpos, agora novamente terra, pelo arado da mão ventilada, gerando novos frutos, ventre dadivoso, aquecido de sol. Amar e cuidar do ventre da Terra desperta o pensamento feminino.









Sigo os rastros de minhas avós, evoco sua presença. Xícaras de porcelana, tramas em crochê, livros, agulhas, linhas e plantas, tintas, pincéis, fotografias e santas transgridem seus espaços ordinários-próprios dos resquícios, dos reclusos e guardados -, vazando pela sala de jantar, repousando no quarto de estudos, percorrendo o quintal e instaurando um tempo-espaço extraordinário, ritmado pela rememoração afetiva del corazón. Aquecidos nas labaredas desse fogo, incandescentes no devir-desejo de um reencontro, meus olhos buscam por entre os rastros, reminiscências e fragmentos a matéria e as forças para retecer caminhos e seguir.





A casa, espaço da intimidade, do devaneio e do repouso, é atravessada pelo tempo criativo da vontade, despertando a imaginação da matéria (8), ativando reminiscências de minha bisavó paterna, a “paraguaia” Maria del Pillar. Dela só restam traços sem pontos de amarração. Busco uma rota do conhecimento objetivo, recrio seus passos seguindo outros rastros (9). Manipulo o barro, moldando escuta e nascedouro, na busca de um corpo capaz de acolher e deixar verter sua presença. Desato nós de linhas emaranhadas. Alimento a bananinha-do-mato na lua nova, com as cinzas do fogo da minguante. A bananinha-do--mato conversa comigo.



Água

As chuvas de maio tardaram. Entre as dinâmicas de trabalho remoto, lives, podcasts, orientação de projetos e o cuidado dos corpos, vivemos um tempo de águas interiores agitadas. Busco apaziguar seus fluxos. Mudo móveis de lugar no quarto de estudos, desenho aquarelas e esboços em carvão, escrevo e estudo. Faço fotografias, monto instalações.

Nos ritos de consumo e produção lavamos panos, frutos e embalagens. Mas não só isso. Alimentos oprimidos precisam ser libertados antes de ser comidos. Canalizo o prana retido no éter da manhã aos alimentos no jantar. Agito a água do mate no vento matinal antes de servi-la — conhecimento celta das irelands, experimentado com minha avó materna, a artista e poetisa, alquimista, Nilza Castro. Na sombra da sua ramada (10) colho ervas de chá antes do nascer do sol.

Preparo diluições de terra, tinturas, infusões, aproximo cozinha e ateliê, escrevo poesias, monto uma palheta de cores. A poesia e a escrita, a biblioteca e o ateliê, os elixires e alquimias, os saraus com violão, recitais, vermutes e extáticos agitavam a casa de meus avós maternos, Nilza Castro e Pery de Castro, no Bom Fim, Porto Alegre. Na água sorvida nas rodas de mate, a estância São Leandro e a paisagem pampeana eram recorrentemente evocadas. Nas narrativas de largo horizonte, num tempo ritmado pelos assovios do vento Minuano e as correntes das águas do Cone Sul da América, vibra o desejo de rememorar Anna Augusta Mendes de Castro. Com sua força, resistência e engenhosidade, Anna Augusta transpassava as fronteiras das estruturas patriarcais da Estância trazendo coleções completas de livros das cidades de Lisboa, Rio de Janeiro, Montevideo, Buenos Aires, Porto Alegre, para a biblioteca do filho Pery. Mulher fronteiriça, rompia terras e mares deslocando santos e livros. Na década de 1890, encomendou em Lisboa uma imagem de Santo Antônio, esculpida em madeira, que se encontra em capela na cidade de Santana do Livramento. Anna, mulher cuja força conjugava as águas, os ventos, o fogo e a terra, não a conheci.













Estudo a poética da água em Gaston Bachelard: “Devemos seguir em detalhes a vida de uma água imaginada, a vida de uma substância assaz personalizada por uma poderosa imaginação material”. (11) Em busca de minhas avós assopro as cinzas da memória de meu pai. Quero saber daquelas com quem não convivi. A forma da reminiscência é o fragmento, sua lógica a da descontinuidade, sua dinâmica a das labaredas de um fogo afetivo e em movimento, sua perspectiva anacrônica. Encomendo esculturas em gesso de Irmã Dulce na internet. Em busca das águas contidas nos olhos de minha avó paterna, Mariana de Lima Freitas, encarno os olhos de cada uma delas. O quintal recebe fotografias e instalações, recepcionando painéis inspirados na metodologia do Atlas Mnemosyne, de Aby Warburg, e nos estudos da imagem em movimento (12).













Série da foto instalação: *Seeking my grandmas’ eyes*

Situada numa constelação vital renovada pelos olhos de minhas avós, cujas tramas inacabadas se revelam latentes de recomeço, tal qual Penélope pude antever o ponto e o traço de uma história capaz de transpassar os agentes da destruição, sem desgastar-se para detê-los ou enfrentá-los.

Qual Angelus Novus, trago as asas abertas diante das ruínas patriarcais do mais duro dos tempos. Aquecida pelos fogos das cozinhas saio em revoada, cruzo as brechas das fronteiras.

Que tempo é esse? Recuso tanto a causalidade banal, quanto rejeito a epicidade infinita – lentes igualmente incapazes de produzir o entendimento da história que vivemos, e devidamente descartadas por Walter Benjamin (13).











Os rastros de minhas avós inspiram a reconstrução viva no ato de narrar, conferindo ao detalhe, ao resto, um papel constitutivo do Outrora Agora re-novado. Dançando com elas sigo tecendo urdiduras de um novo tempo. Re-conheço em cada fragmento o potencial de conhecimento do passado (14). E enquanto houver mãos a tecer os textos, as tramas e os cestos, num rito de rememoração, haverá um novo tempo, devir-desejo, em gestação.

Referências

(1) BACHELARD, Gaston. A Psicanálise do Fogo. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p.11

(2) BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p.88.

(3) RAMACIARACA, Yochi. A Respiração e a Saude ou Arte de Respirar. Tradução: Lopes de Sousa. 2ª. ed. Lisboa: Livraria Classica Editora, 1923.

(5) BAUDELAIRE, Charles. Théophile Gautier. In: GAUTIER, Théophile. O Clube dos Haxixins. Apresentação. Coleção Rebeldes Malditos, n.11. Porto Alegre: L&PM, 1987.

(5) BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, Walter. Escritos sobre mito e linguagem. Coleção Espírito Crítico. São Paulo: Ed. Duas Cidades; Ed. 34, 2011, pp. 101-119.

(6) ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental – transformações contemporâneas do desejo. 2ª. ed. Porto Alegre: Sulina; Ed. da UFRGS, 2014.

(7) MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. v. II. São Paulo: Edusp, 1974.

(8) BACHELARD, Gaston. A Terra e os Devaneios do Repouso. Ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

(9) CHIAVENATTO, Júlio José. Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai. 26ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1993.

(10) CASTRO, Nilza. Na sombra da ramada. Poesias. Porto Alegre: Nova dimensão, 1987.

(11) BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. Ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1989, p. 50.

(12) WARBURG, Aby. Atlas Mnemosyne. Madrid: Ed. Akal, 2010.

(13) GAGNEBIN, Jeanne Marie. História e narração em Walter Benjamin. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

(14) GINZBURG, Jaime. A interpretação do rastro em Walter Benjamin. In: SEDLMAYER, Sabrina e GINZBURG, Jaime. Walter Benjamin, rastro, aura e história. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012, p. 107-169.

Claudia Ribeiro [1]

Sem vacina

Resumo: A construção poética aborda experiência autoral a partir de relação intensa e imersiva que se estabelece pela tomada de fotografias ao longo de deliberado confinamento na habitação familiar, em repetições ao longo de vários meses. A subsequente combinação de escrita com recortes e arranjo das tomadas feitas nos mesmos pontos de vista reflete o teor imagético enfim corporificado.

Palavras-chave: Mesologia. Duração. Ontologia da Imagem. Antropologia Visual.

Sin vacuna

Resumen: Esta construcción poética aborda la experiencia de la autora desde una relación intensa e inmersiva que se establece mediante la toma de fotografías durante el encierro deliberado en la vivienda familiar, en repeticiones durante varios meses. La posterior combinación de escritura con recortes y disposición de las tomas tomadas en los mismos puntos de vista refleja el contenido imaginario finalmente plasmado.

Palavras-chave: Mesología. Duración. Ontología de la imagen. Antropología visual.

No vacine

Abstract: *This poetic construction addresses authorial experience based on an intense, immersive relationship constituted by the photographic observation that occurred during deliberate confinement in the family home. The subsequent combination of writing with clippings and the arrangement of the shots obtained over several months in the same places reflects the imagistic content embodied therein.*

Keywords: *Mesology. Duration. Image Ontology. Visual Anthropology.*

1 - Doutora e pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
cribeiro.pareci@terra.com.br
http://orcid.org/0000-0001-5486-4187
http://lattes.cnpq.br/1958559799658855

PhD and postdoctoral researcher at Postgraduate Program in Rural Development at Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil
.

Uma vez tive tempo, então. No outono em Pareci Novo, tempo para escolher o que sentir para pensar. Ou tempo para pensar nas escolhas de modos de sentir, elegendo meus mundos de visão (1). Nunca antes tanto tempo na vida para atentar às produções de realidades sensíveis. A partir dos fenômenos escolhidos ir descobrindo suas imagens, como seres desse sentido vivenciado em plenitude (2). Aonde e como? Nesse lugar, mundo onde moro já há algumas décadas, fiquei mesmo sob o céu, pés em um mesmo lugar da Terra, e pude repetir a mesma mirada muitas vezes.

Olhando para cima e para baixo, fui entrando em paulatina relação com essas imagens. Seguindo os fios encontrados, comprometi-me com aproximação fotográfica respeitosa. Colhendo de perto o que me fosse nesse contexto oferecido. Recortes, no arranjo posterior, evidenciam esses pontos de vista.

I once had time, then. In the autumn in Pareci Novo, time to choose what to feel to think. Or time to think about the choices of ways of feeling, choosing my worlds of vision (1). Never before, so much time in my life to attempt the production of sensitive realities. From the chosen phenomena, go about discovering their images, as beings of this sense experienced to the full (2). Where and how? In this place, the world where I have lived for some decades, I was really under the sky, feet in the same place on Earth, and I was able to contemplate the same view repeatedly.

Looking up and down, I gradually began to relate to these images. Following the threads found, I committed myself to a respectful photographic approach. Harvesting close up, whatever was offered, the way it was offered. The clippings and later arrangement highlight these points of view.








Céu e terra. Povoados, no entanto. Da existência de plantas somente, só se fosse em distinta, ingênua aparência. Essa intensa forma de estar-no-mundo foi fazendo outras coisas despontarem aos poucos na minha memória, em sua incrível capacidade de acessar a compreensão profunda do vivente (3). Sensações depois ditas sem vocábulos, em arranjos formais tentativos a possíveis expressões metafóricas para tal conexão imagética, dizendo de “outra duração do pensamento, mais lento e meditativo, e outro estilo e ritmo de vida, mais sensível à interioridade das coisas e mais respeitoso dos ciclos naturais dos seres vivos” (4).

Sky and earth. Inhabited, however. Of the existence of plants alone, if only in a distinct, naive appearance. This intense way of being-in-the-world gradually awoke other things in my memory, in its incredible ability to access the deep understanding of the living being (3). Sensations later said without words, in tentative formal arrangements of possible metaphorical expressions for such an imagistic connection, saying “another duration of thought, slower and more meditative, and another style and rhythm of life, more sensitive to the interiorness of things and more respectful of the natural cycles of living beings” (4).





Lembrei muito do que escutei a sério, e assim o dito que virou epígrafe veio à tona novamente: não existe mesmo vacina para morte súbita. A partida daquele que portava soro antiofídico nos trabalhos de campo, mostrando para mim e muitas outras pessoas marcas da queda do céu na Terra de outras épocas, que o diga. A morte é súbita sempre, mesmo que anunciada e sabida (5 e 6).

I remembered much of what I had really listened to, and so the saying that became the epigraph resurfaced: there really is no vaccine for sudden death. The passing of he who would carry the snake serum on the field trips, showing me and many others the cosmic traces from other eras of the sky having fallen to Earth, so to speak. Death is always sudden, even if announced and familiar (5 and 6).





Mas recordei também de outra coisa, enredada coisa (7). Como essas paineiras tiveram a delicadeza de me mostrar nesses meses tão assustadores, outra vez os ipezinhos nascendo nas frestas das lajes motivaram o consolo, em face do confesso medo pelo fim do mundo — olha, só minha filha, não limpei mais o pátio, em pouco tempo eles vieram... a gente passa, mas 'ela' volta, rapidinho.

Natura, natura semper, como soube depois em outra forma, em história enfatizada por outro professor — aquilo que do ponto de vista de só um é "ser para a morte", é "ser para a vida" do ponto de vista comunitário (8 e 9). É a relação dessas distintas histórias que constitui os diversos mundos da Terra: inclusive, a sacralidade humana daqueles além da vida.

But I also remembered something else, something entangled (7). The delicacy these silk floss trees (paineiras) showed me in these frightening months, again the little trumpet trees (ipezinhos) being born in the cracks in the slabs brought comfort, in the face of the confessed fear of the end of the world — look my daughter, I haven't cleaned the patio lately, and they just appear ... we pass by, but 'she' comes back, quickly.

Natura, natura semper, *as I later learned in another way, in a story emphasized by another teacher — that which, from the point of view of only one, is "being-towards-death", is "being-towards-life" from the communal point of view (8 and 9). The relationship of these different stories constitutes the different worlds of the Earth: including, the human sacredness of those beyond life.*

Enfim, lembranças, algumas espinhosas, motivam o disfarce. Parece não haver outro jeito de aparecer na rua nesses dias.

Anyway, memories, some thorny, motivate the disguise. There seems to be no other way to appear on the street these days.



Referências

(1) VIVEIROS DE CASTRO, E.; GOLDMAN, M. Introduction to Post-Social Anthropology. Networks, multiplicities, and symmetrizations. HAU: Journal of Ethnographic Theory 2, London, v. 1, p. 421–433, 2012. Disponível em: < https://www.haujournal.org/index.php/hau/article/view/hau2.1.018 >. Acesso em: 27 jun. 2018.

(2) COCCIA, Emanuele. Física do sensível — pensar a imagem na Idade Média. In.: ALLOA, Emmanuel. Pensar a imagem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 77–92, 2015.

(3) _____. La vida de las plantas. Una metafísica de la mixtura. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2017.

(4) BOI, Luciano. Au bord de l'indicible : le réel multiple, la diversité des langages et notre relation au monde. Quelques réflexions au croisement de la science, l'art e la littérature. Plastir, Paris, n. 36, 20 p., p. 11 e 12, 2014. Disponível em: <http://plasticites-sciences-arts.org/PLASTIR/Boi%20P36.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2020.

(5) RIBEIRO, Claudia. Desejos Serranos: a emancipação de uma paisagem nos Campos de Cima da Serra, Rio Grande do Sul, Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) — Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/186133>. Acesso em: 27 abr. 2020.

(6) LIVI, Rogério. CARRARO, Clóvis C., RIBEIRO, Maurício. A preliminary note on a circular structure in northern Bagé, RS. Revista Brasileira de Geofísica, v. 5, p.63–64, 1987.

(7) INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v.18, n. 37, p. 25–44, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 27 abr. 2020.

(8) SUZUKI Sadami. Formation et développement de « l'être vers la vie » chez Watsuji Tetsurô, Ebisu, n. 48–49, p. 31–44, 2009.

(9) BERQUE, Augustin. Poétique de la Terre. Histoire naturelle et histoire humaine, essai de mésologie. Paris: Éditions Belin, 2014.

Nota: Traduzido para o inglês por Timothy Donovan e revisado por Claudia Ribeiro

Note: *Translated into English by Timothy Donovan and revised by Claudia Ribeiro.*

Mário Ferreira da Silva [1]

Paisagens Caleidoscópicas: Cores & Sensações fotográficas no cotidiano pandêmico

Resumo: Este ensaio é resultado da oficina “Etnografias do Confinamento”, realizada pelo Núcleo de Antropologia Visual, do qual faço parte. Sob a proposta de captar com nossas lentes a experiência desse momento pandêmico singular, parto do uso de cores no cinema de horror e os sentimentos que as mesmas evocam. Reflito sobre a percepção dos espaços monolíticos em que circulamos e como as diferentes cores potencializam essas experiências, através de uma visão caleidoscópica da realidade.

Palavras-chave: Antropologia Visual; Paisagem Onírica; Emoções; Cinema; Cores

Paisajes caleidoscópicos: colores y sensaciones fotográficas en la vida pandémica

Resumen: *Este ensayo es el resultado del taller “Etnografías del encierro”, realizado por el Núcleo de Antropología Visual, del cual formo parte. Bajo la propuesta de plasmar con nuestras lentes la experiencia de este singular momento pandémico, comienzo por el uso de colores en las películas de terror y las sensaciones que evocan. Reflexiono sobre la percepción de los espacios monolíticos en los que circulamos y cómo los diferentes colores potencian estas vivencias, por medio de una visión caleidoscópica de la realidad.*

Palabras-clave: *Antropología visual; Paisaje de ensueño; Emociones; Cine; Colores;*

Kaleidoscopic Landscapes: Photographic Colors and Sensations in the pandemic quotidian

Abstract: *Through the proposal of capturing with our lenses the pandemic singularity, this photographic essay is the outcome of the “Confinement Ethnographies” workshop, conducted by The Department of Visual Anthropology, of which I am a member. To compose this essay, I apply emotions inducing colors used by horror cinema. Thus, creating a kaleidoscopic view of reality through images that enhance the experience of monolithic daily spaces.*

Keywords: *Visual Anthropology; Dreamscape; Emotions; Cinema; Colors*

1 - Graduando em Ciências Sociais (NAVISUAL/UFRGS)
dasilvamferreira@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-8166-878X
http://lattes.cnpq.br/3104751627420448



É a partir da observação do uso de cores para evocar sensações e emoções no gênero cinematográfico de horror que parto para compor este ensaio fotográfico. Nesse sentido, me inspiro nas composições que alguns diretores constroem para suscitar emoções no espectador através dessas mesmas cores. Um expoente dessa maestria do uso das cores é o italiano Dario Argento com o essencial *Suspiria* (1), mas podemos trazer exemplos modernos como o dinamarquês Nicolas Winding Refn, em *The Neon Demon* (2), e o estadunidense Ari Aster em *Midsommar* (1). Centro esse ensaio na ideia de que as cores podem alterar nossas percepções do espaço-tempo monolítico manipulando reações a paisagens antes comuns. Nesta perspectiva, ao aplicarmos uma determinada cor estas paisagens transformam-se em um caleidoscópio multifacetado de perspectivas.

Considerando que as cores são imbuídas de significados, e que criamos impressões através dos contextos em que as percebemos (3), é possível interseccioná-las com nossos sentimentos e experiências. As cores marcam o mundo ao nosso redor e influenciam a maneira como entendemos a realidade, relacionando nossos sentimentos e sensações a locais monolíticos, sobre os quais nossas percepções cotidianas já estão cristalizadas.

Deste modo, proponho aplicar uma nova ótica a estas paisagens estagnadas pela rotina ou pelo confinamento necessário neste momento pandêmico. Através do uso que Alexia Kannas faz do caleidoscópio como metáfora para entender a estética do *giallo* (4), padrões culturais e as "[...] desestabilizadas e fragmentárias condições da vida moderna [...]" (5, p. 175, tradução nossa), podemos aplicar tons caleidoscópicos dentro do prisma espectral de representação dos sentimentos do nosso confinamento social e redescobrir nosso mundo.

Ao pensarmos pela perspectiva de mudança onírica caleidoscópica os diferentes movimentos pelo nosso espaço confinado, podemos, através de luzes e cores criarmos novas sensações, interações, formas e sentimentos perante a nossa realidade; torná-la mutável como uma angular constante, seja da lente que se move ou do nosso foco que se adapta a essas novas cores, geometrias e repetições.

Referências

(1) NAVARRO, Meagan. From 'Suspiria' to 'Midsommar': The Psychology of Color in Horror. Bloody Disgusting, 2019. Disponível em: <https://bloody-disgusting.com/editorials/3567051/suspiria-midsommar-psychology-color-horror/>. Acesso em: 30 ago 2020

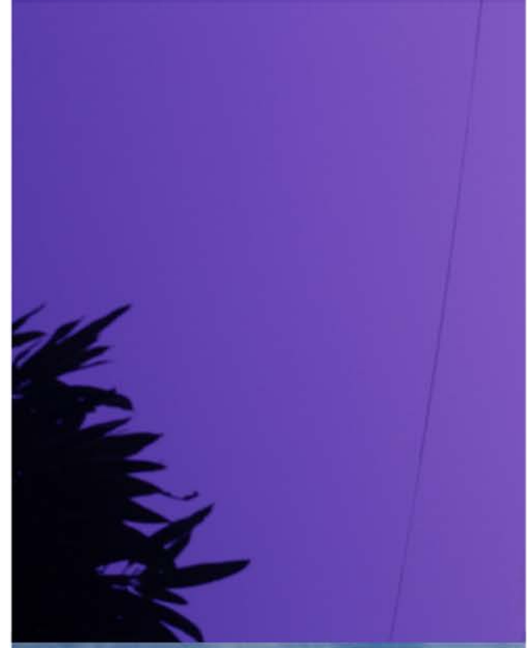
(2) CONTERIO, Martyn. Nicolas Winding Refn and the Art of Violence: A Visual Analysis. Scene360, 2016. Disponível em: <https://scene360.com/light/99031/nicolas-winding-refn/>. Acesso em: 30 ago 2020

(3) HELLER, Eva. A Psicologia das Cores: como as cores afetam a emoção e a razão, São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2012

(4) GIALLO. Wikipedia. Wikipedia.org, 21 maio 2015. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Giallo> Acesso em: 30 ago 2020

(5) KANNAS, Alexia. All the Colours of the Dark: Film genre and the Italian Giallo. In: Journal of Italian Cinema & Media Studies, v. 5, nº 2, 2017.















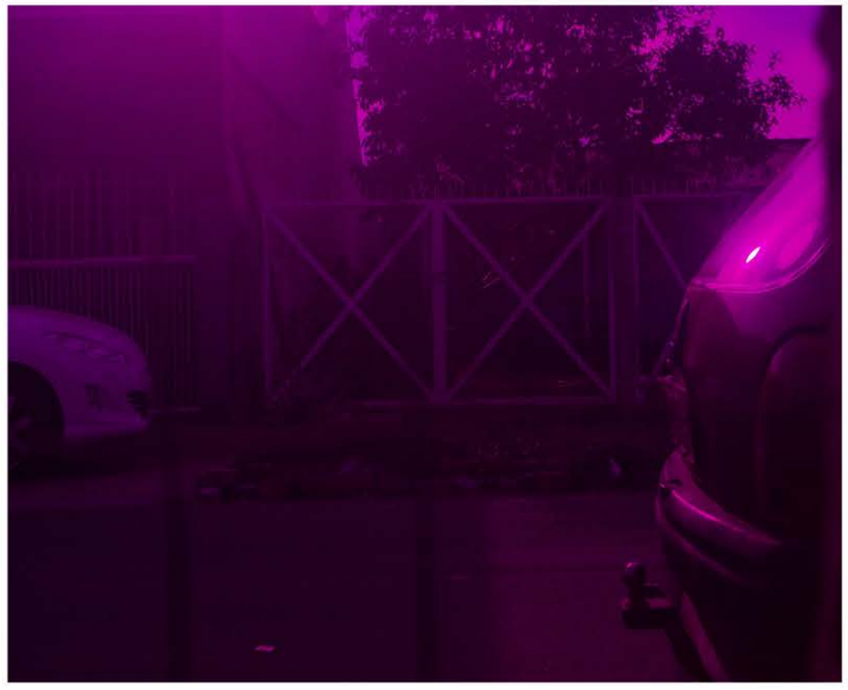












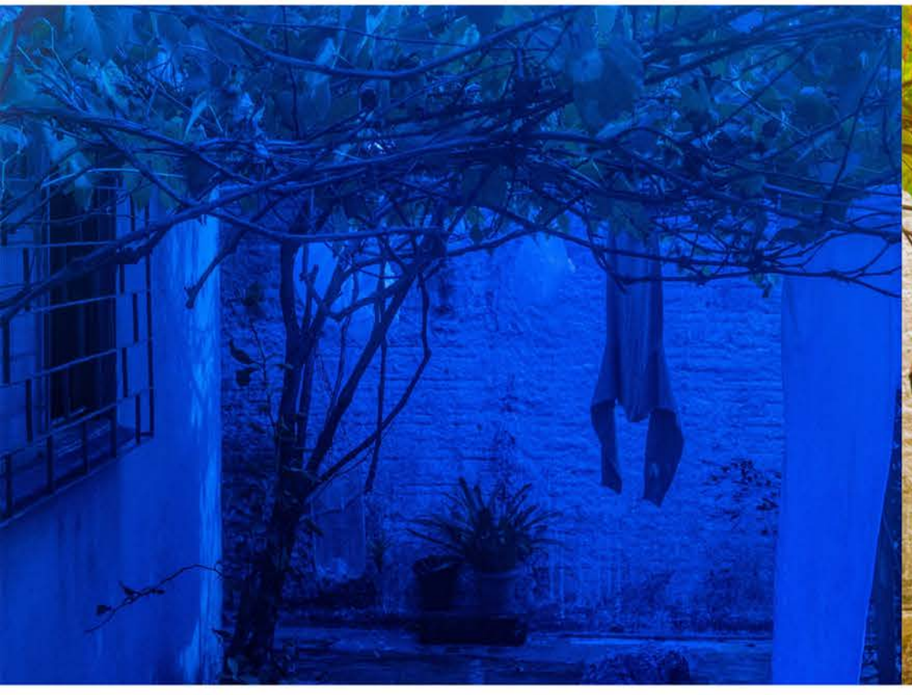




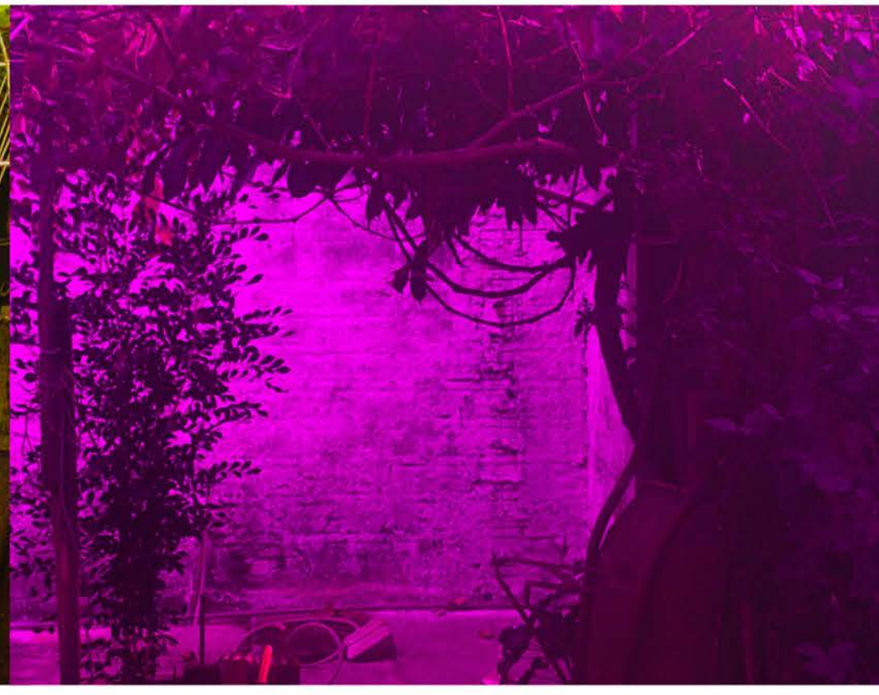


















Filipe Seefeldt de Césaro [1]

Samples etnográficas de uma experiência em quarentena

Resumo: Este ensaio trata da pandemia de COVID-19 a partir de minha quarentena na cidade de Alegrete (Rio Grande do Sul, Brasil) entre os meses de março e junho de 2020. A abordagem de tal vivência se dá pelo foco no desenvolvimento de algumas habilidades sensórias caras ao isolamento social. De minha posição de antropólogo-músico nesse contexto, realizo uma montagem de palavras, fotografias e sons para performar uma atenção que, na pandemia, tende a se chocar com o corpo produtivo ao capitalismo moderno.

Palavras-chave: etnografia do confinamento; sample; quarentena; pandemia; COVID-19.

Muestras etnográficas de una experiencia de cuarentena

Resumen: *Este ensayo trata de la pandemia de COVID-19 de mi cuarentena en la ciudad de Alegrete (Rio Grande do Sul, Brasil) entre los meses de marzo y junio de 2020. El enfoque de esta experiencia está dado por el enfoque en el desarrollo de algunas habilidades. sensible al aislamiento social. Desde mi posición de antropólogo-músico en este contexto, armé palabras, fotografías y sonidos para realizar una atención que, en la pandemia, tiende a chocar con el cuerpo productivo del capitalismo moderno.*

Palabras-clave: *etnografía del encierro; muestra; Cuarentena; pandemia; COVID-19.*

Ethnographic samples of an experience in quarantine

Abstract: *This essay deals with the COVID-19 pandemic as lived in my experience in the city of Alegrete (Rio Grande do Sul, Brazil) between March and June 2020. The approach taken is focused on the development of some sensory habilities characteristic of social isolation. From um position of anthropologist-musician in such context, I develop a montage of words, photographies and sounds to perform an attention which, in the pandemic, tends to conflict with the productive body in modern capitalism.*

Keywords: *ethnography of confinement; sample; quarentine; pandemic; COVID-19.*

1 - Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS) e bolsista do Programa de Excelência Acadêmica (CAPES).
fsdecesaro@hotmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9605-1632
http://lattes.cnpq.br/8263306573579633

Em dado trecho do documentário The New Sound of Music (1979), um empolgado apresentador explica:

> *A chegada dos gravadores de fitas cassete significou que mesmo o mais básico dos sons poderia ser transformado. Fazer experimentações com a música não mais era monopólio do músico imaginativo. Mesmo o mais arcaico dos gravadores podia dar conta da reprodução fiel de três notas soadas em um piano. Foram as possibilidades de reprodução não-fiel que também causaram empolgação (tradução e grifos meus).*

Na cena seguinte, o locutor se faz entender distorcendo algumas notas por ele gravadas, manualmente rolando o registro em fita em uma versão atualizada do phonogène, invenção de 1953 e fundamental ao que se convencionou chamar de "musique concrète". Como sugere o nome, fazer música experimental agora ia além das quebras de paradigma em harmonia e melodia, por exemplo[2]. Nomes como Pierre Schaeffer fizeram uso da inovação para captar os mais mundanos sons e transformá-los em peças de colagens que, mais recentemente, facilmente classificaríamos como elementos de algum subgênero da música eletrônica. Nascia o sample[3], um modo de refazer sons gravados a ponto de transformá-los em algo inesgotável e de difícil previsão. Em outras palavras, a técnica permitiu um conhecimento sonoro do mundo mais guiado pela animação do que pela representação (TSING, 2019).

No presente ensaio, trato esta lógica do sample como recurso metodológico para a classificação de imagens (BARRETO, 2014; PULS, 2016), música e textos resultantes de minha produção artístico-antropológica (FOSTER, 1996) do/no período de quarentena que tenho vivido na cidade de Alegrete (Rio Grande do Sul, Brasil). Tomo as linhas que fotografei, fiz soar e escrevi nesse contexto como ricas em correspondências possíveis que, seguindo a direção da obra de Aby Warburg, são acessadas pela imaginação e sua tendência a um tipo transversal de conhecimento sobre o mundo (WARBURG, 2003; DIDI-HUBERMAN, 2018). Informado por oficina do Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) sobre a "etnografia do confinamento", a experiência pandêmica a mim estreitou o costume pessoal de "samplear" sons para compor canções com os atos (até então relegados à vida acadêmica) de (i) fotografar imagens para compor memórias e (ii) escrever palavras para compor frases, já

que tais materiais se veem ligados a uma “poética da instabilidade” (ECKERT e ROCHA, 2015) que agora está emperrada no microcosmo de alguns cômodos, um pátio e a inalcançável rua.

Proponho que essa reconfiguração da relação entre música, palavra e imagem à qual fui levado é uma expressão de parte regular da experiência pandêmica de amigos, familiares e colegas em Antropologia que também estão em isolamento: habilidades sensórias (INGOLD, 2010) tendentes ao inusitado dos pequenos espaços internos/não-humanos da casa e do pátio com longos tempos de olhar para-fora, um modo de estar que tensiona as possibilidades cotidianas do corpo produtivo ao capitalismo moderno (FOUCAULT, 1999; SOUZA, 2006). As pranchas, assim, são resultado de um processo de montagem incitado pelo som “sampleado” no pátio de casa[4], sugerindo ligações de diferentes intensidades entre o que fotografei, o que ouvi, li e escrevi com conversas as mais variadas, e o que gravei/compus originalmente pensando na produção de um single e um lyric video[5] para meu projeto musical de quarentena chamado “O Poente”. O resultado, uma etnografia multimodal do confinamento (COLLINS, DURINGTON e GILL, 2017), pressupõe o som como potente guia para uma realidade sensível historicamente situada (CRAWFORD, 2010). E já é hora que eu deixe seus desdobramentos imagéticos e verbais se expressarem.

“Olha lá o seu Ernani em sua caminhada matinal, nosso antigo caseiro... mas assim não adianta usar máscara, né seu Ernani!?” (pai)







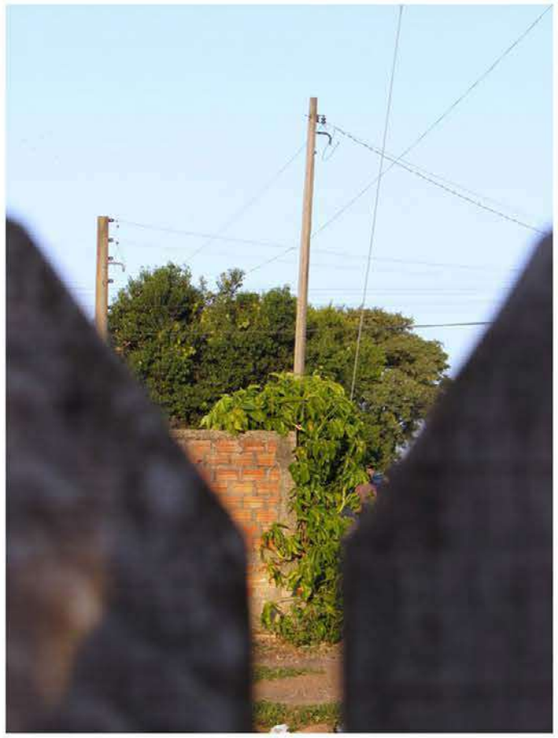
2 - Penso aqui em movimentos de mudança como os do impressionismo de Claude Debussy e da música negra estadunidense dos anos 1930.33

3 - Tomada de uma gravação de áudio e uso posterior em contextos sonoros alternativos ao original. Em geral, isso envolve duas possibilidades, parcialmente correspondentes com a cronologia histórica da prática de “samplear”: (i) gravar sons produzidos em ambiente qualquer, a partir ou não da mobilização de objetos pelo técnico de som, e editar as frequências sonoras resultantes para as inserir em uma composição ou tomá-las como inspiração para a mesma; (ii) recortar trechos de gravações já feitas (não necessariamente em forma de canções) e seguir os passos da possibilidade anterior.

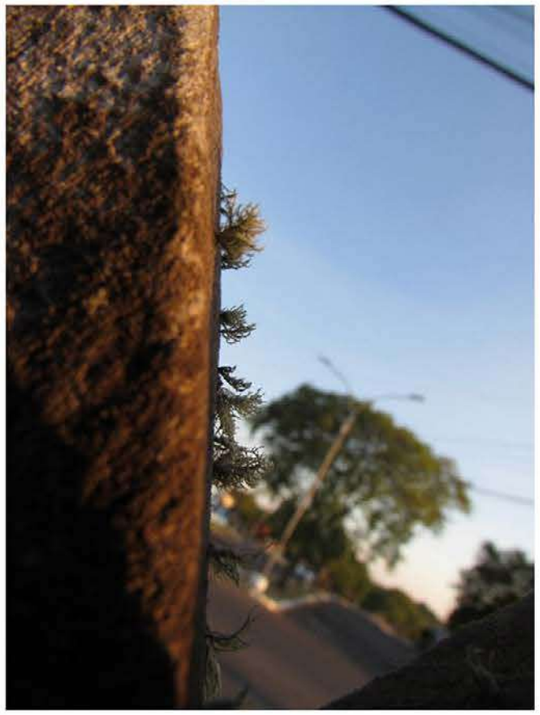
4 - Disponível para audição em: https://soundcloud.com/user-88918037/samples-do-patio-single-quarentena

5 - Disponíveis em: https://www.youtube.com/watch?v=heL2YvZIb4E&t=23s

“Vai no pátio, rapaz, colocar
o pé na grama, larga esse
notebook uma pouco...” (pai)



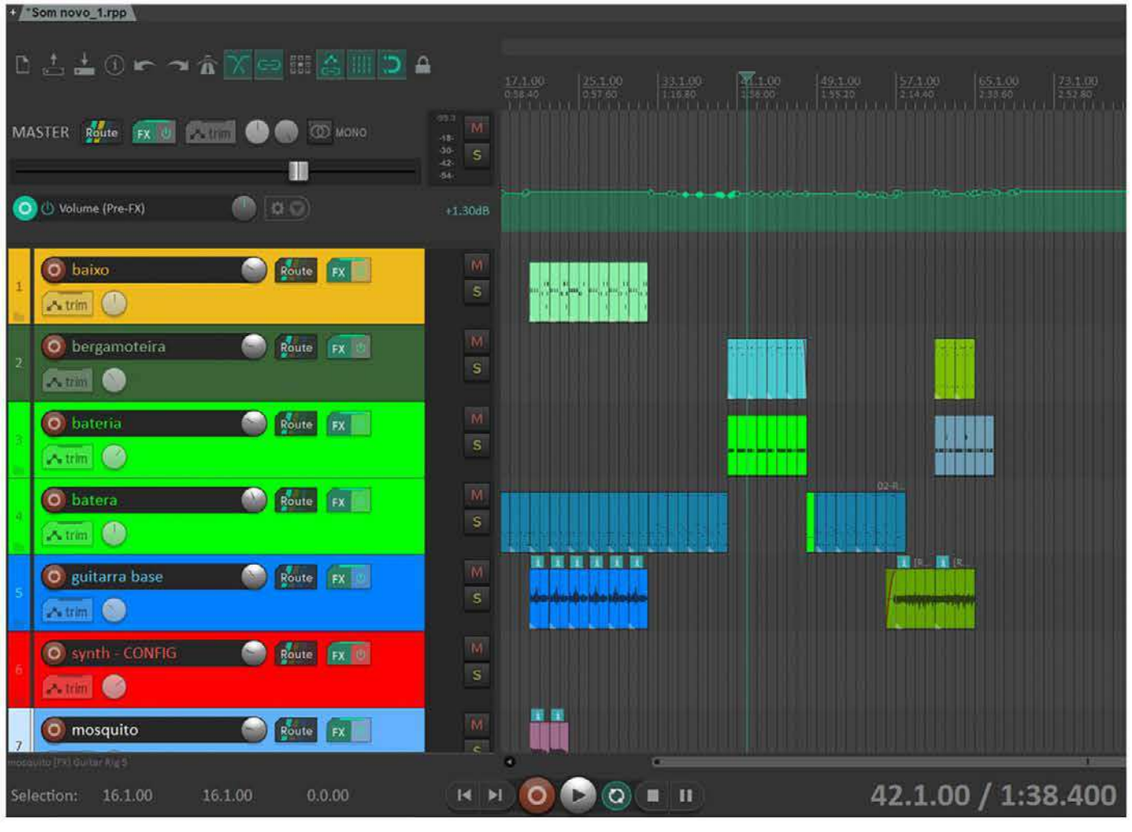






“pois é, ainda não sei direito o que eu quero dizer,
preciso achar uma linha assim,
e seguir ela...” (eu)





“A vida não está normal e se o que te faz bem agora é música, faz música [...] a produtividade fica para depois” (colega)

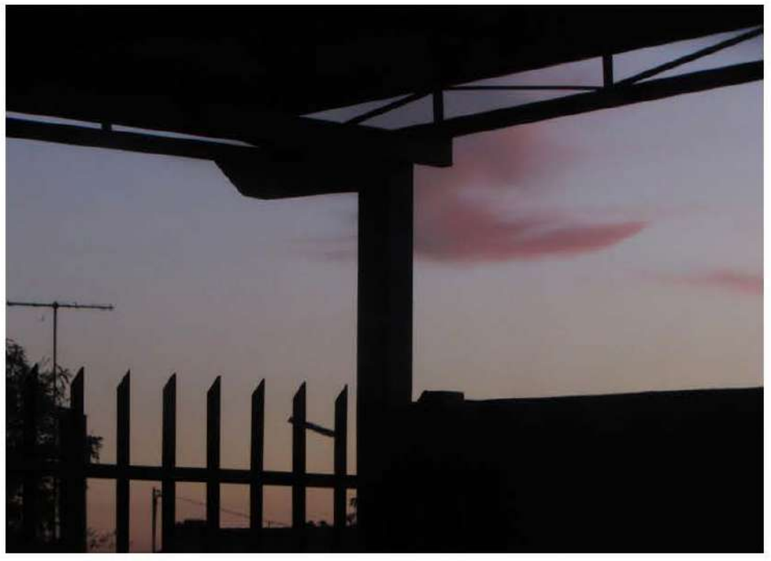




“Eu li um livro de 150 páginas de ontem para hoje [...] mas não tinha nada a ver com antropologia kkk” (colega)

“Tá, mas tu nunca vai tomar mate com a gente então?” (mãe)







“Qual outra curva da existência será preciso achatar? Quando o mundo vai às avessas, nos põe no nosso lugar” (trecho de “Quarentena”, canção própria)



“Queria um nome que expressasse mudança, transição, um novo jeito de fazer som por conta desse contexto” (eu)

“[...] não sei quantos meses
mais vou precisar ficar aqui,
então é mais complicado do
que eu imaginava na verdade...”
(colega)











“Guri, não me leve peste de Porto Alegre” (colega)



“pois é, ainda não sei direito o
que eu quero dizer, preciso
achar uma linha assim, e
seguir ela...” (eu)



“Indo né...

ansiedade a mil” (colega)









“Como o Tucho tá gostando de mim, né?!” (eu)



“Essa rua nunca teve tão barulhenta, pelo amor de Deus!” (eu)







“Tentando manter minha sanidade e cuidar da minha mãe por aqui, mas nem posso reclamar” (colega)





“Mantendo a saúde mental durante esse isolamento, tá ficando muito pesado nesses dias... [...] mas não posso reclamar na verdade” (colega)

Referência

BARRETO, Fabrício. “Observações visuais reflexivas 1”: um exercício expográfico sobre a coleção de Milton Guran. Iluminuras, Porto Alegre, v. 15, n. 35, p. 438–450, 2014.

COLLINS, Samuel Gerald; DURINGTON, Matthew; GILL, Harjant. Multimodality: Na Invitation. American Anthropologist, v. 119, n. 1, pp. 142–153, 2017.

CRAWFORD, Peter. Sounds of silence. The aural in anthropology and ethnographic film. In: IVERSEN, Gunnar; SIMONSEN, Jan Ketil (Eds.). Beyond the visual: sound and image in ethnographic and documentary film. Højbjerg: Denmark, 2010.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou o Gaia Saber Inquieto: o olho da história, III. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza da (Orgs.). Etnografias do trabalho, narrativas do tempo. Porto Alegre, Marcavisual, 2015.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: O nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOSTER, Hal. The return of the real: the avant-garde at the end of the century. The MIT Press: Londres, 1996.

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção. Educação, v. 33, n. 1, Porto Alegre, p. 6–25, 2010.

PULS, Mauricio. Retrato ou paisagem? Ou: Por que giramos a câmera?. Revista Zum, 2016. Disponível em: https://revistazum.com.br/radar/retrato-ou-paisagem/.

SOUZA, Jessé (org.). A invisibilidade da desigualdade brasileira. Belo Horizonte: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

THE New Sound of Music. Direção de Michael Rodd. Londres: Grã-Bretanha, 1979. 1 DVD (49 min).

TSING, Anna. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

WARBURG, Aby. Atlas Mnemosyne. Madrid: Ediciones Akal, 2003.

Olavo Ramalho Marques [1]

Cotidiano e quarentena numa morada rural: ciclos, fraturas e distensões temporais

Resumo: Este ensaio resulta da busca de registro e compreensão de dimensões da experiência individual e coletiva de travessia de um tempo liminar que se apresenta a nós diante do quadro de pandemia de COVID-19. Fruto de um conjunto de oficinas realizadas junto à equipe do Navisual/UFRGS, busca estetizar e refletir, a partir da produção fotográfica e textual, sobre feições locais do período de quarentena e isolamento social em nossa morada rural no Litoral Norte do Rio Grande do Sul, especialmente quanto a ritmos temporais, ciclos naturais e arranjos cotidianos.

Palavras-chave: ritmos temporais; ciclos naturais; cotidiano; Litoral Norte Gaúcho; morada rural.

La vida cotidiana y la cuarentena en una casa rural: ciclos, fracturas y tensiones temporales

Resumen: *Este ensayo resulta de la búsqueda de registro y comprensión de las dimensiones de la experiencia individual y colectiva de atravesar un tiempo preliminar que se nos presenta ante la pandemia de COVID-19. Fruto de una serie de talleres realizados con el equipo de Navisual / UFRGS, busca estetizar y reflexionar, a partir de la producción fotográfica y textual, sobre las características locales del período de cuarentena y aislamiento social en nuestra casa rural en en litoral norte de Rio Grande do Sul, especialmente en lo que respecta a ritmos temporales, ciclos naturales y arreglos diarios.*

Palabras-clave: *ritmos temporales; ciclos naturales; diario; Cuarentena; dirección rural.*

Daily life and quarantine in a rural residence: cycles, fractures and temporal distensions

Abstract: *This essay results from a seek for register and comprehend certain dimensions of the individual and collective experience of going through these liminal period that is presented tu us by the COVID-19 pandemics. Deriving from a set of workshops realized by the Navisual/ UFRGS team, the work is focused on thinking, thought the production of photographic and literary images, about the local configurations of this period of quarantine and social distancing in our rural residence in the north coast of Rio Grande do Sul/Brazil, specially in what concerns to temporal rhythms, natural cycles and daily life arrangements.*

Keywords: *temporal rhythms; natural cycles; daily life; north coast of Rio Grande do Sul/ Brazil; rural residence.*

1 - Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul — Campus Litoral Norte
olavoramalhomarques@gmail.com
orcid.org/0000–0002–7593–9608
lattes.cnpq.br/4329313092205827

Émile Durkheim, já no início do séc. XX, afirma que construímos representações coletivas, algumas delas tão elementares que estruturam o que chama de Ossatura da Inteligência — aí incluídas noções de espaço, a partir da forma como socialmente organizamos nossas relações no território, e de tempo, a partir sobretudo dos ritmos de vida coletiva (Durkheim, 1989). Pretendo pensar a complexidade da situação que vivemos diante da pandemia de COVID-19 a partir dessas noções de tempo e espaço buscando estetizá-las através de imagens. No caso, debruço-me sobre os arranjos específicos de nossas vidas em uma morada rural em uma cidade pequena do Litoral Norte Gaúcho, estendo o olhar sobre tempo, cotidiano, ciclos naturais e ritmos de vida — em termos de trabalho, lazer, descanso, atividades físicas, cuidado com os filhos, entre outros.

Criaturas de imagens que somos — a imagem como matéria de que somos feitos (Manguel, 2001, p. 23) -, me proponho a pensar este período de ruptura drástica em nossos ritmos de vida a partir da produção fotográfica, acompanhada de uma escrita também tecida de imagens literárias, optando por uma forma que se aproxima do que se convencionou chamar de miniconto.
No período de liminaridade que vivemos (Turner, 1974), ficam mais evidentes os limites entre casa e rua, entre público e privado. Enfatizando um sistema tríplice de atividades ou usos do espaço, Arno Vogel (1981) afirma haver um "sistema de espaços" (casa, rua, quintal, praça, etc.), atrelado a um "sistema de valores" (público x privado, seguro x inseguro, visível x invisível); estes dois sistemas estão em relação direta com um "sistema de atividades", resultado das atividade cotidianas que tais espaços abrigam.
Espaços, valores, atividades.

No espaço público de nossas cidades impõem-se novos dispositivos e técnicas — em termos de culturas corporificadas, como nos preconiza o paradigma da corporeidade (Csordas, 2008): etiqueta respiratória, hábitos de higiene, uso de máscaras, etc. E, sobretudo, de distanciamento social: é difícil para uma cultura calorosa como a nossa, de toque e contato, passar a não chegar perto de ninguém — sobretudo de nossos amigos -, neste tempo em que o afeto, o toque, a proximidade corporal se tornam perigosos, em termos da dimensão do que é uma distância social "segura",

como aponta Mary Douglas, em seu clássico Pureza e Perigo (1992). A pandemia e o isolamento social têm afetado sobretudo as nossas sociabilidades, especialmente nos espaços públicos ou semi-privados. Como nos ensina Georg Simmel (1974), as formas de interação e contato entre pessoas — onde se inserem certas noções de proximidade e afastamento, distância social, etc. — constroem um espaço social específico.

De outro lado, como se rearranjam as relações familiares de proximidade, contato, organização das rotinas em nossos espaços privados — no domínio da casa?

Para quem está em isolamento, estamos no período de recolhimento à casa. O tempo do repouso, do "aconchego do lar" passa a agregar, modificado, o tempo da produção, das reuniões, do trabalho remoto. Se rearranjam as relações entre a casa e a rua, a partir da clássica análise de Roberto Damatta (1997). As ruas estão vazias — ou deveriam estar. Mas o tempo da rua — a escola, as reuniões de trabalho, as rodas de conversa, as práticas esportivas — invade o tempo e o espaço domésticos.

Em termos de um trabalho de memória, a partir da proposta de uma etnografia da duração Rocha e Eckert (2005), nos amparamos nos ensinamentos de Gaston Bachelard, para quem memória significa a contínua construção de tempo ao redor dos acontecimentos, de modo que tempos marcantes permanecem profundamente gravados em nossas memórias. Afirma Bachelard que "os acontecimentos excepcionais devem encontrar ressonância em nós para nos marcar profundamente" (1988, p. 9). Ao redor destes acontecimentos excepcionais formam-se os núcleos temporais, que ancoram-se uns aos outros através de ligações afetivas que nada têm de óbvias ou lineares.

Este exercício é meta-reflexivo. Estamos atravessando um tempo liminar. De incertezas. Este ensaio é um produto de uma série de oficinas fotográficas/textuais realizadas junto à equipe do Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A partir destas provocações coletivas, busquei reunir imagens produzidas nos primeiros momentos de quarentena, com uso de câmera de telefone celular, bem como fotografias

posteriormente produzidas com câmera DSLR e lentes diversas. Reúnem-se aqui tais imagens compondo uma narrativa que resulta do exercício reflexivo de registrar e compreender dimensões desta experiência única de atravessar um tempo de desordenamento e reordenamento dos fluxos aos quais estamos habituados — um exercício forçado de estranhamento? — mas que nos permite um olhar para os ciclos do tempo que constituem, de forma ampla, nossas experiências no mundo. Do curso da vida transcorrendo, a despeito de tudo mais.

Estamos no fluxo do tempo, construindo nossas biografias. Nas paisagens da memória, este tempo certamente vai ficar gravado — e, para nós, este exercício é um de seus produtos. Talvez não nos recordemos de acontecimentos específicos. Talvez alguns, já que eles não param de acontecer em ritmo frenético. Mas este tempo deve durar como uma fase, um período de um ritmo de vida individual e coletiva muito diferente, em termos de vida organizada — ou desorganizada — no tempo e no espaço.

> Em um momento em que se intensificam a explosão da produção/profusão/consumo/transfiguração/memerização das imagens — partes, cantos, detalhes, rastros — este exercício resulta de um pensar, através de imagens, o espaço da casa, do campo, do tempo, das rotinas, das continuidades e rupturas em meio aos ciclos da natureza, a partir dos caminhos e das escolhas que nos conduziram a enfrentar este ciclo nestas condições.

Referência

BACHELARD, Gaston. A Dialética da Duração. São Paulo: Ática, 1988.

CSORDAS, Thomas. Corpo/significado/cura. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 6.ed.

DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

MANGUEL, Alberto. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. O tempo e a cidade. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

SIMMEL, Geog. A Metrópole e a Vida Mental. In VELHO, Otávio Guilherme. O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. p. 11–25.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, Vozes, 1974

VOGEL, Arno (coord.). Quando A Rua Vira Casa: a Apropriação dos Espaços em um Centro de Bairro. Convênio IBAM/FINEP: Rio de Janeiro, 1981. 2 ed. rev.





Quarentena.

Nuvens de fumaça, areia e talvez gafanhotos sobre o mar de um vírus que rompeu rotinas, estendendo-se sobre um longo dissídio ideológico.

Tempo de recolhimento.

Pelas janelas de nossas telas, contemplávamos atônitos a nossa própria serenidade diante do mundo em polvorosa.



No início era só amargura e ansiedade da falta, o avanço da ameaça invisível travestida em corpos e números.

Nos recolhemos e aquietamos.





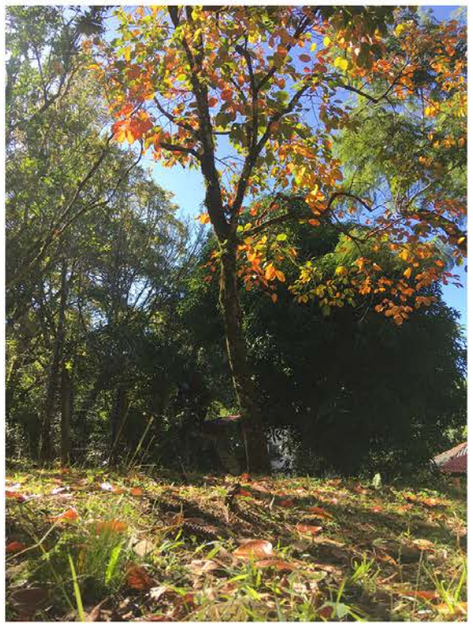


Vivemos o tempo a passar, percebendo.

Passamos os dias aprendendo.
Fizemos pães.
Fizemos doces das frutas que colhemos do pomar.
Arrumamos a casa.
Plantamos uma horta.
Plantamos árvores no quintal convalescido pela secura do verão e depois assolado por assustadores vendavais e frias chuvas no outono.







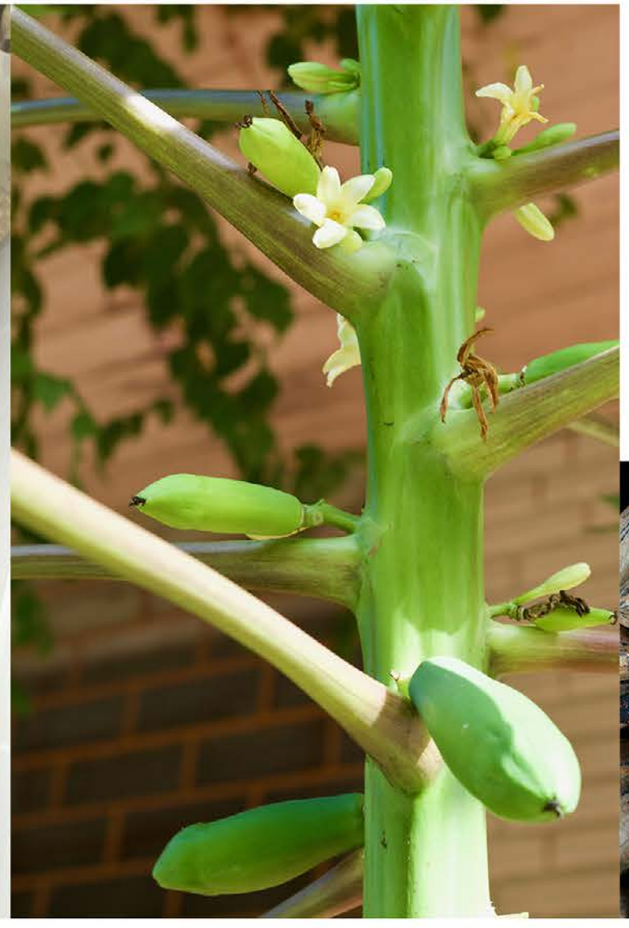






































Trabalhamos, estudamos e fizemos muitas reuniões virtuais.

Reencontramos amigos que nem sabíamos que queríamos tanto. Não imaginávamos a bruta falta que fazemos a nós mesmos.

Dançamos e lutamos.

Cuidamos de nós e fizemo-nos mudança plena num mundo que jamais fora o mesmo.













Rumi Regina Kubo [1]

Etnografias do confinamento

Resumo: Esta narrativa registra o cotidiano familiar da autora em tempos de pandemia. A construção da narrativa inspira-se na obra "A poética do espaço", de Gaston Bachelard, em que o espaço vivido, é capturado a partir das parcialidades da intimidade e imaginação, conduzido pelo poder evocatório das imagens.

Palavras-chave: Covid-19, etnografia visual, imaginação criadora, poética do espaço, Antropologia Visual

Etnografías del encierro

Resumen: *Esta narrativa registra la vida familiar del autor en tiempos de pandemia. La construcción de la narrativa está inspirada en la obra "La poética del espacio", de Gaston Bachelard, en la que el espacio vivido es capturado desde las parcialidades de la intimidad y la imaginación, impulsadas por el poder evocador de las imágenes.*

Palabra-clave: *Covid-19, etnografía visual, imaginación creativa, poética espacial, Antropología visual*

Ethnographs of confinement

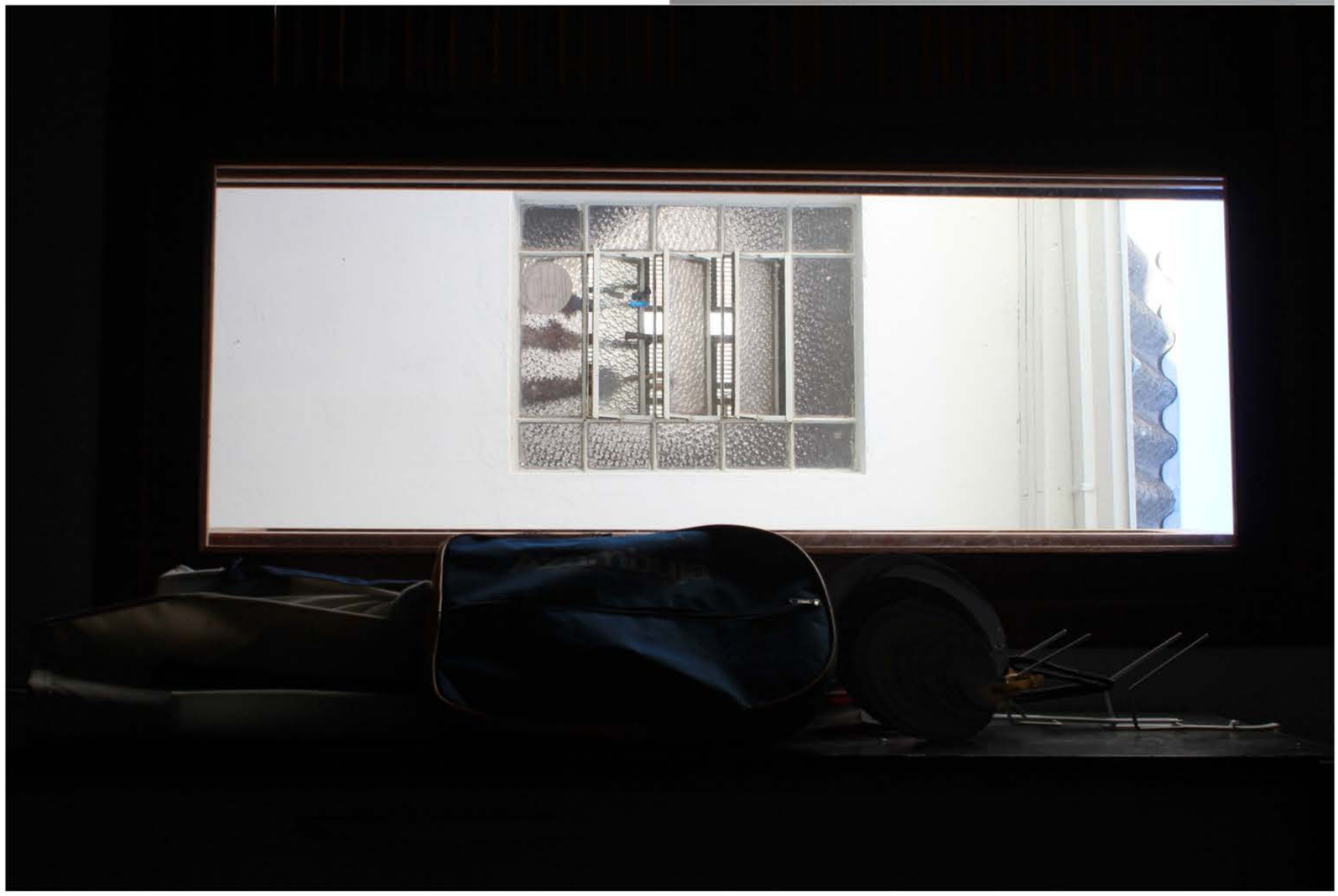
Abstract: *This narrative records the author's family life in pandemic times. The construction of the narrative is inspired by the work "The poetics of space", by Gaston Bachelard, in which the lived space is captured from the partialities of intimacy and imagination, drived by the evocative power of images.*

Keywords: *Covid-19, visual ethnography, creative imagination, poetics of space, Visual Anthropology*

1 - Professora do Departamento de Economia e Relações Internacionais (DERI) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul
rumikubo20021@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-2336-1402
http://lattes.cnpq.br/9635292250865390

Um lugar em nossas vidas: a casa, a família. As datas festivas. O cotidiano do fazer, do saber, do nutrir. Em tudo isso, o tempo que passa, perceptível nas pequenas marcas. Um tempo em nossas vidas, retido em um espaço de confinamento. Ou um tempo de confinamento, retido no espaço de nossas vidas. Um confinamento que interroga sobre o interior e o exterior, em que os limites estão na janela. O confinamento como uma adversidade, que nos empurra para olhar, rememorar. Ao olhar e nos propormos a registrar este espaço vivido, damo-nos conta que se trata de um vivido que não tem uma positividade, mas que remete às parcialidades da imaginação. Um jogo entre rememorar e criar, como na tradição de pintar os ovos de páscoa com papel crepom, fazer balões e bandeirinhas de papel para São João. O tempo passa, retido nas pequenas marcas. E as abelhas também cuidam de suas casas e alguém nos observa ao longe.









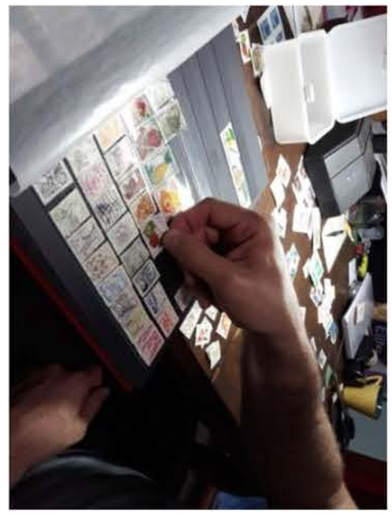




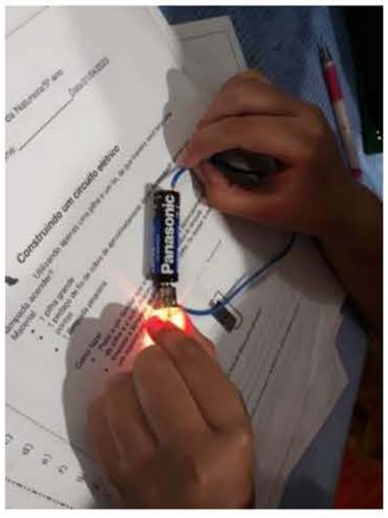











Construindo um circuito elétrico
Panasonic

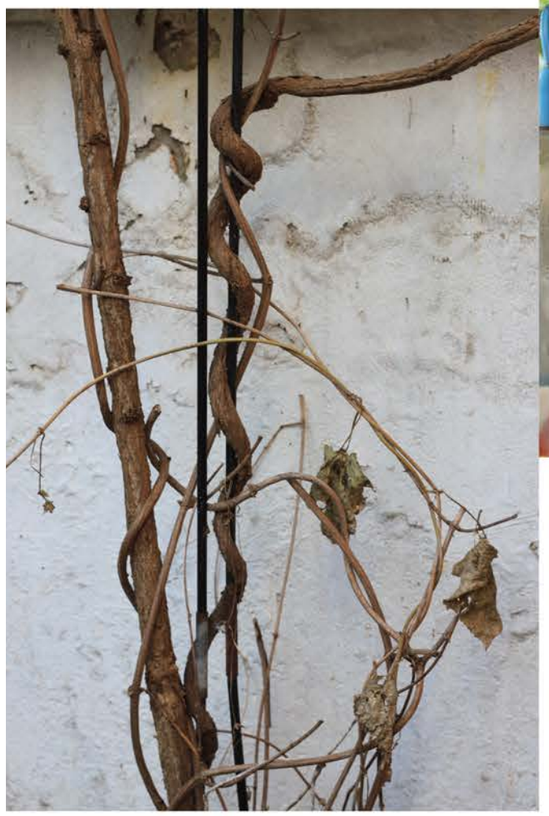


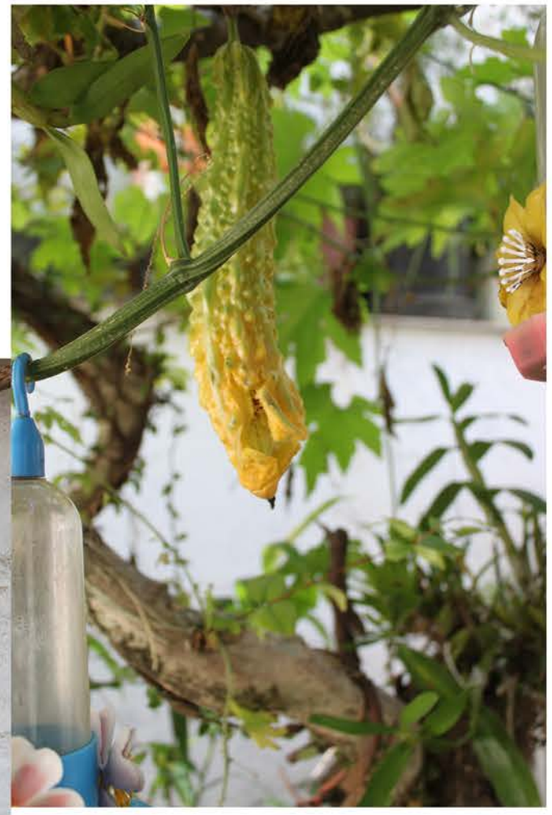





DEPOIS DE VENCER O CÂNCER, SEU PACIENTE PODE GANHAR MAIS QUE UMA NOVA VIDA.
UM FILHO, POR EXEMPLO.
JUN 2020
DOM SEG TER QUA QUI SEX SÁB
11 Corpus Christi
12 Dia dos Namorados
SUND











Marina Bordin Barbosa [1]
Nicole Kunze Rigon [2]

A reinvenção do cotidiano sem os passos perdidos na cidade

Resumo: Através do encontro com imagens produzidas neste contexto de confinamento, elaboramos algumas reflexões sobre os atos de viver e habitar em meio a aglomerações populacionais em um momento em que é necessário o distanciamento social. Neste cenário reinventamos nosso imaginário sobre a cidade e adaptamos todo o nosso cotidiano nos poucos metros quadrados que ocupamos nos grandes centros urbanos. Compartilhamos, através deste ensaio, alguns devaneios imagéticos produzidos a partir deste encontro.

Palavras-chave: confinamento; cotidiano; antropologia visual; cidade;

Reinventando la vida cotidiana sin perder pasos en la ciudad

Resumen: *En este ensayo elaboramos algunas reflexiones sobre los actos de vivir y vivir en medio de aglomeraciones poblacionales en un momento en que la distancia social es necesaria dado el contexto de encierro. En este escenario, reinventamos nuestro imaginario sobre la ciudad y adaptamos toda nuestra vida cotidiana en los pocos metros cuadrados que ocupamos en los grandes núcleos urbanos. A través de este ensayo, compartimos algunas ensoñaciones imaginarias producidas a partir de este encuentro.*

Palabra-clave: *confinamiento; diario; antropología visual; Ciudad;*

Reinventing everyday life without idle footsteps through the city

Abstract: *Through this encounter with images produced in this context of confinement, we have elaborated some reflections on the acts of living and dwelling in the middle of population centers at a time in which social distancing is necessary. In this scenario, we have reinvented our imagination about the city and adapted all of our everyday lives in the few square meters we occupy in the large urban centers. Through this essay, we share some imaginary daydreams produced from this meeting.*

Keywords: *confinement; everyday life; visual anthropology; city;*

1 - Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS
marinabordinb@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-9875-5115
http://lattes.cnpq.br/8136547877743451

2 - Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS. Bolsista CAPES
nirigon@gmail.com
https://orcid.org/0000-0003-4692-3866
http://lattes.cnpq.br/7125863057406990

Este ensaio parte de uma reflexão com as imagens produzidas neste contexto de confinamento. Partimos da concepção de que a imagem “é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento” (SAMAIN, 2012, p. 31). Assim, quando colocadas em relação provocam pensamentos, “movimentam ideias”. Mas o que elas nos revelam?

Observamos, através dessas imagens, que na experiência compartilhada do confinamento os ritmos da vida cotidiana se transformaram, e com eles a nossa percepção sobre a passagem do tempo também se alterou. A súbita ruptura com a realidade pautada pelos ritmos capitalistas do mercado e do trabalho nos provocou a reinventar nossas rotinas diante da nova realidade que se apresentou a nós. Uma nova realidade em que a percepção do tempo é inspirada pelas subjetividades individuais.

Além disso, novos objetos entram em circulação e as táticas inventivas (CERTEAU, 2012) de sobrevivência econômica chamam atenção pelas ruas da cidade. Porto Alegre, no contexto de pandemia, se apresenta a nós com outros regimes de ocupação de seus espaços. Regulamentações, impossibilidades, e distanciamentos organizam a vida urbana, que agora figura em nossos imaginários mais marcada por ausências do que presenças.

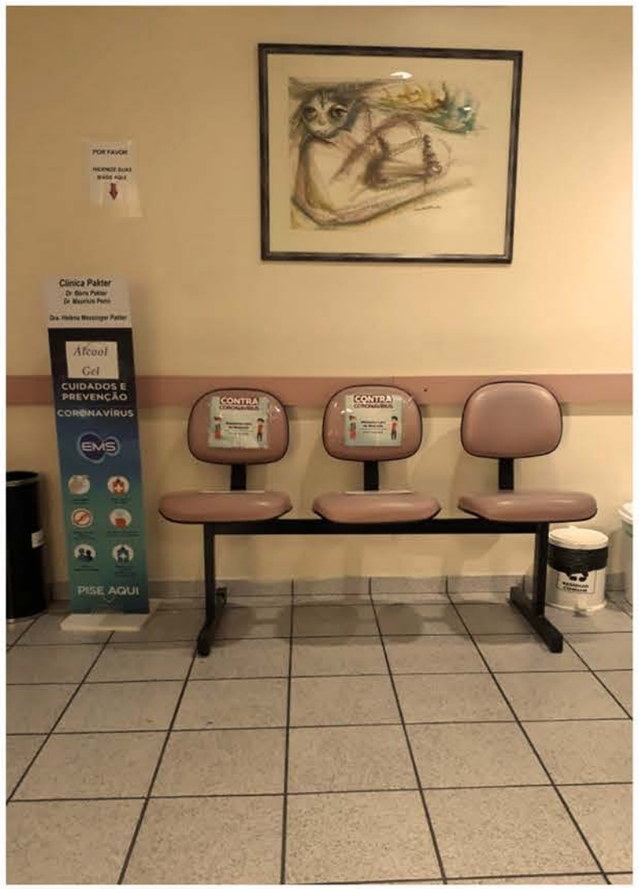
A ausência dos encontros e dos passos perdidos na cidade que costumávamos vivenciar nas nossas etnografias urbanas nos estimulou a trabalhar coletivamente neste ensaio como uma forma de partilhar experiências e tornar o nosso percurso acadêmico menos solitário durante esse período de isolamento social. Buscamos tornar desse espaço um ponto de encontro entre duas colegas e amigas dialogando através das imagens. Assim, compartilhamos através deste ensaio alguns desdobramentos deste encontro.



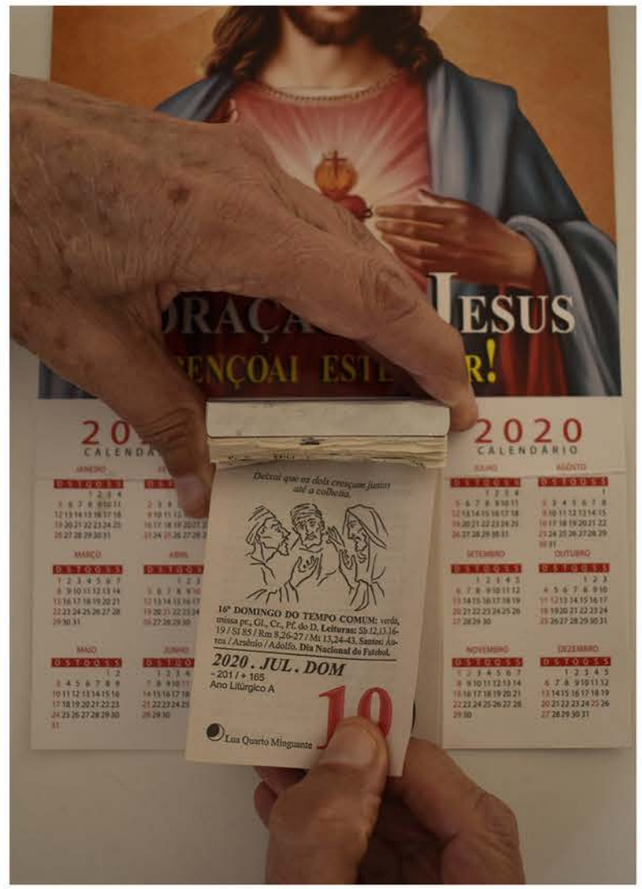
Referência

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. 19. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SAMAIN, Etienne (org.). Como pensam as imagens. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

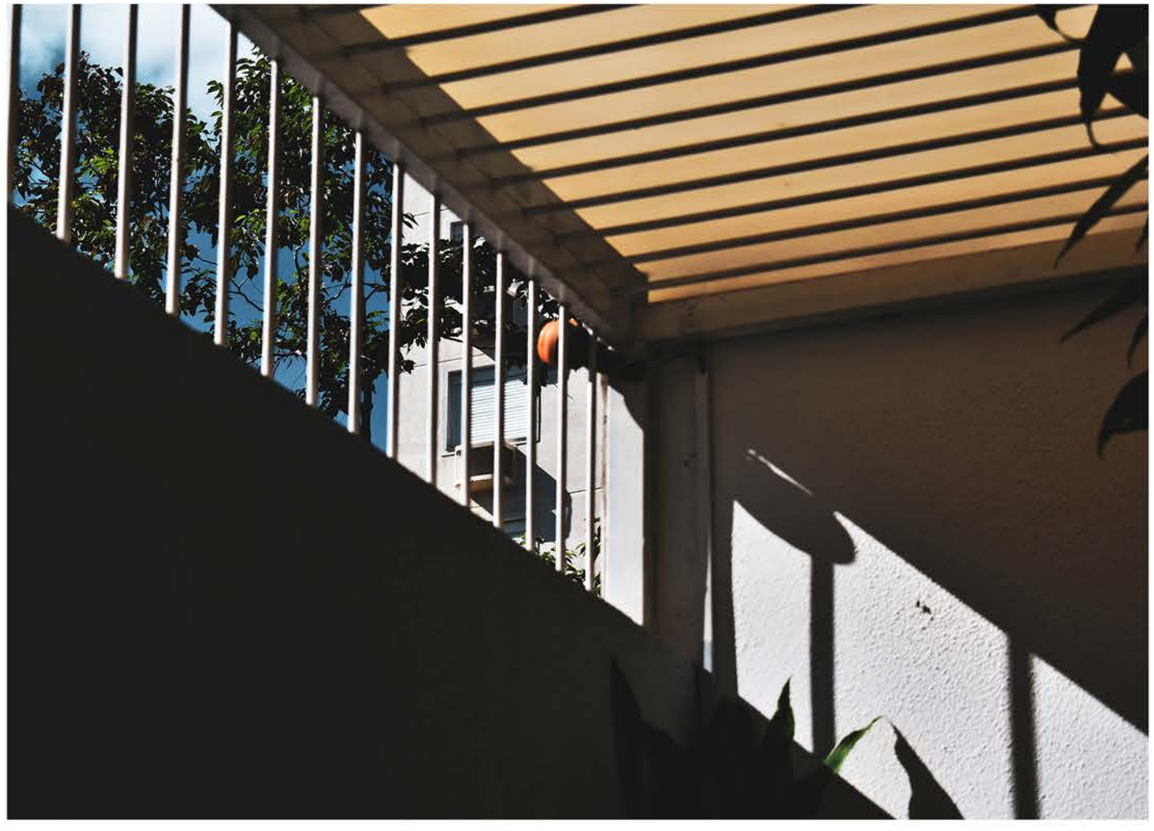

Clínica Pakter
Álcool
Gel
CUIDADOS E
PREVENÇÃO
CORONAVÍRUS
EMS
CONTRA
CONTRA
PISE AQUI

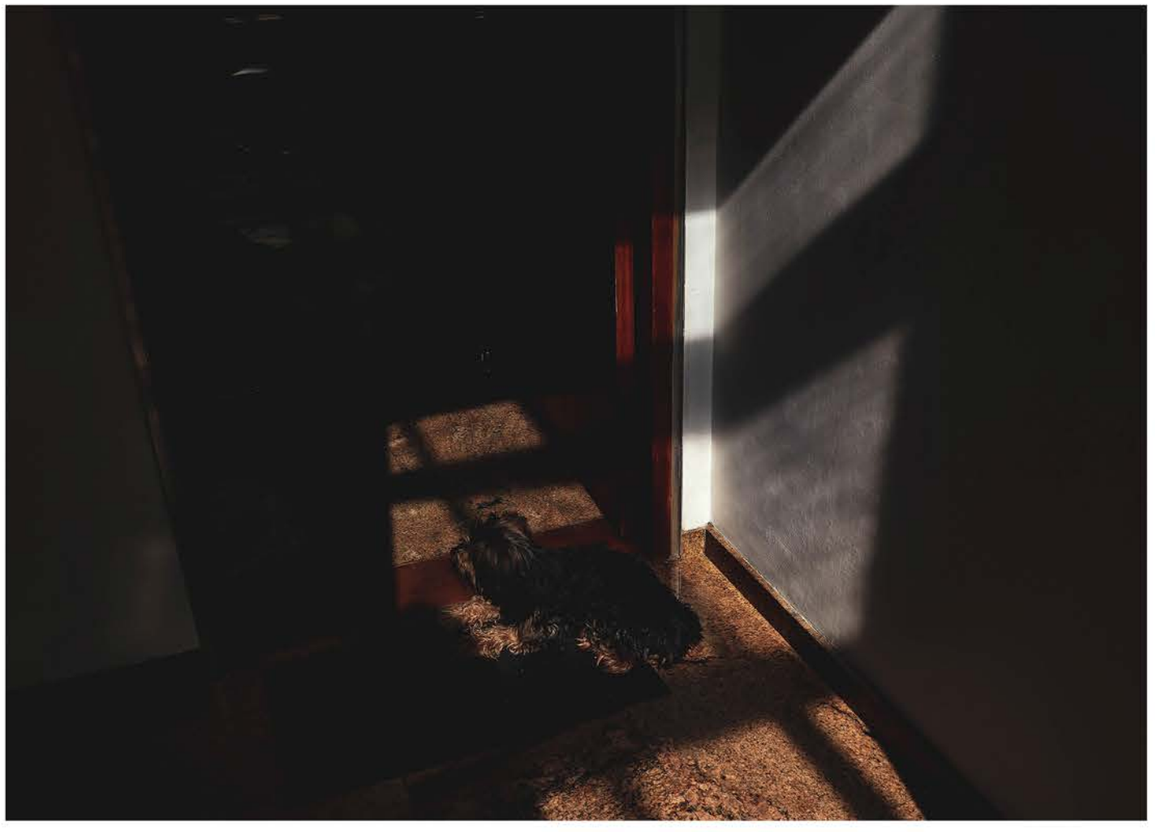


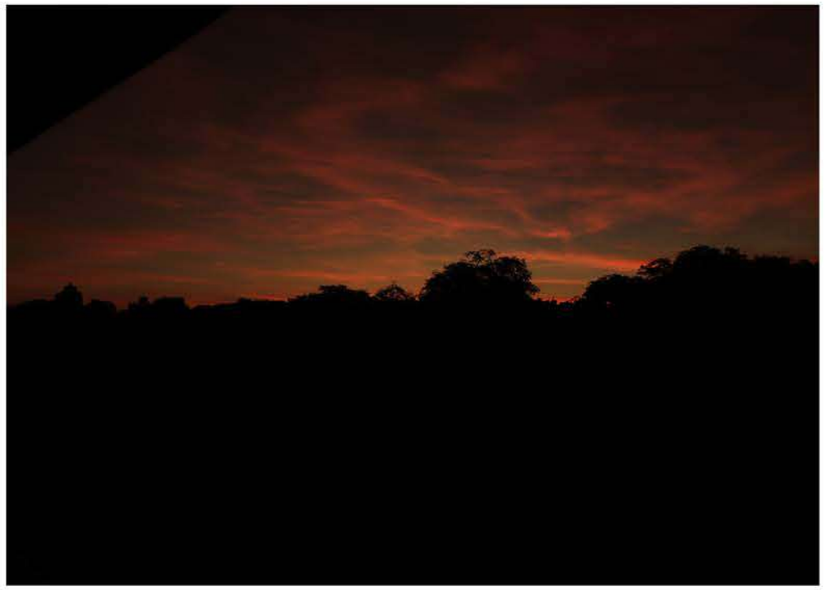

JESUS
2020
CALENDÁRIO
16º DOMINGO DO TEMPO COMUM
2020 . JUL . DOM
Ano Litúrgico A
19
Lua Quarto Minguante




















YouTube



Débora Wobeto [1]

Diário da pandemia: os primeiros 170 dias

Resumo: Esta narrativa fotográfica foi estimulada por oficinas de formação do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS entre os meses de abril e agosto de 2020. Diante da condição de isolamento social, as fotografias que formam a composição aqui apresentada foram selecionadas a partir de produções cuja finalidade inicial era o compartilhamento com entes queridos. A montagem aqui disposta em forma de diário avizinha cenas da vida ordinária e imagina um vínculo com a experiência coletiva da pandemia.

Palavras-chave: Antropologia Visual, Cotidiano, Pandemia, Covid-19.

Diario de la pandemia: los primeros 170 días

Resumen: *Esta narrativa fotográfica fue estimulada por talleres de capacitación en el Centro de Antropología Visual de la UFRGS entre abril y agosto de 2020. Ante la condición de aislamiento social, las fotografías que conforman la composición aquí presentada fueron seleccionadas de producciones cuyo propósito inicial fue compartir con seres queridos. El montaje que se muestra aquí en forma de diario rodea escenas de la vida cotidiana e imagina un vínculo con la experiencia colectiva de la pandemia.*

Palabras-clave: *Antropología visual, Vida cotidiana, Pandemia, Covid-19.*

Diary of a pandemic: the first 170 days

Abstract: *This photographic narrative was stimulated by workshops at the Center of Visual Anthropology of the Federal University of Rio Grande do Sul between April and August 2020. In front of the social isolation circumstance, the photographs that form the composition presented here were selected from productions whose initial purpose was to share with family and friends. The montage displayed here in the form of a diary surrounds scenes from ordinary life and imagines a link with the collective experience of the pandemic.*

Keywords: *Visual Anthropology, Everyday Life, Pandemic, Covid-19.*

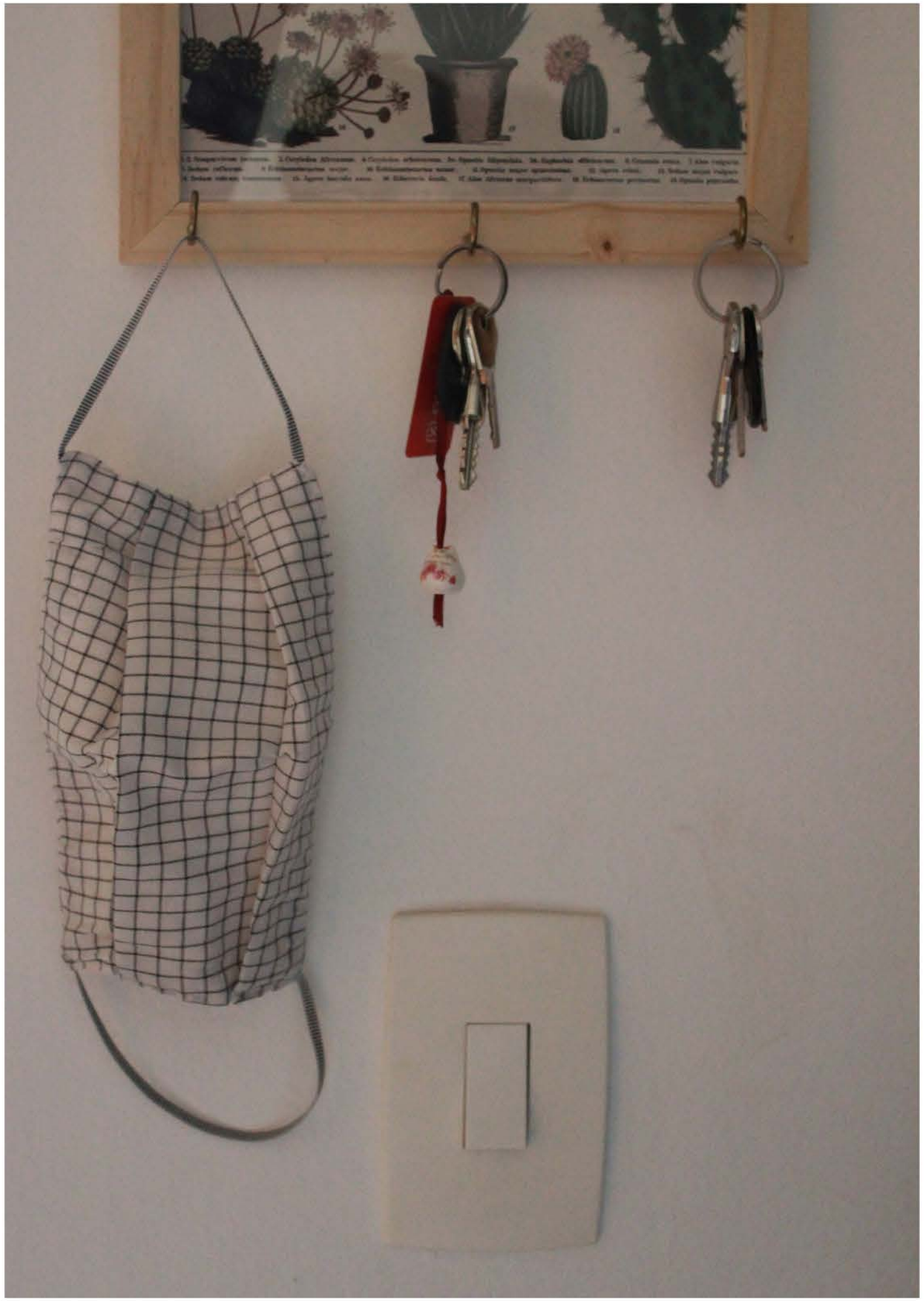
1 - Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista CNPq
deborawobeto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-7985-6319
http://lattes.cnpq.br/0233978906174711

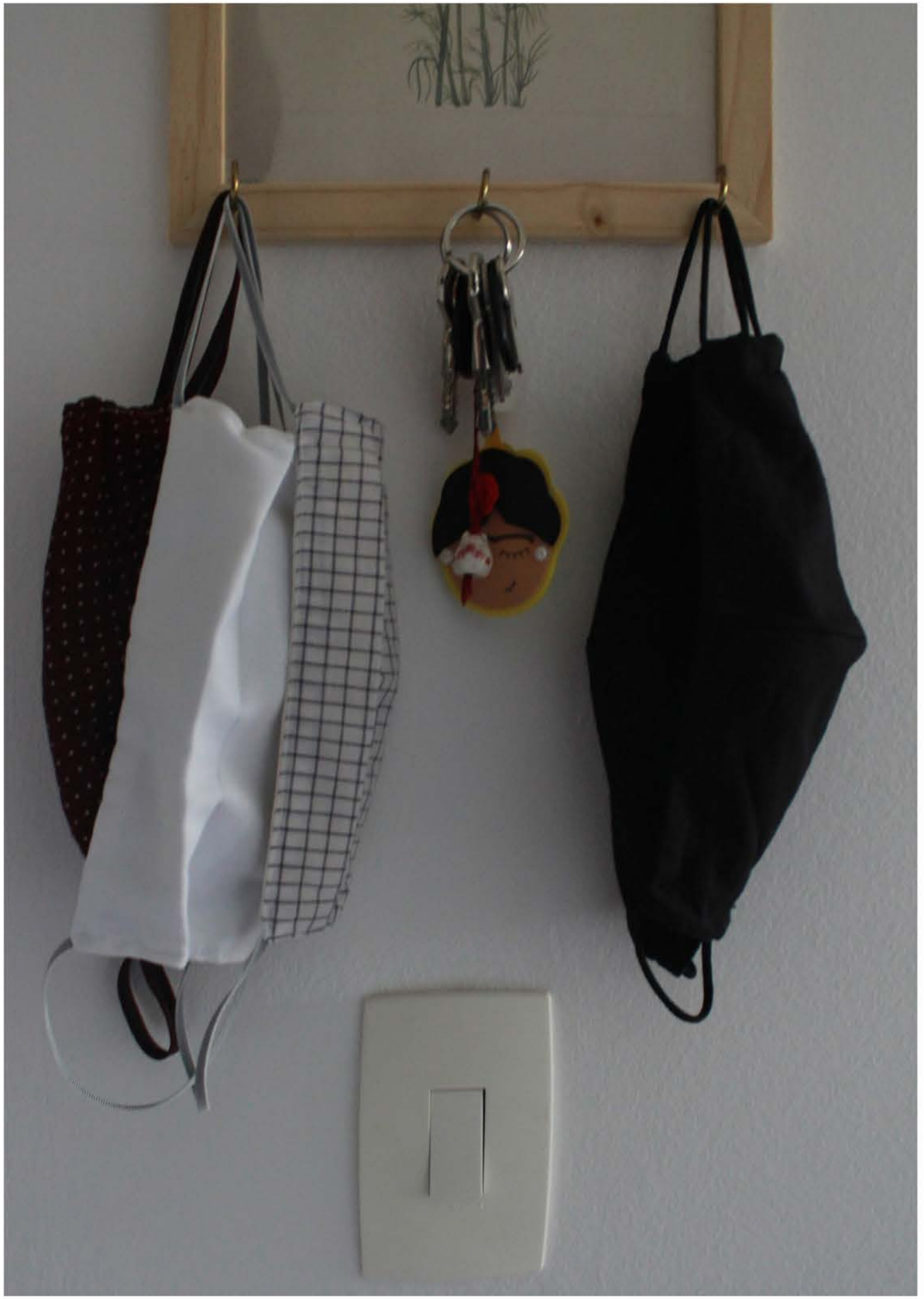
Na sexta estávamos todos na Universidade. No domingo recebemos um e-mail para não retornar no dia seguinte. À medida que tentamos entender o vírus, seus riscos e nossa chance de escapar, os dias correm no calendário e já somam cento e setenta. Até aqui, 3.910.901 casos confirmados e 121.515 óbitos no Brasil. Enquanto esperamos, otimistas, tudo isso passar, procuramos adaptações, sem, no entanto, nos acostumar.

Em março fizemos todas as compras por aplicativos e a rotina diária se resumiu a assistir pronunciamentos de autoridades. Em abril adotamos pets, testamos receitas e assistimos dezesseis temporadas de uma série médica. Em maio fomos autorizadas a vestir máscaras para sair e nos demos conta que não veríamos nossos afetos tão cedo. Em junho experimentamos um cine drive-in e os portais de notícias já não estampavam o número de mortes na tela inicial. Em julho voltamos às aulas em meio a ideias e cronogramas ainda difusos. Em agosto percebemos pequenas aglomerações nos apartamentos vizinhos e no comércio ouvi que daqui para frente só vai melhorar.

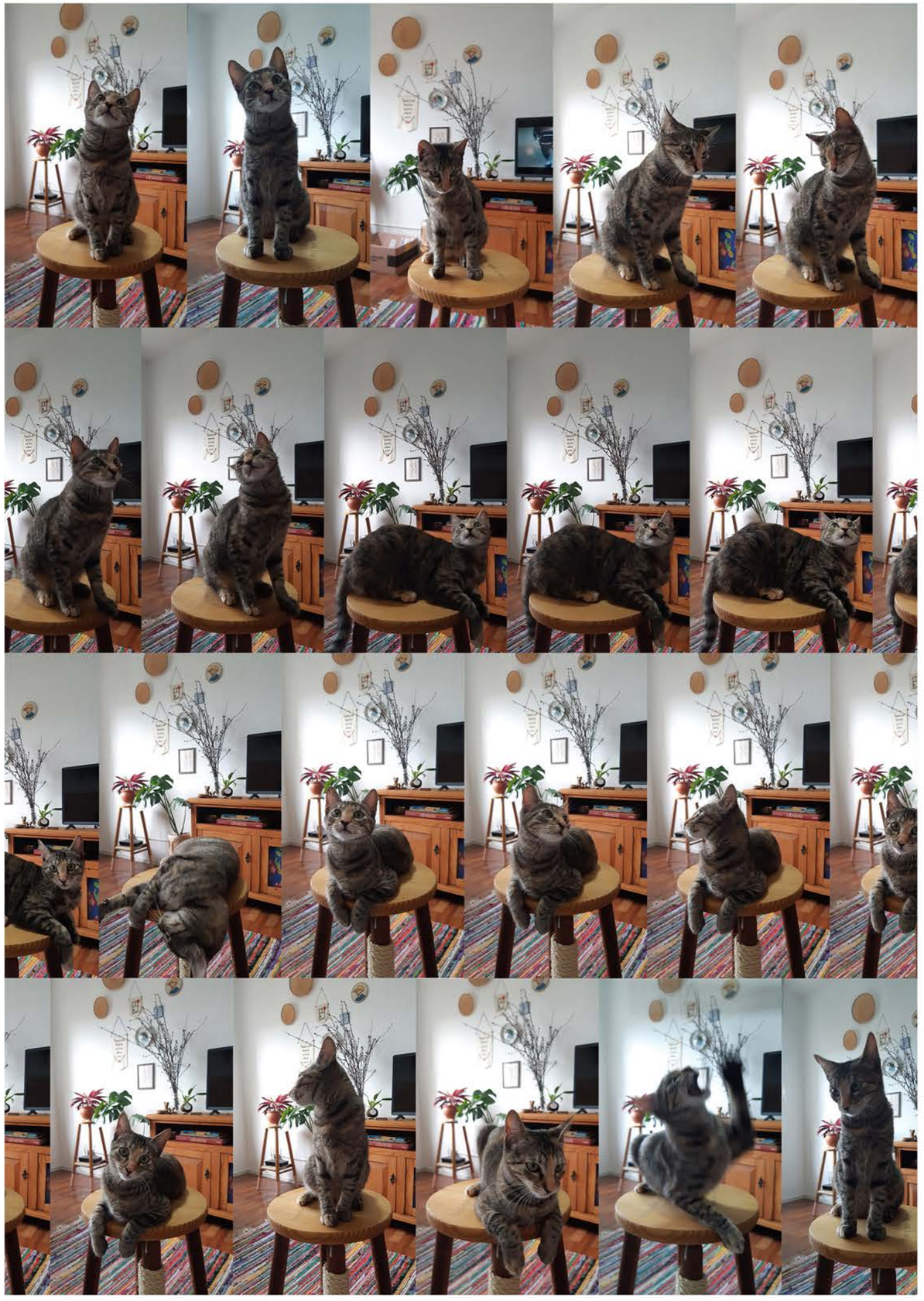
On Friday we were all at the University. On Sunday we received an email stating that we should not be returning the next day. As we try to understand the virus, its risks, and our chance to escape, the days run on the calendar. Until here, we have 3,910,901 confirmed cases and 121,515 deaths in Brazil. While we wait, optimistically, for all this to pass, we look for adaptations, without, however, accustom.

In March we made all purchases for applications and the daily routine was reduced to watching statements by authorities. In April we adopted pets, tested recipes, and watched sixteen seasons of Greys Anatomy. In May we could wear masks to go out and we realized that we would not see our affections anytime soon. In June we tried out a drive-in movie theater and the news websites no longer showed the number of deaths on the home screen. In July we returned to classes amid ideas and schedules that were still diffuse. In August we noticed small agglomerations in the neighboring apartments and in the shop, I heard that now everything can only get better.

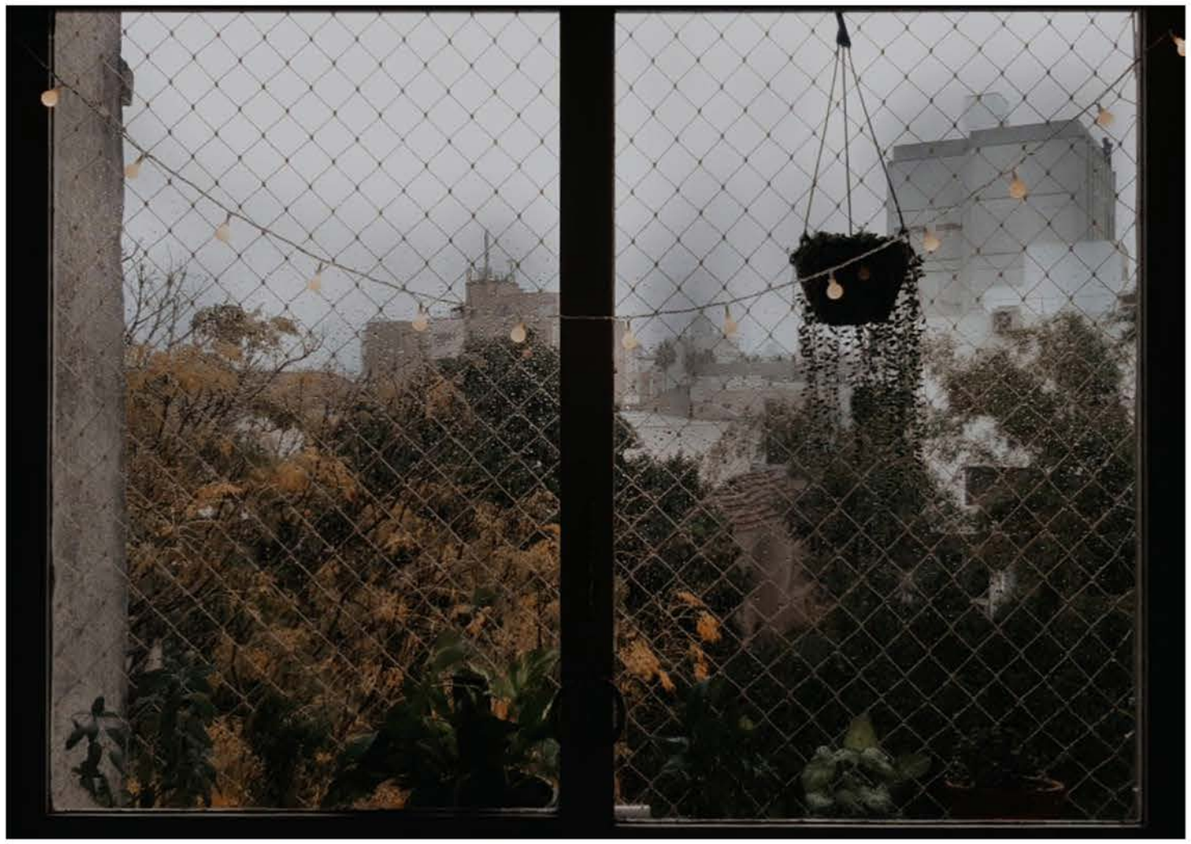





GÊNESIS



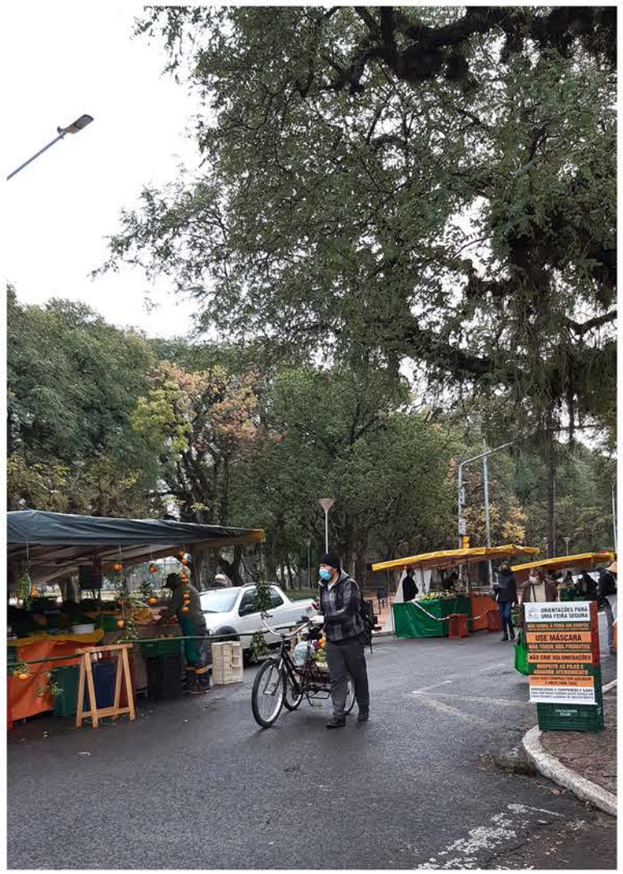









Proibido Comércio
de Animais
ENTRADA
ENTRADA

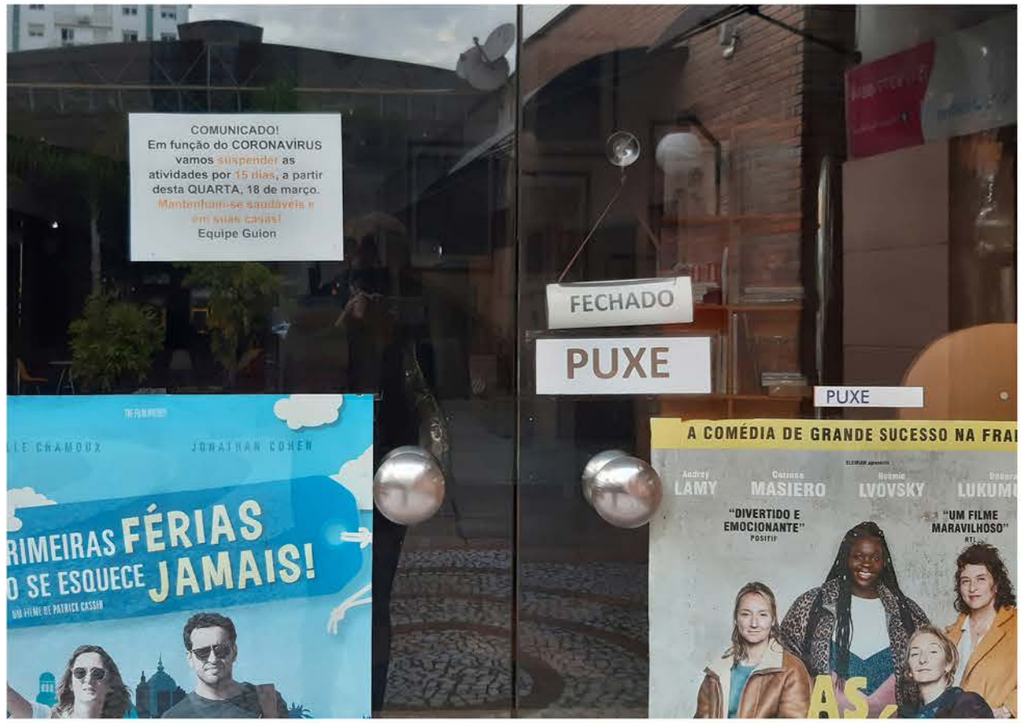

USE MÁSCARA

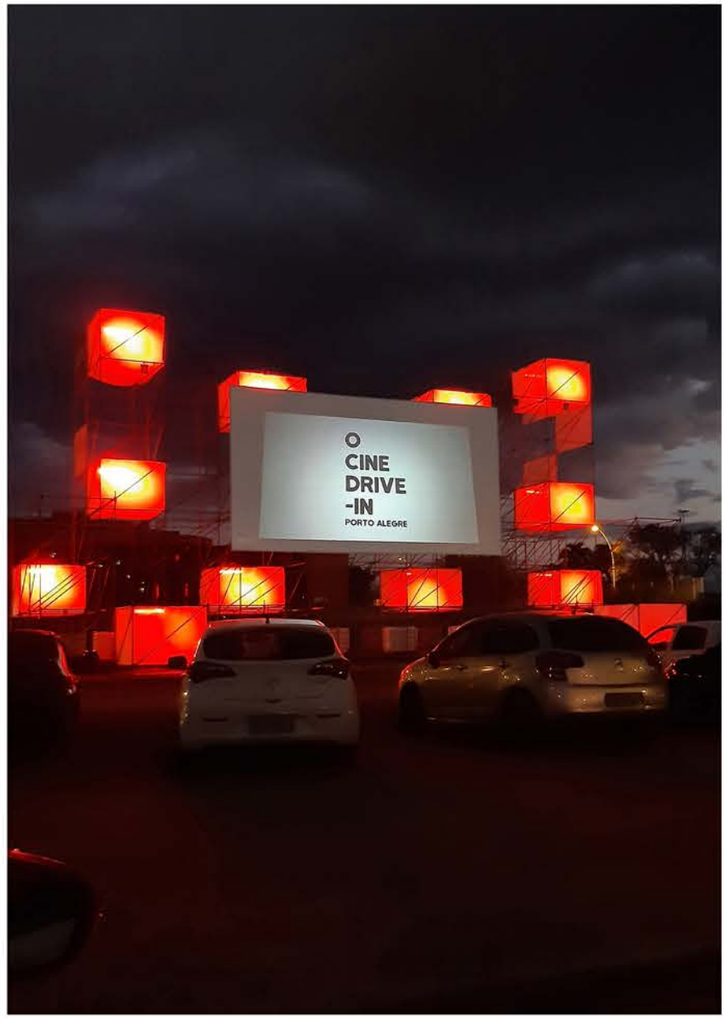



ATENÇÃO
ÁLCOOL
PISE


FIQUE EM CASA!
VAI AONDE SEM MÁSCARA?


MÁSCARA de PANO - R$ 5,
MÁSCARAS ARTESANAIS
em TECIDO DUPLO
ANATÔMICAS e LAVÁVEIS
R$ 8,90 cada


COMUNICADO!
Em função do CORONAVÍRUS
vamos suspender as
atividades por 15 dias, a partir
desta QUARTA, 18 de março.
Mantenham-se saudáveis e
em suas casas!
Equipe Guion
FECHADO
PUXE
PUXE
JONATHAN COHEN
RIMEIRAS FÉRIAS
O SE ESQUECE JAMAIS!
A COMÉDIA DE GRANDE SUCESSO NA FRA
Audrey LAMY
Cezanne MASIERO
Noémie LVOVSKY
"DIVERTIDO E EMOCIONANTE"
"UM FILME MARAVILHOSO"


O
CINE
DRIVE
-IN
PORTO ALEGRE


Para preservar a saúde de
todos, respeite a distância.


RESPEITE A
DISTÂNCIA SEGURA
APENAS 01 PESSOA POR BANCO
E PERMITIDO DIVIDIR O BANCO COM PESSOAS
QUE JÁ CONVIVEM COM VOCÊ
2m

Gabriel Sager Rodrigues [1]

Etnografias do Confinamento: Um caminhar pelas ruas de Porto “não tão” Alegre em meio a pandemia

Resumen: Os registros visuais por mim realizados no referente exercício acabam por ter fundamentalmente como intuito, trazer uma narrativa visual com base na etnografia do cotidiano citadino de Porto Alegre. A composição imagética acaba por constituir como um dos efeitos mais potentes em sua construção o contraste fortíssimo no que tange a desigualdade socioeconômica das pessoas presentes nas fotografias, elucidando a extrema diferença de acesso a cuidados de proteção ao momento caótico da crise COVID-19.

Palavras-chave: Antropologia Visual, Desigualdade Social , Deslocamento, Fotografias, Etnografias do Confinamento

Etnografías del encierro: Un paseo por las calles de Porto “no tan” Alegre en medio de una pandemia

Resumen: *Los registros visuales realizados por mí en el ejercicio relacionado se acaban por tener fundamentalmente como intención traer una narrativa visual basada en la etnografía de la vida cotidiana de la ciudad de Porto Alegre. La composición imagética termina constituyendo como uno de los efectos más poderosos en su construcción el fuerte contraste en términos de desigualdad socioeconómica de las personas presentes en las fotografías, dilucidando la diferencia extrema en el acceso a cuidados protectores en el momento caótico del COVID-19 crisis.*

Palabras-clave: *Antropología visual, Desigualdad social, Desplazamiento , Fotografías , Etnografías del encierro*

Ethnographies of Confinement: A walk through the streets of Porto “not so” Alegre amid a pandemic

Abstract: *The visual records made by me in the related exercise are over for having fundamentally as its intention, to bring a visual narrative based on the ethnography of everyday city life in Porto Alegre. The imagetic composition ends up constituting as one of the most powerful effects in its construction the strong contrast in terms of socioeconomic inequality of the people present in the photographs, elucidating the extreme difference in access to protective care in the chaotic moment of the COVID-19 crisis.*

Keywords: *Visual Anthropology, Social Inequality, Displacement, Photographs , Ethnographies of Confinement*

1 -Graduando em Filosofia (UFRGS), bolsista Núcleo de Antropologia Visual (NAVISUAL)
bielsager@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5696-072X
http://lattes.cnpq.br/4306320762059771

Para dar início a tal narrativa, surge poesia, a gata que através da janela de meu quarto observa os mais diversos e corriqueiros acontecimentos a fora, gerando para com o espectador um entendimento da vigente conjuntura pandêmica a qual vivenciamos no momento, isso substancialmente pela utilização de máscaras de proteção das pessoas no mundo externo. Subsequentemente, o desenvolvimento de tal construção imagética acaba por desenrolar-se através da proposta de certo deslocamento, o qual se faz presente perante a rotina de meu dia-a-dia, permeando desde um olhar através das grades no térreo de meu apartamento, até o percurso de idas e vindas ao estúdio de minha banda, ao qual também se faz presente como um espaço de observação. Todavia, a pesar da diversidade de locais existentes em tal processo narrativo, a trajetória por meio as ruas acaba por ganhar local de destaque, sendo o principal âmbito de interlocução para com as fotografias e a proposta por mim estabelecida em tal oficina.

Como proferido anteriormente, este ensaio imagético acaba por construir-se fundamentalmente através de uma profunda conexão com a antropologia urbana, sendo a etnografia de rua a principal condutora no que tange a tentativa não apenas de registrar o mais exacerbado espectro de desigualdade existente em nossa sociedade, mas também de constituir e gerar certa voz e visibilidade a um conjunto de indivíduos, segregados na pirâmide hierárquica de nossa sociedade . Tais diferenças sociais acabam por se mostrar nítidas no momento em que se revelam cenas ais quais são escrachadas as diferenças na proporção de acessibilidade de recursos e cuidados a tal núcleo de seres humanos, as quais potencializam-se nocivamente no momento atual de caótica pandemia causada pelo vírus COVID-19. Isso acaba por ser legitimado, essencialmente, por estas, através de diálogos e trocas consentidas comigo, afirmarem sua frustração por se apresentarem cotidianamente em uma situação de extrema vulnerabilidade socioeconômica.

Tal situação se faz evidente não somente pelo fato de tal núcleo de pessoas, em sua grande maioria, não apresentar medidas protetivas e preventivas como máscaras, luvas e álcool gel, mas fundamentalmente em consequência de ter como sua habitação e moradia efetiva às ruas da cidade. Destarte, por tais condições as quais estão inseridas, pode-se conceber quase que em sua totalidade, que a falta de recursos como saneamento e higiene básica necessária para com a existência de uma mínima humanização das mesmas, acaba tornando-as extremamente mais suscetíveis aos mais variados riscos de saúde, sobretudo por muitas delas também manterem como forma de trabalho informal a reciclagem de resíduos, que por virem dos mais diversos locais tem grande probabilidade de estarem contaminados.

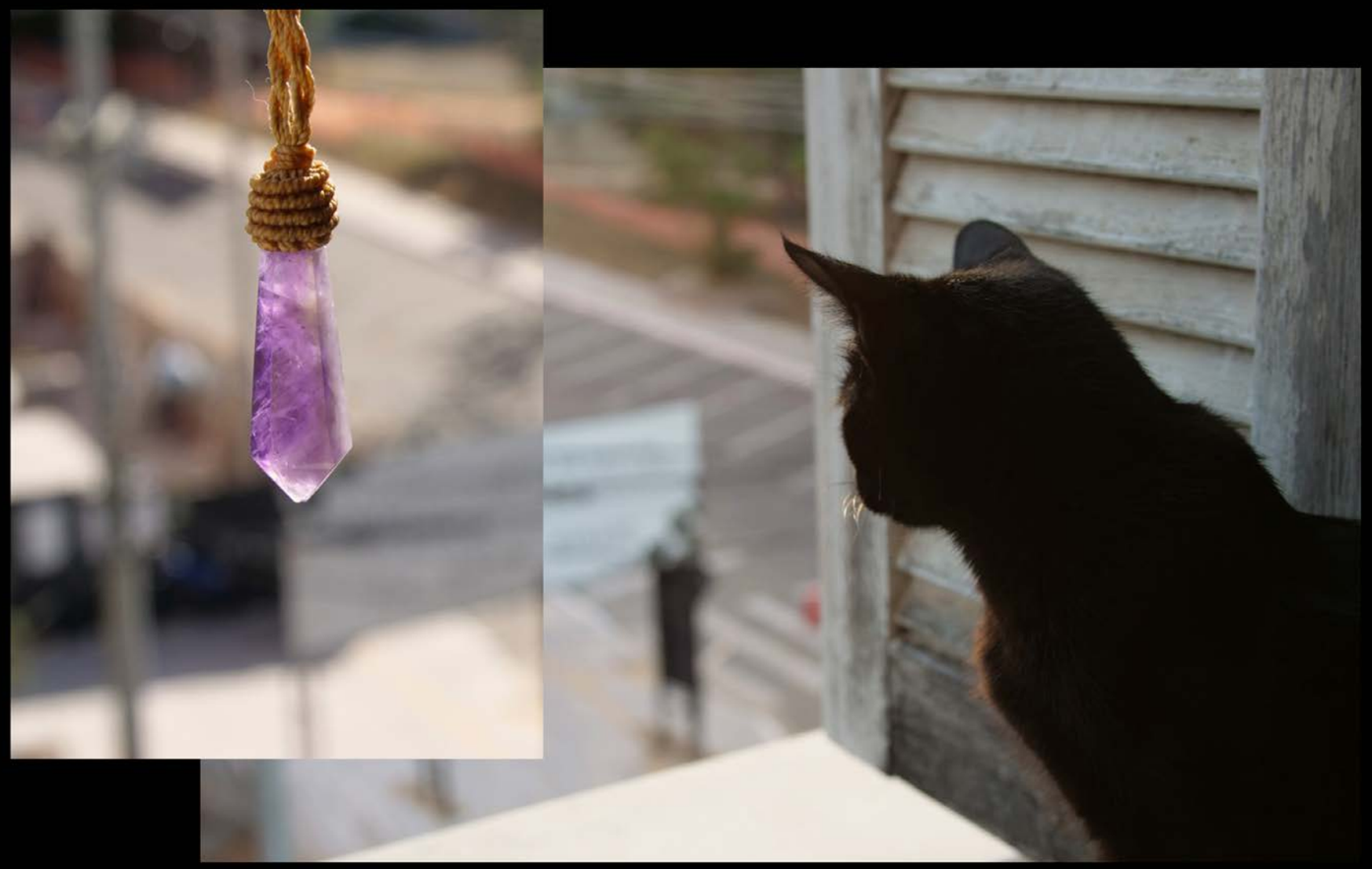
Referência

ECKERT, Cornelia ; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da . “Etnografia: saberes e práticas”. In: PINTO, Céli Regina Jardim e GUAZELLI, César Augusto Barcellos. (Org.). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 9 a 24. Série Graduação.

ECKERT, Cornelia ; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana”: - Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais BIEV/LAS/PPGAS/IFCH/UFRGS - E-ISSN 1984-1191 - v. 4, n. 7 (2003) - site: https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9160 - visita: 24/06/2020

AGIER, Michel. Antropologia da Cidade: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

JOLE, Michele. Reconsiderações sobre o andar na observação e compreensão do espaço urbano. In: Caderno - CRH 45. p 423 a 430. 2005



Perplexos olhos da paranoia
Cidade vazia, Fugacidade
Todos perto, porém longe
Fugas pessoais, Ilhados, isolados
Imersos nos próprios pensamentos
Querendo gritar para o verso único
Da constelação universal

Nada de novo por aqui
Segundos se passam
Entrelaçam e dias não vi
Sem inspiração
Imaginária e cardíaca
Ar entra, não obstante sai
Em busca de sua redenção
Vai, se esvai, não acha um lar
Onde ficar
A se isolar de um espaço perdido
Moradia lhe expulsa
Ensurdecido
A berros gritantes, também ambulantes
Que perambulam
Da artéria ao arrepio
Nem mais um pio
Ou para sempre preso
No berço indefeso
A flutuar de um naufragar
Em um reflexo fluente ao rio

Velhos tempos, novos dias
Aglomeração de pessoas
Corações vazios
Tentando preencher-se
Rasa e sutil mente
Em florescer da doce semente
de um falso mentir
Nada voa, tudo passa
Todos passam
Veem e se vão
Se veem no vão
Aberto em seus peitos
Que pulsam a dor
Em prol dos defeitos, aceitos por si
Infelicidade ao ver dos outros
Tudo desigual, terra sem lei, nada de direitos
Efeitos caóticos, dó, sol, fá, mi
Notas invertidas, famintas de som
A busca de ser
Em cidade para poucos
Loucos são aqueles que não temem o viver


















GANHE UMA






















RAJA


RAJA




193


193


AGEM
Camargo


só no ifood



Carmen Rial [1]

Desconfinamento no Canto do Badejo

Resumo: Iniciei o confinamento no dia 14 de março de 2019, como marca o calendário de blocos de madeira móveis que tenho na cozinha, presente da Chica. Não posso dizer que esse foi um tempo difícil, como o foi e tem sido para muitos no país e no mundo. Morando a beira da Lagoa da Conceição, em uma casa ampla e com muita natureza ao redor, tem sido prazeiroso trabalhar em casa, comer os churrascos que meu pai faz aos domingos, e caminhar pelas manhãs. Foi por conta dessas caminhadas, sempre com máscara, que resolvi fotografar com a câmera do celular o que via, registrando cenas que ocorrem tão perto de casa mas que me eram desconhecidas antes que a COVID-19 alterasse o meu cotidiano. E postando-as no Instagram, num diário fotográfico da pandemia.

Palavras chave: caminhada, pássaros, lagoa, pandemia, Instagram, diário

Desconfinamiento en el Canto do Badejo

Resumen: *Comencé el encierro el 14 de marzo de 2019, como marca el calendario de bloques de madera móviles que tengo en la cocina, un regalo de Chica. No puedo decir que este fue un momento difícil, como lo ha sido y lo ha sido para muchos en el país y en el mundo. Vivir junto a la Lagoa da Conceição, en una casa grande con mucha naturaleza alrededor, ha sido un placer trabajar en casa, comer las barbacoas que hace mi padre los domingos y pasear por las mañanas. Fue por estos paseos, siempre con máscara, que decidí fotografiar lo que veía con la cámara del celular, grabando escenas que ocurren tan cerca de casa pero que desconocía antes de que el COVID-19 cambiara mi vida diaria. Y publicarlos en Instagram, en un diario fotográfico de la pandemia.*

Palabras-clave: *caminar, pájaros, laguna, pandemia, Instagram, diario*

Out of confinement in Canto do Badejo

Abstract: *I started my confinement on March 14, 2019, as marked by the calendar of mobile wooden blocks I have in the kitchen, a gift from Chica. I cannot say that this has been a difficult time, as it has been for so many in the country and in the world. Living by the Lagoa da Conceição, in a large house with lots of plants, birds and animals around, it has been a pleasure to work at home, eat my fathers Sundays barbecues, and walk in the mornings. It was because of these walks, always wearing a mask, that I decided to photograph with the cell phone camera what I saw, recording scenes that occur so close to home but that were unknown to me before COVID-19 changed my daily life. Posted on Instagram, they are a pandemic photo diary.*

Keywords: *walk, birds, lake, pandemy, Instagram, diary*

1 - Professora Titular do Departamento de Antropologia da UFSC, atua no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social e no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas
rial@cfh.ufsc.br
https://orcid.org/0000-0001-7478-0917
http://lattes.cnpq.br/4874148638654662

O Iphone marca 2 mil passos quando retorno para casa, todas as manhãs, depois da caminhada de desconfinamento no Canto do Badejo, em Florianópolis. Não que ele fique há mil passos da minha casa, fica mais próximo, a uns 250 metros – quantos passos do Iphone tem um metro? Não tenho ideia mas alguém já deve ter calculado. O Canto do Badejo não existe, não será encontrado em uma pesquisa no GoogleMaps, Waze ou numa entrada da Wikipédia. Ele foi nomeado por algum desconhecido que deixou uma placa colorida ao pé do morro doBadejo, bem onde termina a faixa de grama onde caminho. O Canto do Badejo é um faixa de grama entre as grades do resort Porto da Lagoa e as aguas da Lagoa da Conceição, em seu extremo meridional, a esquerda do final da Amizade. Uma faixa de 17 passos - meus, não do Iphone










- de largura e uns 80 metros de comprimento. Ele era mais magro há alguns anos, antes da fiscalização obrigar os proprietários das casas e dos apartamentos moverem a grade abrindo mais espaço público, desprivatizando a margem da Lagoa. Porque é usado basicamente pelos moradores, ou talvez porque os jardineiros tenham se acostumado a cuidar do gramado, ele continua sendo mantido, cortado, limpo. Nada parecido com a outra margem da lagoa, que se estende a direita da rua da Amizade essa sim cheia de plantas que crescem sem a mão humana, numa espécie de jardim à inglesa se comparado ao Canto do Badejo que poderia ser considerado um à francesa com suas plantas domesticadas. É no Canto do Badejo que caminhamos todas as manhãs, no nosso momento de desconfinamento. Vamos geralmente os três: Pepe,










meu pai, 92 anos, Miriam e eu. Ele se dirige para o píer que fica na parte a esquerda na parte mais selvagem, tira a camisa e toma sol sentado em um banquinho, flutuando sobre as aguas. Nós tomamos o rumo do gramado domesticado. São 3 ou 4 idas e voltas, antes de retomar o caminho de casa. Vamos ouvindo no Iphone a France Culture com o seu programa vespertino (matinal para nós) de literatura, ou a FranceInfo com as noticias do Covid 19 *hexagone*, ou a CBN local com os números do Covid-19 no Estado, ou alguma música brasileira do século passado no Spotify – Caetano, Bethânia, Chico, Clementina, Aldir, Moraes... Às vezes encho os bolsos com coquinhos caídos dos










coqueiros, que recolho como fazia na adolescência no Parque da Redenção. Às vezes colho aroeiras vermelhas, as pimentas rosas. Vou ouvindo o Iphone até que algo pitoresco me faça metamorfoseá-lo em máquina fotográfica para o registro de algo. Do quê? Os pássaros são encontros frequentes, e eu que nunca fotografei pássaros, passei a segui-los, reconhece-los, etologiza-los, captura-los com a câmera. Nomea-los. Nos acostumamos uns aos outros, e eles já me permitem uma aproximação muito maior do que nas primeiras vezes. Importante, pois o registro é com um Iphone, sem nenhum zoom além do da câmera. Há os Quero-Queros que são quatro: como três estão sempre juntos, chamei-os de "Tre amici" – começamos a estudar italiano remotamente durante a quarentena, tinha que treinar a língua de algum modo. Há o pássaro













preto que abre as asas – o "Biguá", as asas abertas ao vento sendo uma necessidade para seca-las, me explicou meu sobrinho, eles que não conseguem voar por muito tempo e logo mergulham na Lagoa em busca de peixes. E há, finalmente, o pássaro branco, perfil primoroso, elegante – uma garça-real: chamei-o "Soberano". As vezes surgem outros, mas esses são os mais recorrentes e por isso tornaram-se protagonistas de minhas fotos.A agua, o horizonte, os píeres, as arvores, as raízes, os troncos, as flores – sim, há outros objetos que atraem a câmera fotográfica mas os pássaros predominam. E há não-imagens, as fotos que não consegui fazer – como a do filhote repousando sobre as costas da Biguá, depois se agarrando ao seu peito no seu pulo-voô. Raramente encontramos pessoas no Canto do Badejo cedo pela manha. Suas presenças










passadas estão lá, em bancos de madeira, em balanços de pneu, em barcos ou lanchas ancorados nos píeres ou descansando na grama, em pranchas de stand up paddle (quando é que vão traduzir esse nome?). Quando estão, ficam em grupos familiares ou de amigos que mantem distancia uns dos outros, um maior silencio do no antes, uma maior delicadeza ou lentidão mover. As vezes, as pessoas me lembram quadros de pintura, talvez pela raridade das aparições, mais pela solenidade dos gestos. Leem, meditam, fazem yoga, fazem pic-nic, pescam, se equilibram sobre pranchas, remam em caiaques. Mas tudo parece ter um outro tempo – como no filme Melancolia, de Lars Von Trier. Um dia desses encontrei uma senhora (e quando digo senhora quero dizer uma mulher mais ou menos da minha idade) que passeava (e quando digo passeava quero dizer que não tinha a mesma velocidade energética que nos temos na caminhada) tirando fotografias com o seu telefone celular. Hãhã, pensei, fiz escola! Voltei para casa, para o confinamento, contente com a descoberta, e postei a minha fotografia do dia no Instagram.





Lagoa, 26 de maio de 2020.

Fabiela Bigossi [1]

Passos contados na cidade confinada

Resumo: O isolamento social, medida privilegiada pela maioria dos países no combate à epidemia da Covid-19, reconfigurou, mesmo que temporariamente, nossa relação com a rua. Caminhar junto, emblema de resistência coletiva, cedeu espaço a outras formas de fazer política. Realizei essa experiência etnográfica no perímetro de um quilômetro a partir da minha residência. O prazer dos passos perdidos esteve proibido de 23 de março até 11 de maio de 2020, e poderia custar 135 euros. Evitando encontros e caminhando pelas mesmas ruas durante o confinamento, segui as intervenções de alguém que nunca encontrei. Suas frases retomam e contestam discursos de Emmanuel Macron desde o início da urgência sanitária declarada na França.

Palavras-chave: Antropologia Visual, Sociabilidades, Pandemia

Des pas comptés dans la ville confinée

Sommaire *L'isolement social, mesure privilégiée par la plupart des pays pour lutter contre l'épidémie de Covid-19 a changé temporairement notre rapport à la rue. Emblème de la résistance collective, marcher ensemble à fait place à d'autres façons de faire de la politique. Cette expérience ethnographique à été réalisée dans un rayon d'un kilomètre autour de ma résidence. Le plaisir de flâner dans la ville a été interdit du 23 mars au 11 mai 2020 et pouvait coûter 135 euros. En évitant les rencontres et en me promenant toujours dans les mêmes rues pendant le confinement, j'ai suivi les interventions de quelques uns que je n'ai jamais rencontré. Leurs phrases reprennent et contestent les discours d'Emmanuel Macron depuis le début de l'État d'urgence sanitaire déclaré en France.*

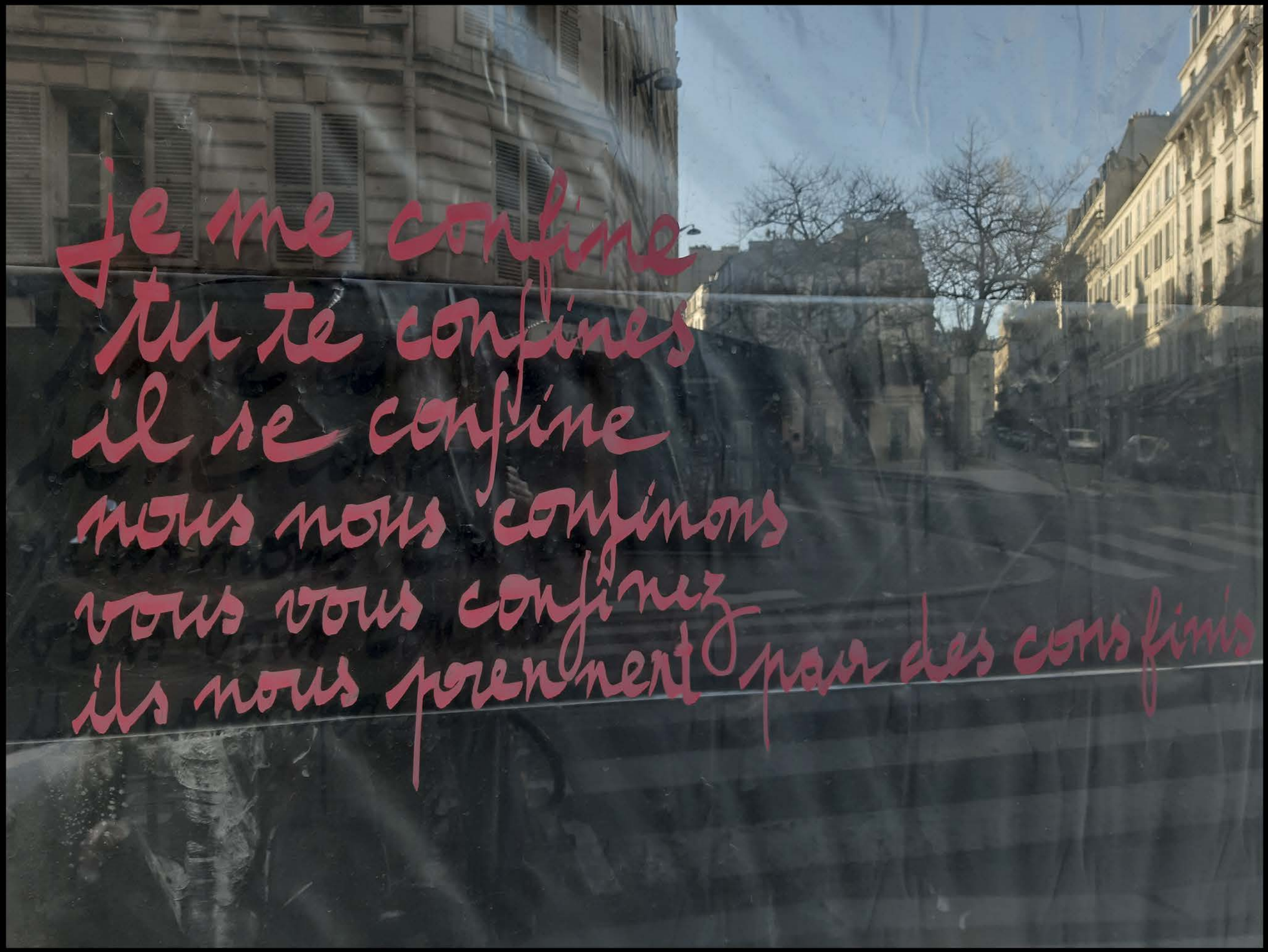
Keywords: *Confinement, Covid-19, Paris, rue, politique.*

Steps counted in the confined city

Abstract: *The social isolation, a measure privileged by most countries in the fight against the Covid-19 epidemic, has reconfigured, even temporarily, our relationship with the street. Walking together, an emblem of collective resistance, gave way to other forms of political making. I performed this ethnographic experience within a kilometer of my residence. The pleasure of the lost steps was banned from March 23 until May 11, 2020, and could cost 135 euros. Avoiding encounters and walking in the same streets during the confinement, I followed the interventions of someone I never met. These phrases resume and contest Emmanuel Macron's speeches from the beginning of the health urgency declared in France.*

Kewords: *Confinement, Covid-19, Paris, street, politics.*

1 - Observatoire régional de santé Île de France — Institut Paris région
https://orcid.org/0000-0002-1226-1270



eu me confino
tu te confinas
ele se confina
nós nos confinamos
vós vos confinais
eles pensam que somos bestas



(Man Ray) teria
gostado de poder
oferecer uma máscara
para suas musas



queremos
máscaras
e testes



grana para os
hospitais públicos !



queremos
máscaras e testes



(Joël) quer máscaras



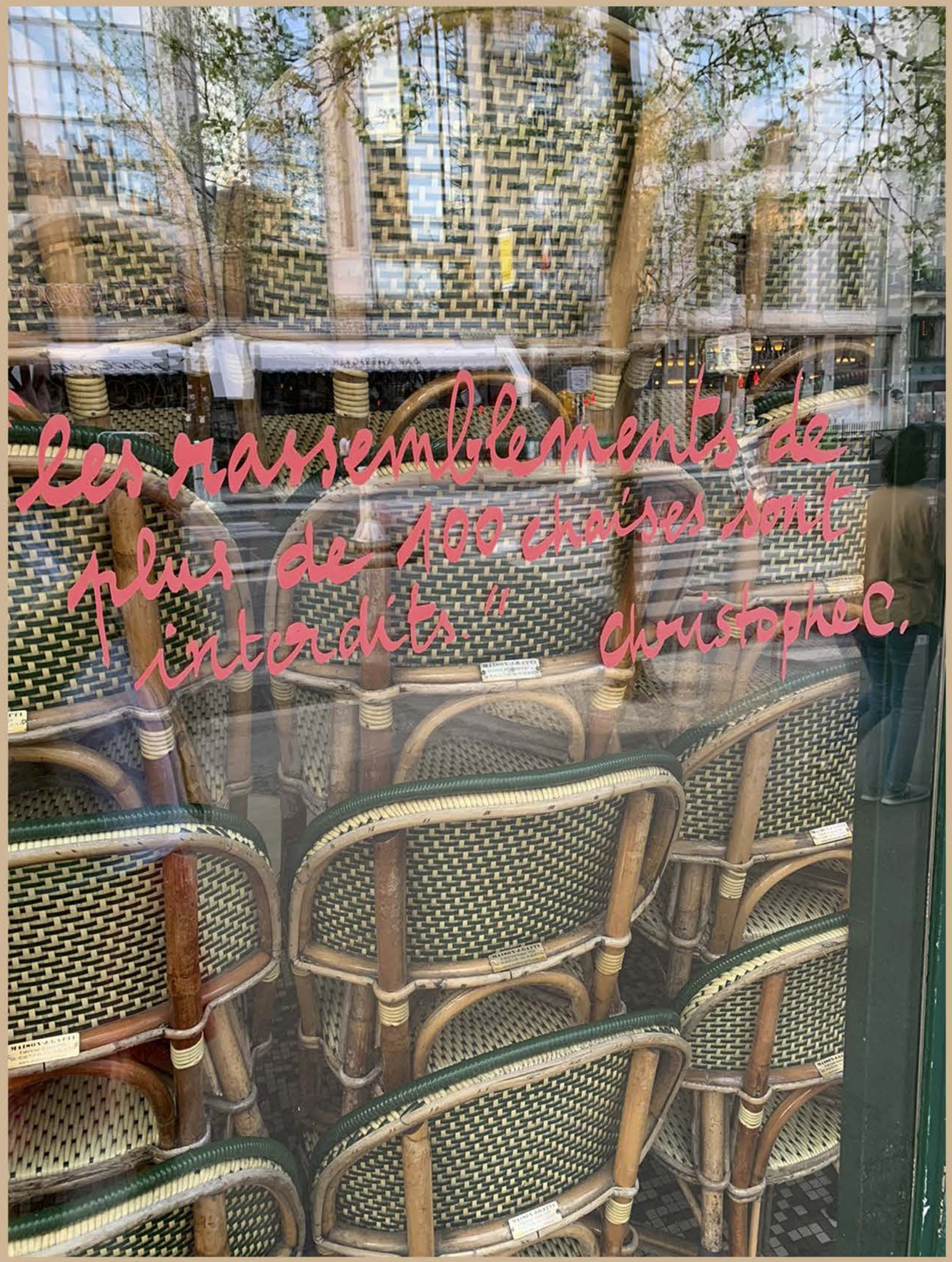
máscaras*
*não, estou brincando!



de licença em Wuhan
até novo pronunciamento



bunker gratuito
se estiveres com máscara



"os agrupamentos de mais de 100 cadeiras estão proibidos"



fique em casa, merda



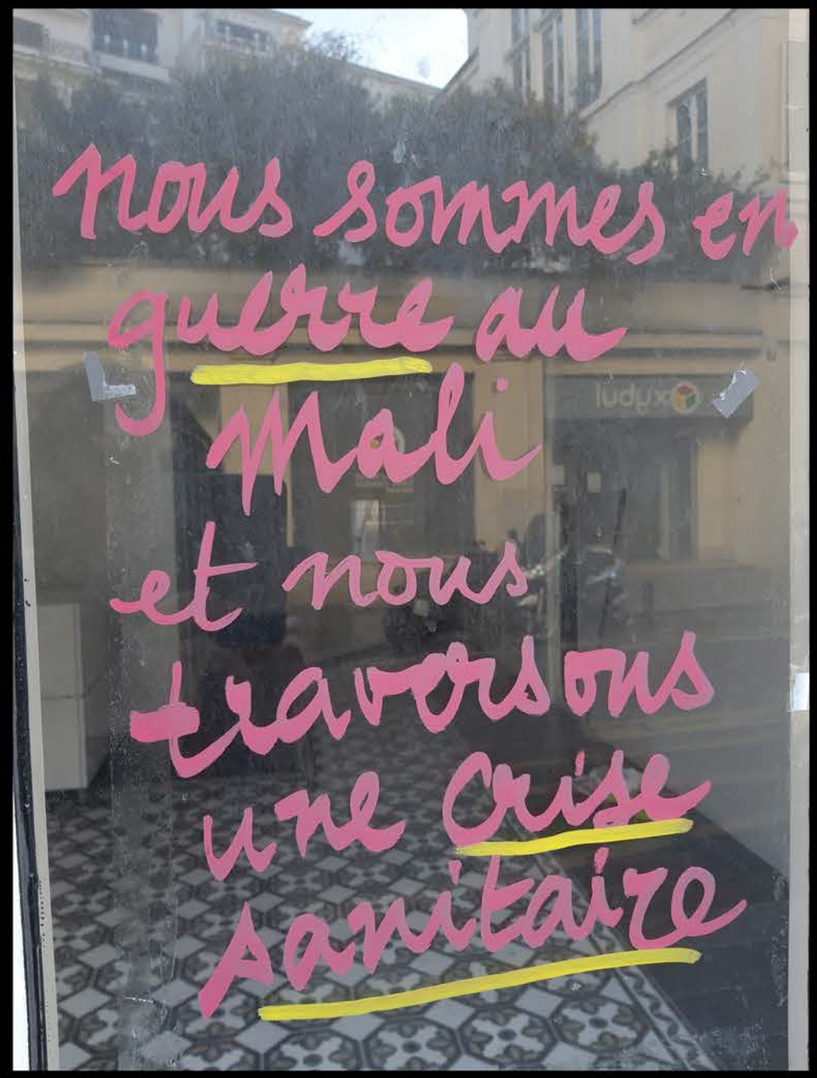
e tuas luvas, vovozinho? não tem obrigado, Macron



nós não estamos
em guerra



nós não estamos
em guerra*
* bah, sim!
no Mali



nós estamos em
guerra no Mali
e nós atravessamos
uma crise sanitária

Il y a peut-être eu du retard sur la prise de décision concernant le confinement.

talvez teve um atraso na decisão sobre o confinamento

sai ! vem nos salvar ! - ok, a mulher é mitomaníaca

SORS ! viens nous sauver !

ok, la meuf est mytho

SIMON

COIFFEUR DE FAMILLE



sabão de Marseille
à base de cloroquina

Alexsânder Nakaóka Elias [1]

Imagens e(m) pandemia: passagens-tempo

Resumo: Este trabalho busca elucidar, por meio de fotografias produzidas em agosto de 2020 no distrito de Barão Geraldo/Campinas, a minha perspectiva da longa quarentena vivida no Brasil devido à pandemia da Covid-19. Após mais de 130 dias saindo de casa exclusivamente para realizar compras básicas, essa experiência fotográfica serviu para perceber que, se para mim a crise sanitária significa uma espécie de suspensão espaço-temporal da vida, para muit@s ela segue em estado de (semi)normalidade, seja pela recusa por reconhecer a gravidade da situação e/ou pela necessidade financeira de ter que continuar exercendo os seus ofícios.

Palavras-chave: Antropologia Visual; Antropologia da Imagem; passagem; anti-flâneur; pandemia; tempo.

Imágenes y (m) pandemia: el paso del tiempo

Resumen: *Este ensayo busca dilucidar, a través de fotografías producidas en agosto de 2020 en el distrito de Barão Geraldo / Campinas, mi perspectiva de la larga cuarentena vivida en Brasil debido a la pandemia del Covid-19. Después de más de 130 días saliendo de casa exclusivamente para compras básicas, esta experiencia fotográfica sirvió para darme cuenta de que, si para mí la crisis de salud significa una especie de suspensión espacio-temporal de la vida, para muchos todavía está en un estado de (semi) normalidad, ya sea por la negativa a reconocer la gravedad de la situación y / o por la necesidad económica de seguir ejerciendo sus funciones.*

Palabras-clave: *Antropología visual; Antropología de la imagen; paso; anti-flâneur; pandemia; hora.*

Images and (in) pandemic: passages-time

Abstract: *This essay seeks to elucidate, through photographs produced in August 2020 in Barão Geraldo/Campinas, my perspective about the long quarantine lived in Brazil due to the covid-19 pandemic. After more than 130 days of leaving the house exclusively for basic purchases, this photographic experience serves to realize that, if for me a health crisis means a kind of space-temporal suspension of life, for many others it remains in a (semi)status of normality, either by the refusal to recognize the seriousness of the situation and/or by the financial requirement to keep working.*

Keywords: *Visual Anthropology; Anthropology of Image; passage; anti-flâneur; pandemic; time.*

1 - Pesquisador do LA'GRIMA (Unicamp), NAVISUAL (UFRGS), LEPPAIS (UFPel) e VISURB (Unifesp)
https://orcid.org/0000-0001-6746-0464
http://lattes.cnpq.br/9631991512840338

De que maneira lidar com o desejo de flanar pela cidade — como nos convida a fazer Walter Benjamin (1989, 1995) –, em pleno contexto de pandemia? Como fotografar “uma passante” (Baudelaire, 1985) em meio à multidão, quando a vida em quarentena se arrasta por quase meio ano, o número oficial de vidas ceifadas pela Covid-19 ultrapassa 123 mil pessoas somente no Brasil, e a situação sanitária do país escapa completamente ao controle de um (des)governo federal, que insiste em ignorar e refutar evidências científicas?

Tendo como ponto de partida tais questionamentos, Didi-Huberman (2018) parece nos mostrar uma instigante pista a ser trilhada quando investiga o que denomina de “aperçues” ou “apercebenças”. Tais fenômenos seriam constituídos por essas “coisas passantes”, “apercebidas de relance”, que acontecem no tempo de um piscar de olhos e que desapareçam em uma combinação de temporalidades distintas, deixando para nós — no presente –, reminiscências (passado) ou rastros de um desejo (futuro). Para o autor, algumas fotografias revelam esses fenômenos, acontecimentos, “vagalumes” (Didi-Huberman, 2011), essas pequenas luzes e “falenas” (Didi-Huberman, 2015), nos levando a pensar que tais imagens podem constituir um conteúdo para “aperceber” o mundo, uma circunstância do olhar que consiste em “aperceber uma imagem na ocasião”. Portanto, com as noções de “passante” e “apercebenças” em mente, resolvi me aventurar pelas ruas após mais de 130 dias confinado (saindo exclusivamente para compras básicas), talvez arriscando a minha integridade física para descobrir o novo cotidiano do Distrito de Barão Geraldo (Campinas/SP), onde fica sediado o principal campus da Unicamp e, com o material imagético produzido, realizar experimentações fotográficas.

Era dia 07 de agosto de 2020. Com meu corpo e meu olhar “armado” por uma câmera, nos termos de Dziga Vertov, percebi que, em meio ao caos da crise sanitária, social, econômica, humana e ecológica que vivenciamos no país, múltiplas concepções, temporalidades e subjetividades convivem e se chocam. Enquanto muitos, como eu, estão imersos numa espécie de suspensão espaço-temporal, outros seguem em estado de semi-normalidade, seja por opção e recusa em reconhecer a gravidade da situação, endossada por um presidente omisso e negligente; seja pela necessidade financeira de ter que continuar exercendo os seus ofícios; ou, ainda, por ambos os motivos.

Marcado pelo fluxo constante de milhares de estudantes, o distrito de Barão Geraldo possui uma população flutuante e atualmente reduzida, já que muitos deles retornaram para as suas cidades de origem durante a pandemia. Se, por um lado, o comércio local chega a beirar o ordinário, sendo possível ver vári@s transeuntes andando sem máscara; por outro lado circula no Campus Universitário um número restrito de alun@s que, juntamente com alguns servidores públicos, não puderam interromper as suas atividades. Como resido e transito pela região há mais de 10 anos, por prudência e comodidade fui ao encontro de interlocutor@s conhecid@s que trabalham em estabelecimentos no centro de Barão Geraldo. Esta opção facilitou a produção das imagens, realizadas salvaguardando um considerável distanciamento físico, já que sempre me posicionava na porta de entrada/saída das lojas.

Pelo temor da contaminação ter me acompanhado durante essa experiência, tensão que resta visível nas fotografias, nessa “flânerie” (Benjamin, 1995) apressada ou “anti-flânerie”, optei por utilizar médias exposições fotográficas (tempo ou intervalo do obturador entre 1/15–1/60 segundos) e uma técnica conhecida como “zooming” ou “puxada de zoom” (zoom in/zoom out). Esse recurso técnico propiciou uma evitação da exposição demasiada d@as interlocutor@s, o que acrescenta um cuidado ético ao ensaio; além de ressaltar o distanciamento físico entre mim e el@s, o que permitiu múltiplas referências no tratamento visual das imagens, dando a ver movimentos, gestos, poses, passagens, rastros, prolongamentos e condensações do tempo.

De dentro do carro, também realizei fotografias servindo-me da técnica “panning”, com intervalos médios do obturador. Busquei explicitar, dessa maneira, a minha passagem pela urbe, apressada, apreensiva, um percurso prudente, consciente e temeroso, bem distante do deleite do flâneur benjaminiano que, vagarosamente, segue na contramão da multidão. Já nas imagens noturnas feitas na Unicamp, apresento um ambiente muito diferente dos tempos de outrora, quando as aulas presenciais fomentavam uma intensa sociabilidade acadêmica, com a circulação diária de milhares de funcionári@s

e estudant@s. A intensão, nesse caso, foi de trabalhar com longas exposições (mais de dez segundos) para capturar a passagem dos vaga-lumes, isto é, captar os rastros luminosos dos poucos carros e pessoas obrigadas a circular pelo campus.

Na esfera da experimentação, é necessário dizer que o ensaio foi editado em duas partes, que se complementam visualmente. Na primeira, as fotos expõem uma narrativa imagética mais linear, no sentido da leitura ocidental, da esquerda para direita, de cima para baixo, remetendo, ainda, à obra "Balinese character: a photographic analysis" (1942), trabalho fundador da Antropologia Visual realizado por Gregory Bateson e Margaret Mead. Já na segunda parte, composta por dois mosaicos e por um grande "mapa visual" (Elias, 2018, 2020), o intuito foi o de destacar o processo sempre extenuante e necessário de seleção das fotos, além de dar relevo à questão da "montagem" (Warburg, 2010; Eisenstein, 2002a, 2002b) como estratégia e metodologia para relacionar as imagens num sentido constelar, circular, que permite inúmeros percursos e (re)montagens, acentuando, dessa maneira, o caráter potente e polissêmico das fotografias..

Referência

BATESON, Gregory; MEAD, Margaret. Balinese character. A photographic analysis. Nova York: The New York Academy of Sciences, 1942.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa e Hermerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. Rua de mão única. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BAUDELAIRE, Charles. As flores do mal. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIDI-HUBERMAN, George. Sobrevivência dos vaga-lumes. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

_____. Falenas: Ensaios sobre a aparição. Lisboa: KKYM, 2015.

_____. Imagens-ocasiões. Trad. Guilherme Ivo. São Paulo: Fotô Editorial, 2018.

EISENSTEIN, Serguei. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002a. (Original publicado em 1942).

_____. A forma do filme. Rio de Janeiro, Brasil: Jorge Zahar Editora, 2002b. (Original publicado em 1929).

ELIAS, Alexsânder Nakaóka. Dupla imagem, duplo ritual: a Fotografia e o Sutra Lótus Primordial. Tese (Doutorado em Antropologia Social) — PPGAS-IFCH, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

_____. Mapa visual: a (des)montagem como experimentação antropológica. Revista Iluminura. Porto Alegre, v. 21, n. 53 p. 39–66, 2020.

Warburg, Aby. Atlas Mnemosyne. Madrid: Editora Akal, 2010.



















PROCON
Campinas
Temos
disque 151








HURLEY


CANECAS 30.00
RAPADURINHA
CARDS HOUSE
Bel Nuts





















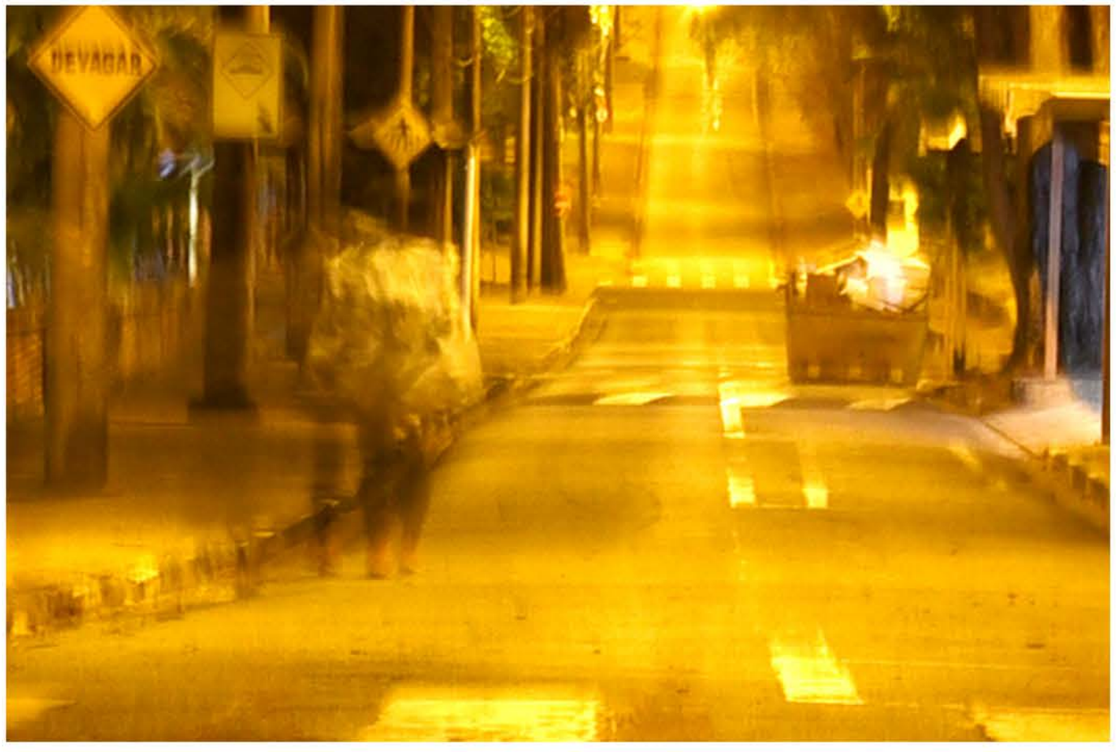

BEM-VINDO
Biblioteca Central Cesar Lattes
BIBLIOTECA CENTRAL CESAR LATTES



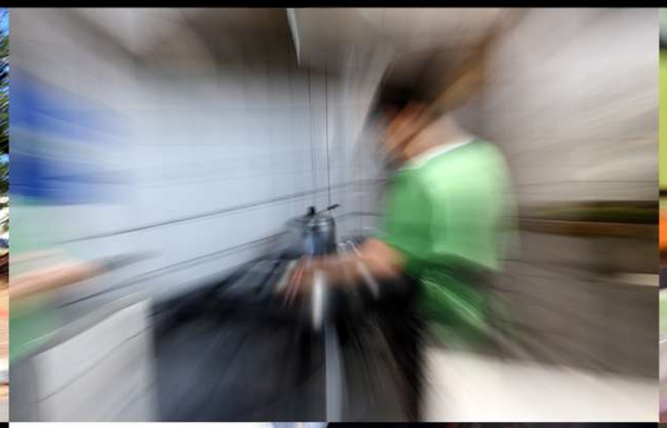


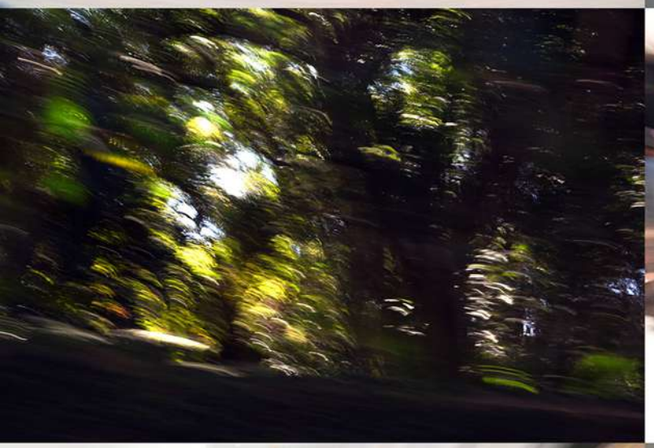




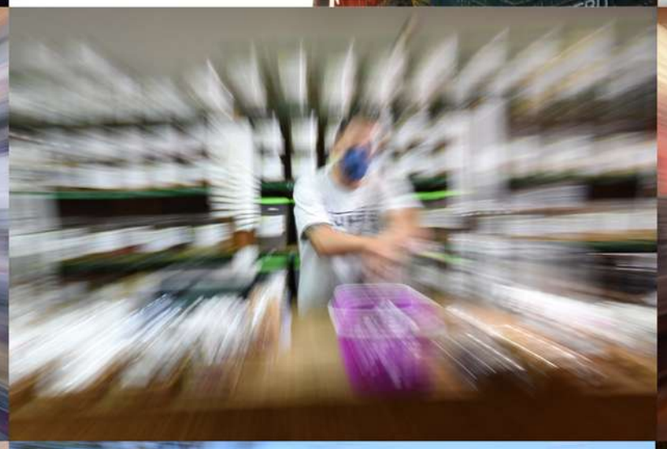

DEVAGAR

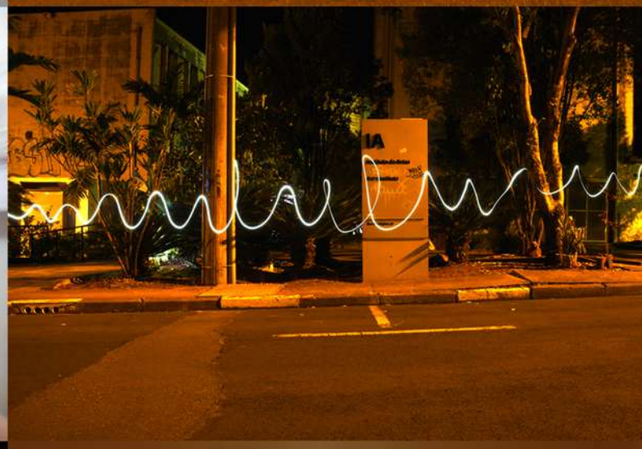

educatex
SEGURANÇA
SEGURANÇA



























Jesus Marmanillo Pereira [1]

Vazios e concentrações na metrópole pandêmica: Imperatriz-MA seus medos e suas ruas

Resumo: As concentrações e vazios são aspectos que marcaram a maneira como Simmel observava as metrópoles e cidades italianas. Como um tipo de estética das emoções urbanas, o autor nos convida a refletir sobre nossas próprias sensações e estímulos, quando observamos ou caminhamos nas cidades. Nesse viés, a presente narrativa buscou contextualizar uma linguagem imagética de viés simmeliano, na produção de uma etnografia de rua relacionada às concentrações, vazios e sociabilidades que marcaram as etapas de vazios e concentrações- desenvolvidos ao longo do período pandêmico na cidade de Imperatriz-MA.

Palavras-chave: Antropologia Visual, Sociabilidades, Pandemia

Vacíos y concentraciones en la metrópolis pandémica: Imperatriz-MA tus miedos y tus calles

Resumen: *Las concentraciones y los vacíos son aspectos que marcaron la forma en que Simmel observó las metrópolis y ciudades italianas. Como una especie de estética de las emociones urbanas, el autor nos invita a reflexionar sobre nuestras propias sensaciones y estímulos, cuando observamos o caminamos por las ciudades. En este sesgo, laLa presente narrativa visual buscó contextualizar un lenguaje imaginario de sesgo inspiración simmelianao, en la producción de una etnografía callejera relacionada con las concentraciones, vacíos y sociabilidad que marcaron las etapas de vacíos y concentraciones - desarrolladas a lo largo del período pandémico en la ciudad de Imperatriz-MA.*

Palabras-clave: *antropología visual, sociabilidades, pandemia.*

Empty and concentrations in the pandemic metropolis: Imperatriz-MA your fears and your streets

Abstract: *Concentrations and voids are aspects that marked the way Simmel observed Italian metropolises and cities. As a kind of aesthetic of urban emotions, the author invites us to reflect on our own sensations and stimuli, when we observe or walk in cities. In this bias, the present narrative sought to contextualize an imaginary language of Simmelian bias, in the production of a street ethnography related to the concentrations, voids and sociability that marked the stages of voids and concentrations — developed throughout the pandemic period in the city of Imperatriz-MA.*

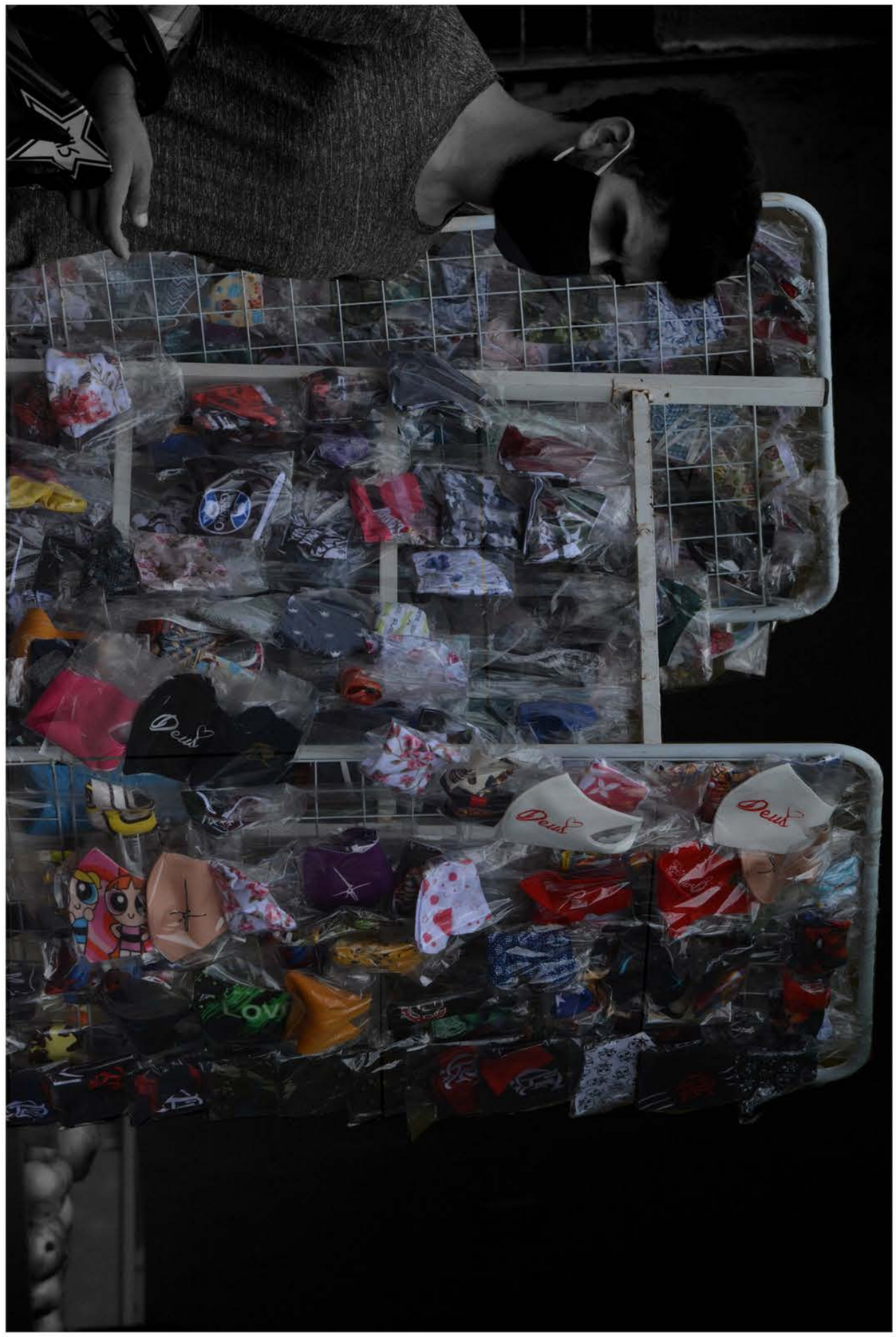
Keywords: *Visual Anthropology, Sociabilities, Pandemic*

1 - Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia (LCH) e Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS da Universidade Federal do Maranhão)
jesusmarmans@gmail.com
https://orcid.org/0000-0001-5220-5567
http://lattes.cnpq.br/1961690584395600

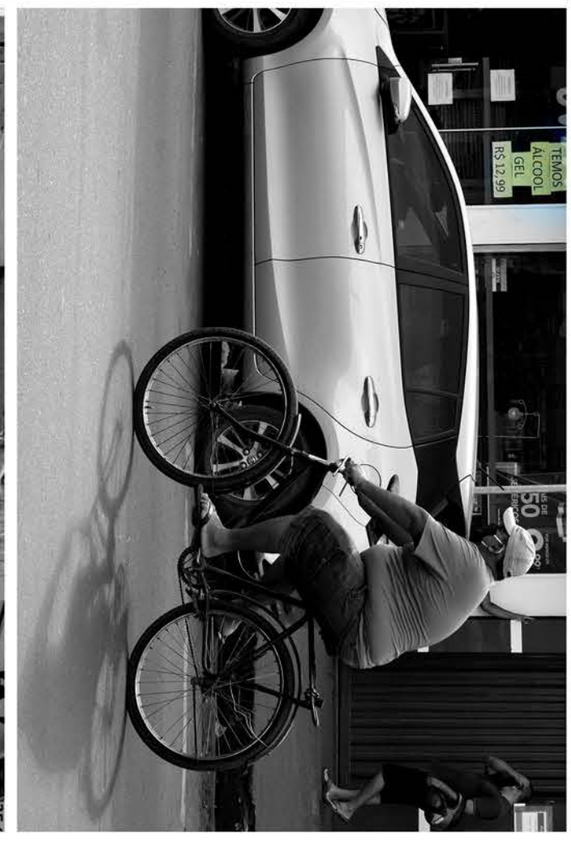

FAÇA SEU PEDIDO PELO WHATSAPP
99 99224-6204 / 99 98424-4882
ENTREGA PROGRAMADA
PROIBIDO
OBRIGATÓRIO
PERMISSÃO
EMPURRE

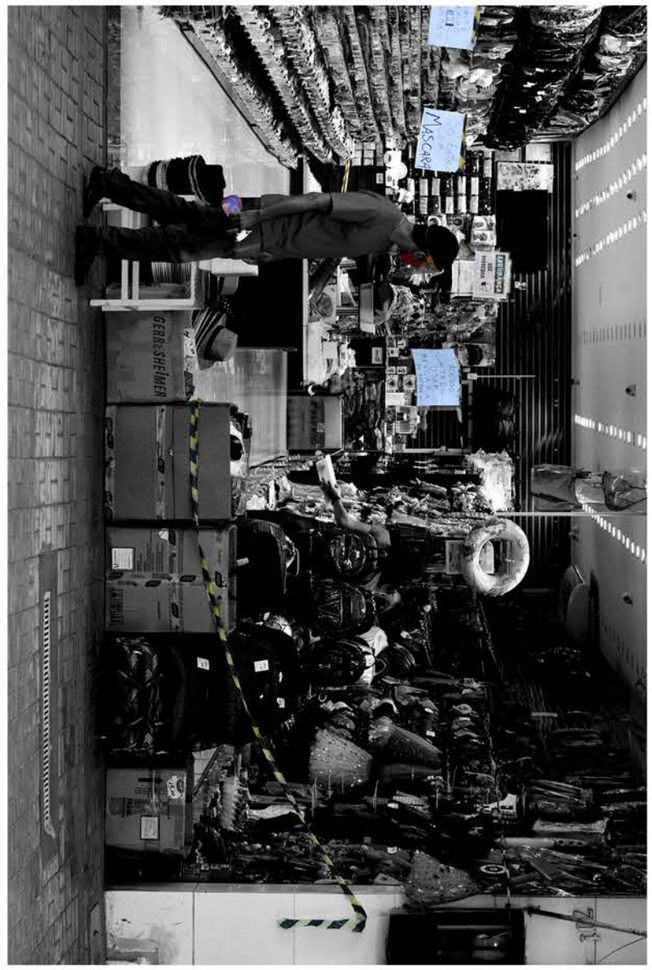





Deus
Deus
Deus

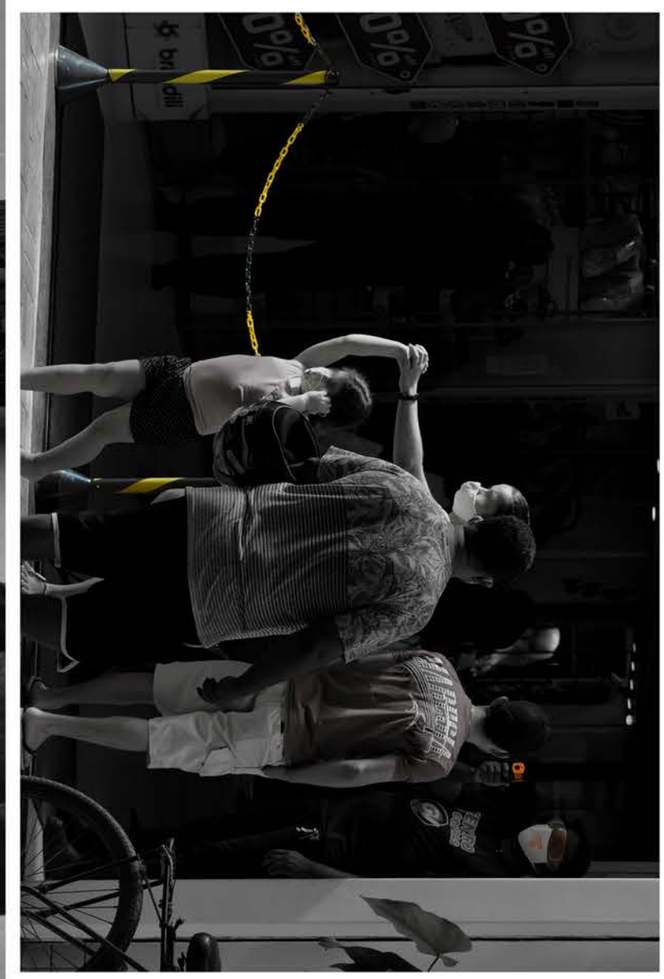



TEMOS
ALCOOL
GEL
R$ 12,99


GERRESHEIMER




PREVINA-SE!
Mantenha a distância!



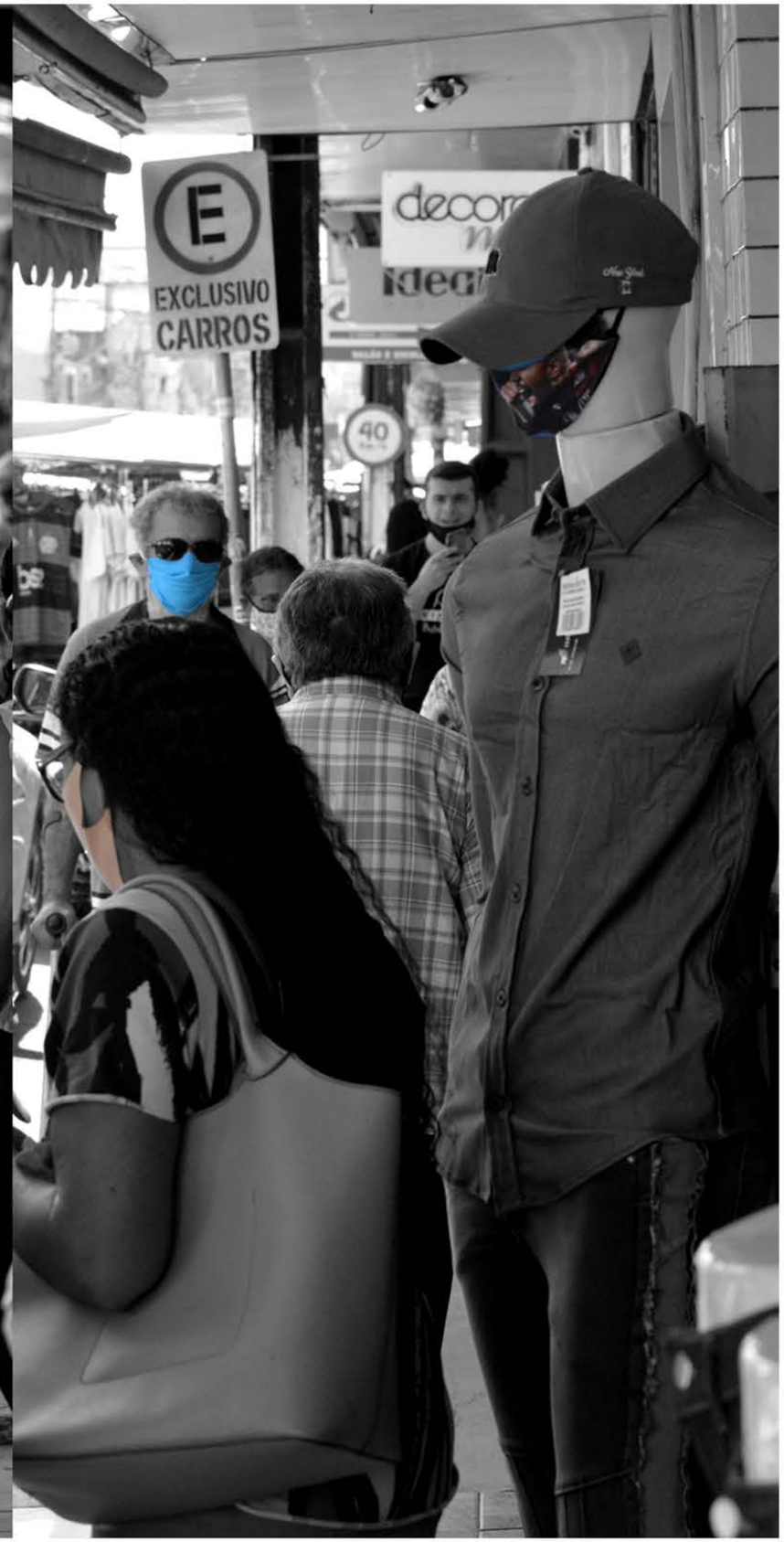



PAPELARI
EXECUTIV
XERO
ENCADERNAÇ
EMPLASTIFICA
3523-2381
megainfo


megainfo
megainfo.oficial
www.megainfo.com.br
40
Km/h
RUA
RIO GRANDE DO NORTE
EXCLUSIVO
MOTOS


Ortobom
Ortobom
Ortobom
Ortobom


EXCLUSIVO
MOTOS


EXCLUSIVO
CARROS
40

ETNOGRAFIAS DO CONFINAMENTO

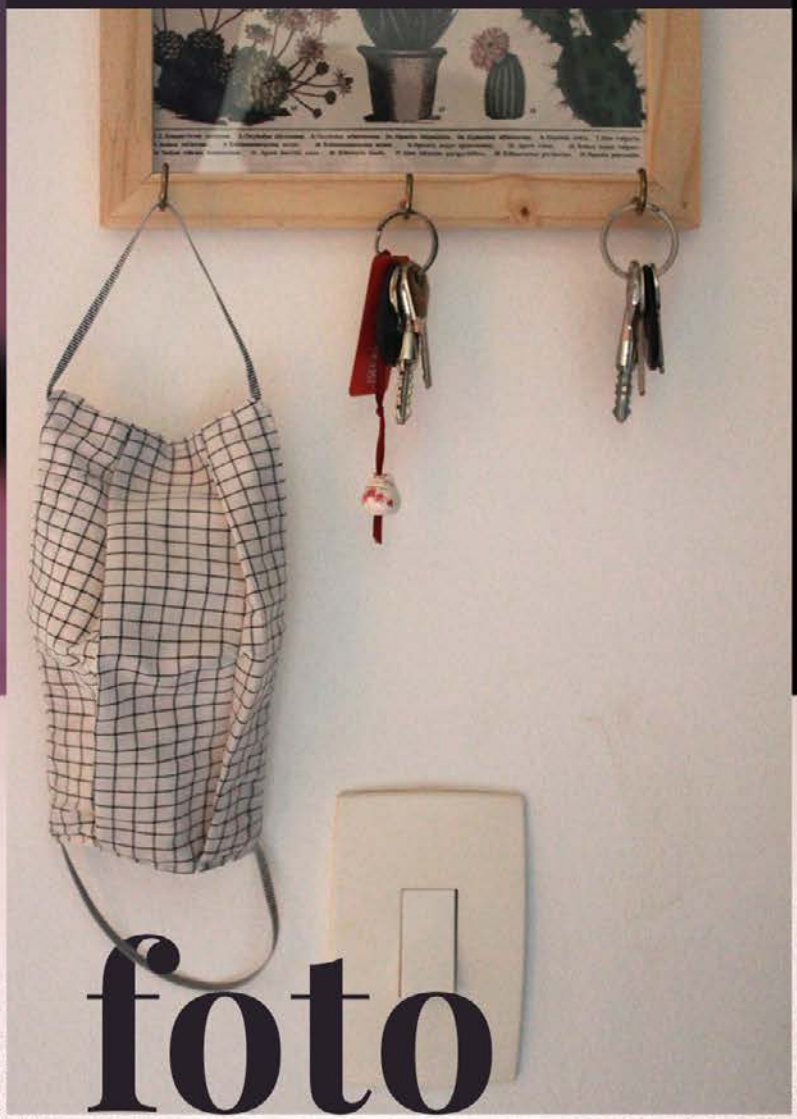


foto *crono* grafias

EDIÇÃO ESPECIAL

ACESSE EM MEDIUM.COM/FOTOCRONOGRAFIAS